

Kamallio Ortigas

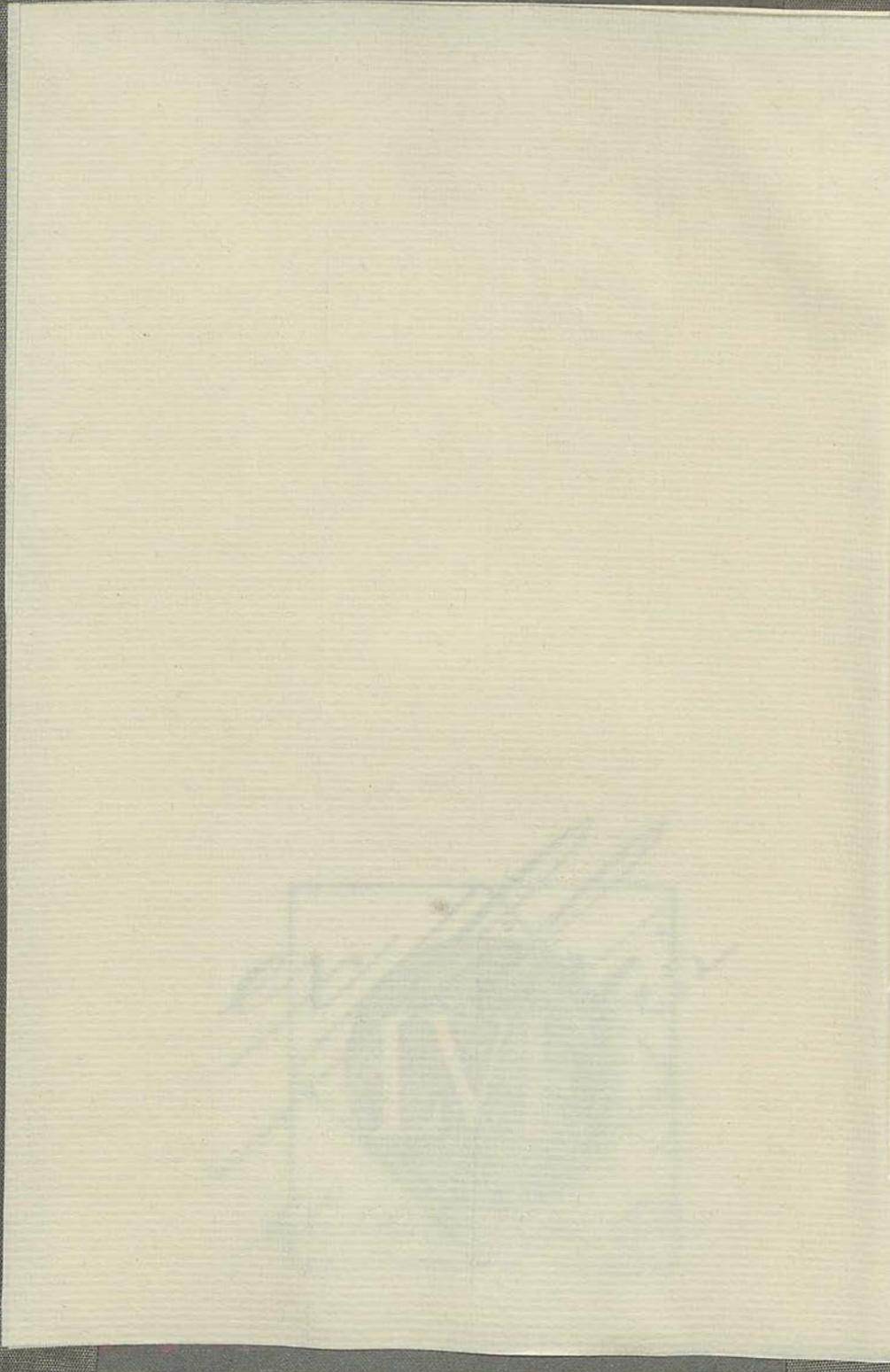


AS

FARPAS

VOLUME 10

EDITORIA
LISBOA



AS FARPAS

Typ. da Companhia Nacional Editora—Rua da Rosa, 309.

(D)
Ambr
RAMALHO ORTIGÃO

Vidal
AS FARPAS

TOMO X

ASPECTOS VARIOS

53-96

234

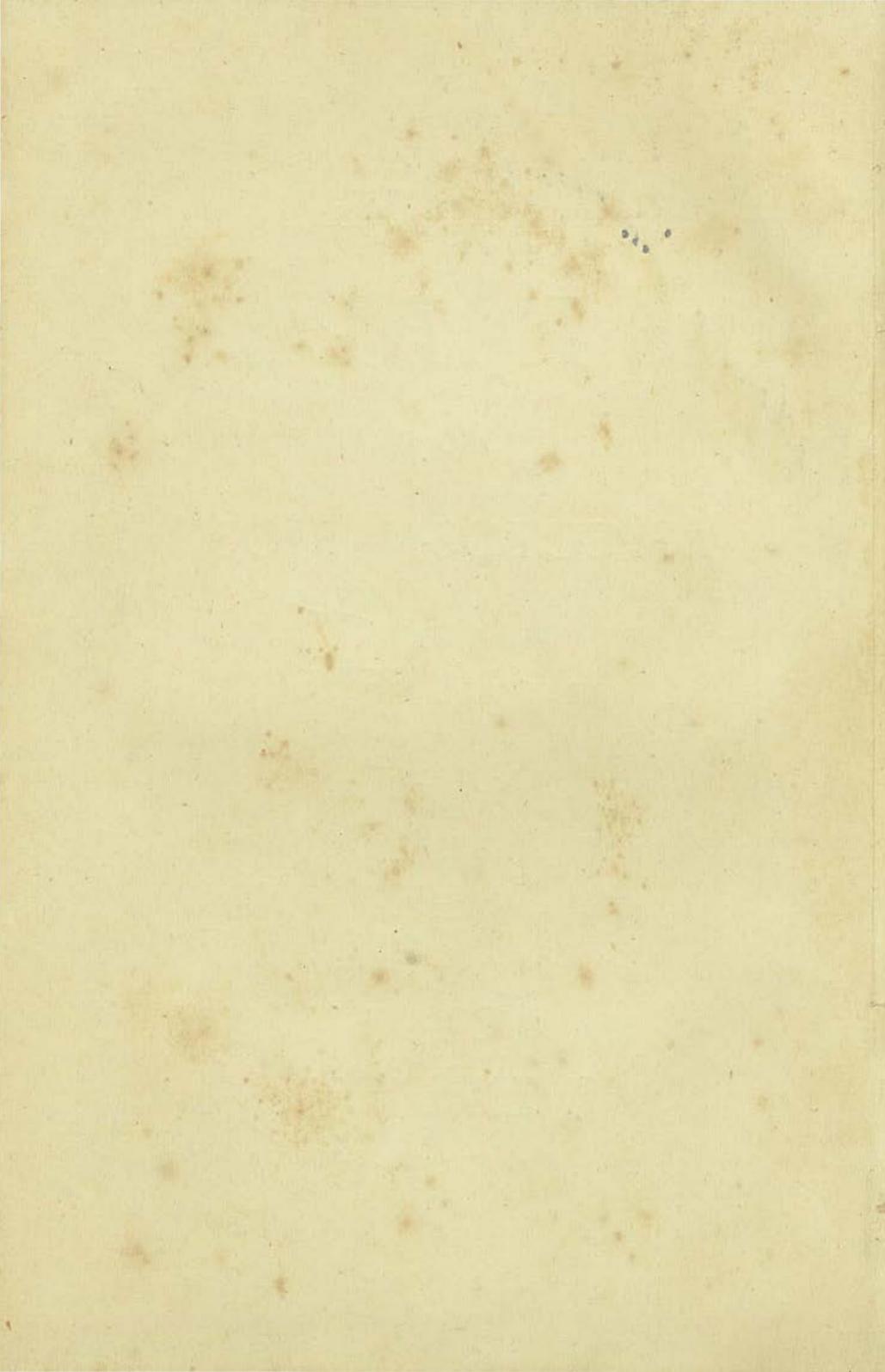
DA SOCIEDADE,
DA POLITICA, DA ADMINISTRAÇÃO



COMPANHIA NACIONAL EDITORA

40, Rua da Atalaya, 52, Lisboa





Francisco de Almeida

I

A SUA MAJESTADE O IMPERADOR DO BRAZIL, VIAJANTE EM PORTUGAL. — Senhor, dirigindo a Vossa Majestade estas letras obscuras e humildes, que Vossa Majestade já nos não fará a honra de lêr senão depois de regressado ao seio da sua patria, pedimos a Vossa Majestade que haja por bem consentir que deante de Vossa Majestade nos inclinemos respeitosa-mente e que, na falta de quem nos apresente, ou-remos nós mesmos apresentar-nos a Vossa Majestade.

Somos, Senhor, os dois unicos homens que Vossa Majestade não viu em Portugal. São innumer- os titulos que n'esta occasião poderiamos exhibir das categorias — que não temos. E passamos a men- cionar alguns d'esses titulos:

Não somos deputados da nação; não somos empregados publicos; não somos academicos; não somos negociantes; não somos proprietarios. Tem Vossa Majestade deante de seus olhos dois sujeitos que, a não temerem mostrar-se immodestos, poderiam provar a Vossa Majestade que—não são nada. Vossa Majestade vae ficar certamente maravilhado de que existam n'este reino dois portuguezes tão assignaladamente illustres como nós. Agradecemos profundamente a Vossa Majestade a sua amavel surpresa...

—Como assim! exclamará indubitavelmente Vossa Majestade, procurando extender os braços por cima do Oceano para nos cingir ao seu peito. Não é isto, ó mancebos, uma mystificação que queiraes fazer ao viajante de boa fé, que ainda ha pouco atravessou incognito a vossa patria?... Juraes-me, ó grandes homens, que effectivamente não sois nada?!...

Nós (*no Aterro, com o rubor da modestia nas faces, recuando de olhos baixos*). Sim, senhor! Nós o juramos.

VOSSA MAJESTADE (*extactico*). Nada! Não ser nada!... Em Portugal não ser nada—Oh!—é realmente muito! E como? como em annos tão verdes, ó incomparaveis moços, conseguistes tão robusta e solida posição social?

Nós (*com a nobre resolução da sinceridade*). Senhor! á fôrça de muita somma de talento.

VOSSA MAJESTADE (*de lá*). A mim já! a mim immediatamente! Vinde para a Tijuca, entrae na minha côrte, vinde repousar as vossas frentes assignaladas debaixo das sombras virentes, ao respiro tropical da natureza em que o amollecido indio se embala e em que o sabiá gorgeia!

Nós (*solemnes, com a mão no coração*). Oh! nunca! Não tente Vossa Majestade seduzir-nos com a offerta de honras e de thesouros, a que aliaz nos reconhecemos com direito, mas de que não nos determinamos a tomar posse. A nossa patria — coitadinha! — nunca se habituaria a viver sem nós. Consinta pois Vossa Majestade que continuemos, cheios de abnegação e de gloria, os nossos passeios pelo Aterro.

VOSSA MAJESTADE (*profundamente desgostoso*). Ah! céos, que pena! E eu que os não conheci!

E foi realmente pena, senhor, que nos não conhecessemos! Que se lhe ha de agora fazer! Se não receassemos aggravar no coração de Vossa Majestade um cruel remorso, diriamos que, tambem, não podemos explicar como estando em Lisboa, Vossa Majestade não tivesse nunca a lembrança de vir por ahi um dia, jantar connosco, ao acaso da pannela!

Teríamos conversado muito, e chegaríamos talvez a entender-nos em muitos pontos. Estava bem longe de repugnar-nos a convivencia de Vossa Majestade. Já de França, senhor, tinha Vossa Majestade vindo recommendado á nossa estima pelos odios do sr. Veillot.

—Veillot que embirra com Elle, tinhamos nós dicto ao lêr o *Univers*, é porque Elle tem merecimentos... Veillot, o beato vermelho! o papista *sans-culotte!* o grosso aguadeiro de agua benta!...

Oh! Vossa Majestade não imagina como nós detestamos Veillot, o inimigo de Vossa Majestade!

Depois, em Portugal, não esteve nunca viajante que mais nos devesse interessar. Nascido e creado no Brazil, dentro do mais apertado e incómodo regimen da etiqueta imperial, acabava Vossa Majestade de descer pela primeira vez do throno, onde deixava a sua purpura, o seu sceptro, a sua esphera armillar bordada a ouro em fundo verde, e o seu ar de occasião, o qual ar de occasião tinha sido tristemente para Vossa Majestade o ar de toda a sua vida! E, a seguir, Vossa Majestade entrava n'um paquete, no alegre e pittoresco movimento do tombadilho, nas conversações da camara á hora do jantar, nos passeios ao luar sobre a tolda, e nos embalados somnos do beliche, onde se escuta o bater do helice e o cachoar da onda no costado do navio. Depois

desembarcar n'um extranho clima, um novo céu, novos aspectos de luz, de vegetação e de paizagem, pôr o pé no caes, saltar em terra, e achar-se livre, inteiramente livre, entregue, como qualquer homem, a si mesmo, á sua vontade, ao seu pensamento, aos seus caprichos, e até aos seus defeitos, se os tem! Como deve saber tem isto a um rei! Dedicar-se burguezmente ás suas cousas pessoases, como o cidadão mais obscuro e mais feliz: metter o dinheiro em ouro na algibeira do collete, metter o dinheiro em cobre na algibeira das calças, o passaporte no bolso do paletot, botas largas com duas solas, chapéo baixo, um grande guarda chuva, e toca a entrar pelo velho mundo dentro, com a sua mulher pelo braço, um *Guia do viajante* em punho, e a mala na mão!

E ainda extranharam que Vossa Majestade a não largasse — a mala!

Pudera largal a!... Um homem como Vossa Majestade, quieto desde que nasceu em cima de um throno, com um sceptro em punho, que melhor, que mais regaladamente pode descançar a mão do que segurando n'ella a sua mala!

O sceptro quer dizer: «Diverti vos, ó vós que passaes; eu para aqui estou!» A mala quer dizer: «Arranjae-vos como puderdes, ó vós que permaneceis; eu cá vou-me embora.»

A mala é a antithese do sceptro. Um escravisa, a outra liberta.

O rei Leopoldo da Belgica gostava tanto de malas que até as mettia nos discursos: «Vejam lá, meus senhores, dizia elle á assembléa de 1848; se não estão satisfeitos, eu tenho a minha mala feita!» phrase que hoje seria inutil, porque, como Vossa Majestade sabe, não ha agora rei nenhum que não tenha preparada a mala. Vossa Majestade percorrendo a Europa sem nunca se separar da sua mala, mostrou com grande tacto que não precisa de que ninguem lhe ensine que este objecto de viagem não é já considerado pelos reis sabios, como em 1848, uma simples figura de rhetorica.

Vindo a Portugal, depois de ter percorrido a França, a Italia, a Inglaterra e a Allemanha, fez-nos Vossa Majestade o sympathico effeito d'aquelles que, visitando um grande predio, querem depois de vistas as salas nobres e os espaçosos apartamentos lustrosos e brilhantes, que se lhes mostrem egualmente aquelles quartos escuros, baixos e esconsos que estão sempre fechados, e onde não vae ninguem.

Fez-se a vontade de Vossa Majestade, patenteadose-lhe no remate da sua viagem o interior da agua-furtada da Europa.

Querem dizer alguns dos inquilinos d'esta mo-

desta trapeira que Vossa Majestade poderia ter lhes feito a galantaria de se considerar um pouco mais constrangido perante o deslumbramento das pompas hypotheticas do tugurio lusitano.

Nós pela nossa parte entendemos que Vossa Majestade andou bem, e que é demasiadamente exigente a nossa patria pretendendo que, para ser amavel com ella, Vossa Majestade se violentasse até o ponto de se lhe mostrar como não é.

Vossa Majestade pois, segundo nós, andou bem.

Andou bem não vestindo casaca senão para o concerto no Paço, e não pondo gravata branca absolutamente nunca. Assim mostrou Vossa Majestade conhecer profundamente o paiz em que estava, no qual as mais roncorosas divergencias que conturbam as instituições procedem principalmente do modo como cada um dá o nó da sua gravata de etiqueta. Notou decerto Vossa Majestade que o unico homem publico com quem todos os partidos se conciliam é o sr. marquez de Avila: a razão é que este cavalheiro tem em toda a sua vida escondido sempre a gravata debaixo de um astuto *cache-nez*.

Andou bem pedindo com expressivo empenho que aos seus jantares se servisse orelheira de

porco com feijão branco. A orelheira de porco é effectivamente mais do que um mero pitéo. A orelheira de porco — com feijão branco sobretudo — é uma instituição nacional; é uma philosophia; diremos mais, Senhor: a orelheira de porco é uma fatalidade geographica, como o clima e o solo.

Em Portugal metade das cousas que succedem explicam-se pelas condições climatericas, pela situação e pela configuração do paiz; todas as outras cousas se explicam pela orelheira e pelo feijão branco.

Viu Vossa Majestade em Inglaterra os homens sanguineos, de elevada corpulencia e de rijos musculos, que caçam a raposa, que remam e que jogam o cricket durante um dia inteiro, supportando as maiores fadigas, falando pouco e deliberando justo; viu as mulheres loiras, solidamente constituídas, de fortes maxillas e de grandes pés, que dão vinte filhos sem ficarem doentes, e acompanham valorosamente seus maridos nas mais longas e perigosas viagens, sem terem fadiga nem medo: essa raça é a que se alimenta a *roast-beef*, devorando todos os bois de Portugal, de Hispanha e da Italia.

Em França conheceu Vossa Majestade os homens inquietos, nervosos, faladores, impetuosos, e as mulheres *mignonnes*, franzinas, espirituosas, elegantes e leves: é o paiz das trufas, do vinho de Champa-

gne, do café e de todas as bebidas fortemente aciduladas e gazosas.

Em Italia acharia Vossa Majestade as bellas mulheres flaccidas e brancas, o *dandy* clerigo e o nobre tenor : ahi vigoram os farinaceos e os lacticinios.

Em Hispanha existe o *arranque*, o pandeiro e a faca, o fandango e a revolução : é o paiz do Valle de Peñas, do chocolate e do pimentão.

Em Portugal encontrou se Vossa Majestade com uma população triste, lymphatica, gorda, molle, indolente; na litteratura e na poesia antiquados e paranas; na sciencia duvidosos, hesitantes ou resistentes; na *toilette* soturnos; na convivencia silenciosos e lugubres; na politica conservadores e constitucio-naes;—sempre os resultados determinantes da tradicional e patriotica combinação da orelheira de porco e do feijão branco, tão grata, como dos papeis publicos consta, ao imperial paladar de Vossa Majestade.

No íntimo da substancia vital de todo o portuguez ha um centro organico de feijão e de orelheira. N'uns é o suino que predomina; em outros é o farinaceo que sobrepuja. Temos temperamentos simples—*feijão* ou *orelheira*, e temos temperamentos combinados, *orelheira-feijão* e *feijão-orelheira*. O sr. Barros e Cunha, por exemplo, é puro feijão branco; o sr. Osorio de Vasconcellos é a extreme

orelheira. No partido reformista predomina a influência da orelheira de porco: repare-se no sr. bispo de Vizeu. No partido historico sobrenada o feijão branco: veja-se o sr. Anselmo Braamcamp.

Os viajantes praticam uma temeridade em se deixarem imprudentemente impregnar de um acepipe tão absorvente e preponderante. Vossa Majestade é porventura o unico soberano a quem uma tal imprudencia não pode ser fatal: o paiz da mandioca e do feijão preto não extranha as secretas influencias da cozinha, em visita ao paiz do feijão branco e da orelheira. N'este particular, pois, entendemos ainda que andou bem Vossa Majestade.

Andou egualmente bem Vossa Majestade em viajar incognito e em adoptar a pseudonymo de sabio.

Por muitas razões.

Em primeiro logar nada favorece mais o incognito do que a sabedoria. Um sabio commedido, arranjado, prudente, discreto, tem quasi a certeza de passar em toda a parte desconhecido.

Depois a sabedoria é immensamente commoda em viagem. Leva-se em qualquer parte. Não faz bulha, não tem cheiro, não aperta os pés, não obriga a despesas de representação, inspira os gostos simples e os desejos moderados... Oh! a modera-

ção dos desejos, como ella é difficil de guardar! Em Pariz, por exemplo: o viajante que não é sabio chega ao *Grand Hotel* ou ao *Hôtel du Louvre*, toma o seu banho, veste-se, perfuma-se, sente aquelles vagos e exparsos rumores do boulevard condensados por Offenbach na musica das suas operetas, desce á rua e começa a desejar mil cousas indefinidas e desmanchadas. Vossa Majestade pelo contrario chegou a Pariz, e que foi que lhe appeteceu logo, de um modo claro, terminante, positivo? Appeteceu-lhe hebraico. Trouxeram lhe hebraico. Vossa Majestade libou o severo idioma biblico dos patriarchas, e sentiu-se refrigerado e satisfeito. Ora ousamos supplicar humilde e respeitosaente a Vossa Majestade que haja por bem considerar se seria capaz de conseguir resultados tão cabalmente satisfatorios tendo escolhido qualquer outro character de incognito, que não fôsse aquelle que Vossa Majestade escolheu!

A sabedoria tem ainda isto de bom: que dispensa muita cousa no viajante; dispensa o ar; dispensa a *toilette*; dispensa todos os pequenos talentos de *touriste*: o desenho, a gymnastica, a equitação, o jôgo das armas: dispensa ainda os ligeiros deveres de salão; conversar, falar com senhoras, achar rélicas, ter dictos, fazer musica, fazer companhia, saber estar, possuir a linha elegante e o rasgo espi-

rituoso. A sabedoria finalmente dispensa tudo: dizem até que chega a dispensar as cousas mais precisas em viagem—o banho e a roupa branca.

Oh! sabedoria, sabedoria!

De resto, senhor, a antiga elegancia tradicional dos cavalheiros europeus, esse misto de galantaria e de valor, que distinguiu uma raça de privilegio, — como um laço bordado posto pelas mulheres na empunhadura de certas espadas, com grave menospreço e desdouro para a concorrência das togas e das pennas, — essa elegancia desapareceu ha muito do nosso velho mundo. Substituiu-a o *dandysmo*, isto é: a falsificação mercantil e burgueza da primitiva distincção fundada, mais ou menos remotamente, nos caracteres do merito e do valor.

Depois o *dandy*, que era o elegante fingido, foi por seu turno batido e destronado: hoje resta-nos o *crevé*, que é o *jockey* disfarçado.

N'este ponto a sociedade europêa não se acha bem servida.

De onde se segue que é talvez boa a occasião para principirmos a considerar como secundarios todos os prestimos de salão, cerimoniaes e afagantes, que Vossa Majestade deliberou não ter, e a estimarmos directamente os outros dotes mais solidos, que Vossa Majestade possui. Uma cousa mais

meritoria do que sermos o que os outros decidem «que é preciso» é sermos aquillo que nós mesmos entendemos que «se deve ser.»

Já Vossa Majestade estará vendo que nós não somos aquelles arrogantes malevolos em que lhe falaram, mas sim umas modestas pessoas razoaveis e sinceras. As nossas *Farpas* no fim de contas são isto sempre: uma pequena quantidade de ferro, que ordinariamente não servimos em forma de punhal, como se dá aos assassinos, mas sim em pequeninas pilulas para se tomarem em nata perfumada com baunilha, como convem que se receite ás senhoras frageis e anemicas.

Se depois de Vossa Majestade haver recebido no Rio de Janeiro este volume, os seus vassallos o fôrem encontrar, como é natural, derramando sobre estas paginas copiosas lagrimas de arrependimento por nos não ter conhecido, o respeito da verdade obriga-nos a dizer de antemão ao povo brasileiro, que será justificadissimo em tal momento todo o pranto que o seu monarcha determine consagrar-nos.

Vossa Majestade suppoz talvez que viu tudo visitando em Lisboa todos os edificios e todos os monumentos...

Não Senhor. Os monumentos e os edificios pu-

blicos constituem os caracteres communs de todas as cidades. A physionomia especial de cada terra toma-se principalmente no estudo dos individuos e na analyse dos costumes,—uma das missões que nós nos adjudicamos ao encetarmos a publicação d'estes livros.

Agora, senhor, desejando mais especialmente servir a augusta curiosidade de Vossa Majestade, dar-lhe-hemos o traslado de alguns typos das ruas e de alguns dos interiores da cidade. Estes estudos—que fizemos meditando pouco para tambem não forçar Vossa Majestade a reflectir muito,—reunidos com algumas das considerações que a presença de Vossa Majestade nos inspirou—constituem a substancia d'este volume, consagrado a Vossa Majestade, cujas virtudes separamos de tudo, como o objecto mais serio do nosso respeito, e cujos desejos, se Vossa Majestade nol-os quizer algum dia communicar, consideraremos para todos os effeitos como verdadeiras ordens—da Rosa!

Vejamos os typos: discriminemos da sombria e triste multidão lisbonense algumas das individualidades de que ella se compõe.

O mendigo. Sua Majestade, recebeu por occasião da sua primeira passagem em Lisboa, tresentos me-

moriaes de pessoas que pediam esmola. Teria assim tido em quarenta e oito horas uma medida computativa da quantidade de individuos que mendigam n'esta cidade de Ulysses.

Temos em primeiro logar as creanças. Em Lisboa todas as creanças que não são ricas pedem esmola: os paes criam-n'as desde a mais tenra infancia n'essa baixeza degradante. Os pequenos começam por pedir esmola para Santo Antonio; habituam-se n'este exercicio da mendicidade ao divino a que os repillam, os maltratam, os espanquem mesmo algumas vezes. Abatidas assim as primeiras resistencias da dignidade e do orgulho, começam a pedir esmola para si mesmos. A familia sorri aos primeiros lucros d'essas diligencias humilhantes. A final entende-se que isto rende mais do que ir para a eschola ou para o officio, e a familia, deixando desde então de alimental-os, de laval-os e de vestil-os, relaxa-os á commiseração publica.

Ha depois a mulher: a mulher que traz andrajos; a que está de lucto, com um véo, e estende a mão balbuciando; a que vem embrulhada em uma capa e entrega um papel; a que usa chapéo com velhas fitas desbotadas e conta a historia da sua familia, em que houve um desembargador; a que tem creanças; a que tem apenas um rosario; a que pede nas egrejas, sentada nos degraus dos altares;

a que pede em pé junto da pia da agua benta; a que espera defronte das confeitarias.

Depois o homem. Ha innumeradas variedades: o antigo mendigo legendario e pittoresco, de moletas e barba branca, o das portarias dos conventos, das feiras, das romarias na aldeia, das estalagens e das estradas—é o menos commum—; o operario sem trabalho; o chefe de familia; o que vem do hospital; o que precisa de banhos de mar; o que vae para as Caldas; o que abriu uma subscrição; o que diz aos lojistas que passam: «Sr. conde, eu tenho fome! Sr. conselheiro, minha familia não tem pão!» o que pede emprestado; o que pretende embarcar seu filho; o que traz um pequeno chapéo de viagem, a golla da quinzena levantada para cima e as mãos nas algibeiras; o que usa bengala e fato preto; o que anda de calças com presilhas e foi militar; o que se veste bem; o que nos sabe o nome; o que nos sacode com pequenos piparotes familiares o pó da sobrecasaca; o que nos enfia um dedo por uma casa do paletot; o que está vexado; o que pede pela primeira vez, o que nunca mais tornará a pedir. Ao todo a decima parte da população de Lisboa.

Outro typo: o *empregado publico*. Rendimento médio 300 mil réis annuaes. Gasta metade d'esta

quantia na renda da casa; dispende a outra metade na sua *toilette* e na *toilette* de sua mulher, — porque é de notar que se lhes não permite o uso exclusivo da simples folha de vinha! — Applicada uma metade da receita á habitação e a outra metade ao vestuario, o empregado publico portuguez vive — com o resto. Pede-se a Sua Majestade o obsequio de acreditar que não vive bem. De resto tem joelheiras nas calças. Se é amanuense traz uma grande unha crescida no dedo minimo de uma das mãos; e só deixa de usar um sobretudo na fôrça do verão.

O joven sacerdote. Um galan de theatro de provincia, com corôa.

O soldado. Menino de côro com fardeta militar. Face pallida, corpo enfezado e pequeno, anel no dedo.

Policia. Aquelle de kèpi e espada, que quando não namora medita, e quando não medita namora.

O aba. (designação abreviada e metaphorica). Valsista de touros ou toureiro de valsas. Aspecto imberbe mas carrancudo; fato curto; calças de bôcca de sino, esporas, grossa bengala de canna da Inca

dia com castão de marfim,—chapéo de aba direita.

O caixeiro de modas. Parecenças de cão da Terra Nova emergindo de um banho de oleo de amendoas dôces. Cabello escorredio apartado desde o alto do nariz, por deante, até a cinta, por traz. Palavra dôce, olhos sentimentaes, rosto pallido, attitudes lyricas, mãos vermelhas.

O brasileiro. Conhece porcerto Sua Majestade o brasileiro de Minas Geraes, o de Matto Grosso, o do Catete, o da Tijuca e o da rua do Ouvidor: este não é o nosso brasileiro. Ha dias liamos no registo dos leitores de uma bibliotheca o seguinte: *Fulano de tal—profissão, brasileiro—naturalidade, Mesão Frio.* Este, imperial senhor, é o nosso brasileiro. Elle habita o Pedro Alexandrino e frequenta os banhos sulfureos do doutor Lourenço, o *Club Lisbonense* e algumas boticas. Tem muito dinheiro, o que o não impede de ter várias molestias. As orelhas d'elle são geralmente lividas e separadas do craneo. Anda acamaradado com outros, e encontram-se sempre em turmas ou no passeio de S. Pedro de Alcantara, onde costumam sentar-se, ou nas carruagens do caminho de ferro onde descalçam as botas, ou no Pedro Alexandrino onde vagueiam n'um silencio mysterioso embuçados nas

suas capas. Perfeitamente respeitaveis pela sua iniciativa e pelo seu trabalho, constituem uma especie de tribu, sem patria que os adopte, porque em Portugal chamam-lhes brasileiros, e no Brazil chamam lhes gallegos. São esses que ahi vão—de bengalas de unicornio na mão e alfinetes de brilhantes no peito das camisas.

O militar reformado. Bigode grisalho, nariz vermelho, oculos, gravata alta, voz grossa. Frequenta a loja de um fabricante de barretinas, ama o imperador, augusto pae de Sua Majestade imperial, ama ainda a salada de camarões e as amendoas torradas; odeia tudo o mais, e passeia ás tardes no Rocio.

O operario. Typo incaracterisco. É o janota barato e em terceira mão, assim como o janota é o *dandy* de pouco preço. Detesta a blusa, e prefere parecer um fidalgo indigente e desmoralizado a representar um honrado sapateiro ou um digno tece-lão. Particularidade notavel: Não ha em Portugal operarios velhos.

O politico. Espera de tarde os deputados á porta da Casa Havaneza, e faz á noite discursos no café Martinho. É aquelle que passa vestido de escuro, com a barba por fazer, as mãos mettidas na salgi-

beiras do paletot, o passo apressado! vae para a camara, onde pretende que haverá chinfrim. É correspondente de um jornal de provincia ou requerente de um emprego publico. Não se lava nem escova o fato: o seu banho é o orçamento, a sua escôva é o sr. Santos e Silva ou o sr. Mariano de Carvalho.

Deputado de provincia. Esse que sorri por baixo do seu chapéo novo, e que seria em Lisboa o homem mais feliz do mundo, se não lhe succedesse uma desgraça — extranhar os comeres!

Mulheres. Entre todas as physionomias femininas que Sua Majestade poderia vêr cruzarem-se n'essas ruas falta uma importantissima: o typo lisboeta. É a mulher pequenota, arredondada, *potelée*, morena, cabello abundante, negro e lustroso, ôlho inquieto espreitando na orbita como a cabeça de um grillo entre os alfinetes da gaiola, mão polpuda, pé gordo e pequeno, sobancelha espessa, e — particularidade para que temos a honra de chamar particularmente a atención dos estudiosos — buço! Ha annos já se notava que a mulher typica, a indigena de Lisboa, lentamente se despaizava: perdia importantes partes da sua velha e caracteristica devoção a Santo Antonio; o vaso de manjarico e a maçaroca de al-

fazema,— adôrno e riso do seu telhado, companhia e perfume do seu bragal — principiaram a baixar de preço; ella abandonou em seguida o *capote e lenço*; por fim, ultimamente — oh saudade eterna! — poz tambem de parte o buço! Não sabemos realmente o que fizeste, ó mulher de Lisboa, abandonando o bigodinho lendario, cunho e brazão de teu rosto! Nossos paes não vos conheceriam assim — sem elle! pareceis padres? Oh! é impossivel! não queremos ainda acabar de crer que deitasseis fora os buços! Se a nossa voz pode penetrar em vosso coração, exoramos-te, ó mulher de Lisboa, que, se Sua Majestade Imperial voltar a visitar-nos, o não obsequiees tu pondo só luminarias; põe tambem o buço!

Temos depois a mulher que se faz acompanhar e respeitar por um embrulho de papel que traz sempre na mão; a que usa um cãozinho ao collo; a que leva um menino pela mão; a que percorre quotidianamente todas as lojas; a que frequenta o Atêrro; a que cursa o passeio do Rocio; a que ama os beneficios no theatro de D. Maria; a que se consagra exclusivamente a S. Carlos; a que tem a especialidade *bailles*; a que sacrifica o anno pela sua estação em Cintra ou pelos seus banhos em Cascaes. Pequenissimas differenças só discriminaveis a ponta de agulha as separam, e no emtanto separam-as radi

calmente essas pequenissimas differenças. A do Atêrro despreza a do Passeio Publico; a do Passeio Publico odeia a do Atêrro; a de S. Carlos e a do theatro de D. Maria nunca olham uma para outra; a que leva o menino pela mão e a que leva o cão ao collo mudam de passeio quando se encontram no caminho. Ha uma que compra bôlos ao meio dia na confeitaria Cócó, ha outra que lancha ás duas horas na pastelaria Baltresqui; são duas adversarias, tanto em pasteis como em principios. De resto elegantes, espertas, leves e bonitas. Sómente as suas *toilettes* sensibilisam, porque parecem menos um capricho da moda do que um proposito de penitência: os saltos Luiz xv não permitem o andar a pé; as *tournures* e os *poufs* não consentem o sentar-se; os penteados, a altura dos chapéos e o ornato das penas não deixam trazer a cabeça direita debaixo do tecto franzido das caleches fechadas. Esta incompatibilidade entre as prescripções da moda e os usos da existencia—porque enfim é indubitavel que a gente ou ha de andar a pé, ou ha de ir em carruagem, ou ha de ficar sentado, tres cousas que as *toilettes* contemporaneas não dão licença que se façam—esta incompatibilidade, dizemos, determina sacrificios quasi sobre-humanos, que não são o menor dos titulos da mulher contemporanea á nossa gratidão eterna.

Vejamos os interiores das casas.

A sala do pequeno burguez. Cadeiras de mogno com assentos de palhinha enfileiradas como em revista militar ao longo das paredes; chão esteirado; cheiro a figo; sofá e dois *fauteuils* com estôfo de seda sobre um tapete em que está debuxado um leão; mesa com marmore entre duas janellas; vasos com flôres de papel; castiças de prata; um quadro bordado a missanga; uma espevitadeira. De quando em quando combina-se uma reunião de certas visitas; toca-se piano; uma ou outra vez dansam-se os «lanceiros» ou joga se a manilha; ás onze horas serve-se o chá: bandeja das chavenas seguida da bandeja dos bôlos, em pratos dourados, tendo ao meio um cão de prata ou um ananaz do mesmo metal trespassado de palitos. Fala-se do estado em que se acha o mundo; narram-se casos de adultério e de fallencias commerciaes; diz-se mal das *Farpas*, e retira-se cada um para sua casa.

Outro salão. Mobilia barata. O sofá não tem estôfo. Não ha *fauteuils*. Na mesa do centro um prato com muitos bilhetes de visita ornados de corôas nobiliarias e de escudos de armas. Um *porte-bouquet* quebrado mettido com um leque na bôcca de um vaso de crystal. Habitantes que vão a casa dos outros mas que não recebem os outros em sua

casa. Alta convivencia fora e profunda miseria dentro. Uma creada de chinelos fecha a janella, de onde esteve conversando para a rua; tem na mão um castiçal com vela de sêbo e brutalisa com gritos uma creançinha que rabuja enchugando os olhos á ponta suja do seu bibe. Os outros pequenos dormem. O dono da casa está no jôgo; a mulher foi ao chá abailaricado de um terceiro andar.

II

Não falamos mais especialisadamente das illuminações do Rocio porque nos succedeu a seguinte desventura:

Na occasião em que sahimos da casa em que nos achavamos para examinar os obeliscos que deviam allumiar a estatua do Libertador, augusto pae de Sua Majestade Imperial, era tal o vento que se apagaram as luzes—de um creado que nos precedia.

Assim recuamos com temor de que, aventurando-nos ás escuras na praça, quebrassemos a cabeça—na illuminação.

No *Diario de Noticias* e no *Jornal da Noite* encontramos esta commemoração das ultimas palavras proferidas por Sua Majestade a bordo do paquete que o reconduziu á America.

«Deteve-se por duas vezes a falar com o sr. Philippe de Carvalho, director da *Correspondencia de Portugal* e perguntou-lhe se nunca havia de vê-lo no Brazil. Quando conversavam, o sr. barão de Bom Retiro, approximando-se de Sua Majestade, disse, batendo no hombro do sr. Carvalho: «Aqui está um nosso bom amigo.»

«Bem sei, respondeu Sua Majestade, já nos conhecemos desde o Lazareto.»

Os jornaes a que nos referimos accrescentam:

«Registamos este facto porque é-nos agradável vêr como um soberano illustrado trata os homens da imprensa. N'esta demonstração de estima toda a imprensa é honrada e obsequiada.»

Ao transcrevermos as expostas linhas — não o escondemos — palpita-nos o coração de enthusiasmo e de jubilo, humedecem se-nos os olhos de reconhecimento, treme-nos a mão de commoção e de alegria...

É que tambem pertencemos á imprensa, e cousas d'estas, dictas por homens d'aquelles a uma classe inteira, não se ouvem sem que vibrem em

cada um todas as intimas cordas que essas palavras dedilham.

Não nos precipitemos porém! por Deus não nos precipitemos levemente nos braços tenros d'essa visão transcendente!

Ha certeza de que Sua Majestade o Imperador, por sua augusta e imperial bôcca, tivesse com effeito dicto *ipsis verbis*:

«Bem sei, já nos conhecemos do Lazareto!»

Disse-o effectivamente? Concordam as versões? Condiçem os depoimentos? Está averiguado? Confirma-se?

Oh! então nós queremos ir beijar as plantas ao *Diario de Noticias* e ao *Jornal da Noite*, que fôram os primeiros a recolher o imperial verbo nos vasos de ouro pelos quaes quotidianamente libamos as noticias do dia, o preço corrente da ginguba e o annuncio do prompto allivio.

Parece impossivel, mas elle o disse! Disse duas cousas: *Primo* — «que bem o sabia.» — *Secundo* — «que o conhecia do Lazareto.» — Fa'la tão notavel pelo que declaradamente expressa como pelo que discretamente cala! Notae bem: elle disse «que bem o sabia, e que o conhecia do Lazareto.» E nada mais disse! Isto é grande!

Porque, meus senhores, por muito pouco que ti-

reis a este discurso elle não presta; por muito pouco que lhe accrescenteis elle ficará perdido.

Supponhamos por exemplo que elle tinha dicto apenas:

Bem sei! Seria frio.

Bem te conheço! Pareceria ironico.

No Lazareto! Seria ambiguo.

Supponha-se pelo contrario que accrescentava qualquer cousa, qualquer d'estas cousas que todos nós diriamos, como *verbi gratia*:

Viva o amigo!

Ditoscs olhos!

Até um dia!

Visitas á familia!

N'este caso descambaria no trivial e no familiar, o que, como todos sabem, é uma dos demonios para o sublime.

Tomada palavra a palavra e olhada por partes, como esta fala nos penetra e nos commove! Veja-se, por exemplo, a primeira e porventura mais importante parte d'ella: — *Bem sei*.

Bem — Antigo adverbio assás conhecido dos doutos, mui estimado na sociedade e algumas vezes mesmo usado pela classe média e até pelo povo em suas correlações e mestéres. Se examinamos todas as grandes evoluções do pensamento humano desde a mais remota antiguidade até nossos dias, vemos

que sempre este vocabulo teve um lugar distincto na mente, nos escriptos e nos discursos dos grandes homens.

Pessoas idoneas e dignas de fé, têm acompanhado tão interessante parte da oração desde a formação do homem, seguindo-a como se segue uma mulher amada, através das edades por entre as revoluções da glottica até os tempos presentes.

E não consta que em tão diversos transes e encontradas aventuras o estimavel adverbio *bem* tivesse jámais succumbido ou recuado. Modernamente muitos principes, muitos sabios e muitos oradores o têm empregado em seu uso. Usou-o Mirabeau, Lamartine, Castelar, Bismarck, Lincoln, Napoleão e o sr. bispo de Vizeu Antonio. Nenhum d'elles porém nem mais a proposito nem com mais ajustada imposição, nem mais do íntimo, nem mais da alma, nem com mais fé do que Sua Majestade o imperador do Brazil!

Sei — Elegante preterito do abalisado verbo *saber*, que os grammaticos pretendem ser irregular de conjugação, mas não de costumes. Em todos os seus tempos tem sido este verbo usado, algumas vezes — ai de nós! — com bem pouca discreção e recato, outras com singular sensatez e decoro. Na primeira pessoa do preterito, ousamos porém dizer sem baixa lisonja, que ninguem ainda com mão mais firme

o cravou no discurso do que o imperial viajante na oração que analysamos.

O dicto só assim pode ser. Nem mais nem menos. É o que allí está, erguido do chão, afilado para o espaço, furando pelas nuvens, apagando as estrellas com o bafo, e obrigando o sol a pedir uma pala.

Como mui avisadamente declaram o *Diario de Noticias* e o *Jornal da Noite*—as imperiaes palavras não se applicam individualmente ao sr. Filippe de Carvalho, director da *Correspondencia de Portugal*, mas sim, como claramente se deixa vêr, ao jornalismo inteiro.

De modo que, quando Elle, no momento angustioso da partida, com a saudade no coração, com o tremor nas mãos e com as lagrimas nos olhos, levantando estes ao céo e crusando aquellas no peito, exclamou commovido: *Bem sei. Conhecemos do Lazareto* o que Elle queria dizer não era que conhecia individualmente do Lazareto o sr. Filippe de Carvalho, senão que conhecia a imprensa.

Sómente, como por um lado Sua Majestade se não referiu individualmente ao sr. Filippe de Carvalho, e como por outro lado elle não proferiu nenhum outro nome, quem nos diz de sciencia certa que foi com effeito a *imprensa* que o imperial qua-

rentenario conheceu no Lazareto, e que não foi antes a *peste*?

Nós, representantes d'Ella (e quando dizemos d'Ella, entenda-nos Sua Majestade como quizer) ficamos esperando anciosos que o augusto hospede resolva se opta por uma ou por outra d'estas interpretações, acceitando em todo o caso os ardentes votos que fazemos para que no vasto imperio de Sua Majestade aquella se desenvolva e esta se dissipe.

Isto posto, pedimos aos nossos bons collegas do *Diario de Noticias* e do *Jornal da Noite* que sobre-estejam em seu regosijo, e aguardem tranquillos o imperial desengano.

III

Constou que Sua Majestade Imperial, na occasião de ser convidado para uma *soirée* no paço da Ajuda, fizera informar Sua Majestade Fidelissima de que lhe seria particularmente agradavel encon-

trar no sarau da côrte os litteratos e os escriptores celebres. Esta circumstancia, a ser veridica, levar-nos-hia a suspeitar que os homens illustras não frequentam o paço nas festas ordinarias — o que nos repugna acreditar.

É porventura crível que não vão sempre ao paço de um rei constitucional as celebridades e as illustrações artisticas e litterarias do paiz em que elle reina?!

Não pode ser. Em primeiro logar não se comprehende um salão verdadeiramente elegante sendo excluidos d'elle os homens de espirito.

Estes homens, não sendo por si mesmos distinctos em suas pessoas, o que muitas vezes acontece, governam e dirigem sempre a distincção alheia, espiritalisam-a, dão lhe o fino relêvo de ideal e de bom senso, intellectualisam n'a, elevam-n'a. A convivencia do talento só é repulsiva aos burguezes, porque os humilha. A princeza de Orleans pediu um dia a dois dos frequentadores das suas salas que lhe consentissem metter uma cadeira entre os logares em que elles estavam juntos, sentou n'essa cadeira sua filha, que era uma creança, mostrou-lhe um relógio que ficava fronteiro, e disse-lhe: «Lembra-te que n'este dia e áquella hora tu estiveste sentada entre Alexandre Dumas e Victor Hugo.»

Além das razões que militam para que em todos

os salões aristocraticos e conservadores se recebam os homens interessantes, como um dos meios de tornar apazivel e vivo o *statu quo*, accresce ainda que os reis constitucionaes têm uma especie de obrigação moral de affirmarem a sua individualidade—gerindo nos seus reinos a pasta do bom-gôsto.

As conveniencias da cultura das artes e das letras nos systemas monarchicos e o abastardamento do gôsto attribuido aos regimens puramente democraticos como uma das suas consequencias no ideal, constituem um argumento em favor das monarchias e em desabôno das republicas. Todos os reis conhecem isto e todos procuram fortalecer na medida das suas posses o argumento que os serve.

Sabe-se que em toda a parte e em todo o tempo os periodos mais brilhantes do desenvolvimento das lettras condisseram com o maior esplendor dos thronos.

Sua Majestade Fidelissima não deseja seguramente que se possa dizer que a sua influencia como protector do bello se resume em condecorar um barytono ou em dar uma abotoadura de camisa a um actor.

Logo é impossivel que Sua Majestade Fidelissima não conheça pessoalmente, não convide para sua casa e não aperte a mão a todos os homens importantes pelo talento em Portugal.

Foi portanto ociosa — folgamos de o attestar — a lembrança do imperial viajante. Se este não encontrou na *soirée* do paço os nossos grandes homens de espirito a razão não pode ser senão a seguinte:

Que os não ha.

E é então o verdadeiro caso de dizermos:

Que el-rei o perde!

IV

Sua Majestade Imperial, usando da palavra na Academia na qualidade de socio honorario d'aquella corporação scientifica fez, segundo vemos de extractos da respectiva acta publicados pela imprensa, a apologia de frei Luiz de Sousa, e pediu á Academia que mandasse desenterrar — dos entulhos que a encobrem á veneração dos peregrinos — a lapide tumular do chronista dominicano sepultado em Bemfica.

Achamos perfeitamente legítimo o respeito de Sua Majestade por frei Luiz de Sousa, o qual em

nosso entender tem apenas o ligeiro defeito de ser um pouco mais frade do que é licito a um frade com talento. A historia da edificação do convento de S. Domingos na cidade do Porto, como este escriptor a refere, é de um milagre tão saloicamente simplorio que desperta graves suspeitas ácerca do criterio ou da boa fé do auctor. Um que nunca diria aquillo era o padre Vieira. Por isso tambem entre os religiosos Vieira foi sempre considerado como um bife fraudulentamente sequestrado á frigideira do Santo Officio.

Emquanto porém á lapide sepulcral de Luiz de Sousa, se o imperador do Brazil sabe que ella se acha—encoberta pelos entulhos—permittir-nos-hemos uma lembrança em beneficio do respeito aos finados illustres:

Sendo uma questão de entulho a do caso presente, e tendo-o Sua Majestade devidamente averiguado nos logares, tornaria porventura mais efficiente a sua iniciativa archeologica, se, em vez de trazer a sua communicação ao seio da Academia, a transmittisse simplesmente, em Bemfica mesmo, — a quatro pedreiros da localidade.

Committer á Academia o encargo de desentulhar os terrenos suspeitos de conterem lapides memora-

veis estabelece um precedente cujos resultados—ousamos lebral-o a Sua Majestade—poderão dentro em poucos annos ter occupada toda a corporação scientifica de que Sua Majestade faz parte em acarretar materiaes,—não para o edificio da civilisação, mas para o Atêrro da Boa Vista.

V

Emquanto essas e outras cousas se passavam, que faria o sr. Eduardo Vidal, ultimo Abencerragem da poesia lyrica na Europa?

O vate, aproveitando sagaz o momento, não vulgar, de se achar juntamente com elle dentro da mesma cidade um Imperador, fazia *Nuvens*.

Sempre que este notavel phenomeno se dá: sempre que debaixo da mesma latitude, um poeta lyrico e um imperador concorrem, é muito bom inquirir para ensinamento das gerações futuras como os dois astros, o do sceptro e o da lyra se equilibraram, como se sopesaram, como guardaram as respectivas distancias para não descalharem das orbi-

tas, para não chocarem um com o outro desengonçando a harmonia no systema do universo.

O sr. Vidal conta-nos no seu ultimo folhetim como isto se conseguiu.

«O que se discute ainda, exclama o poeta no *Diario Popular* de 11 de março, é o Imperador!» Em següida elle mesmo discute tambem o Imperador, mas ao mesmo tempo—severa licção aos que o tinham esquecido!—discute-se egualmente a si, o que enche na historia uma grande lacuna e deixa a humanidade completamente inteirada do modo como se passaram as cousas.

O Imperador por um lado, levado pela aza erudita do sr. Silva Tullio, percorria a Mouraria, palmilhava o Bairro Alto, voava aos braços do sr. Alexandre Herculano, praticava com Vicencia, e lembrado dos antigos augures que investigavam os *fados* nas entranhas das rêzes, elle, tendo ouvido os *fados* explicados nas guitarras de Alfama, consultava apenas nos secretos interiores do templo a—tromba ou o pernil prophetico do cerdo lusitano.

Agora o bardo:

«Eu, diz por sua parte o sr. Vidal, entrego ao vento estas *nuvens*.»

Nuven são versos consagrados pelo sr. Vidal á

mulher amada. Nas suggeridas trovas diz o poeta que não mais quer amar, que de seu peito angustiado vae alfim arrancar o santo amor que lhe tem dado desgostos. Conta que sonhou de parceria com ella, tendo ambos as mãos unidas e os olhos pelo céo. Depois pede-lhe que o deixe, que lhe fuja porque elle é mau homem.

Que infame eu tenho sido, tenho, tenho!

Mais diz que a chamou á «via dolorosa».

Chamei-te á minha via dolorosa!

Outrosim affirma que é doido e que lhe dá para mal a doidice:

Sou louco e foi loucura criminosa!

Finalmente o vate faz-nos a revelação de um vicio secreto, que lhe desconheciamos: o uso immoderado da bengala nas relações do amor, abuso a que manifestamente se refere o seguinte verso:

Puz-te nos hombros debeis o meu lenho!

Assim pois temos que, emquanto a uma parte o

Imperador á sombra do sceptro animava as letras, a outra parte o lyrico, por inexplicavel acinte, de lenho em punho, deslombava a musa.

VI

Acabamos de saber que o incognito guardado por Sua Majestade imperial durante a sua viagem em Portugal e na Europa foi muito mais rigoroso do que toda a gente suppõe. Revelam-nos o seguinte :

O sujeito que todos nós recebemos e festejamos como Sua Majestade o Imperador...

...não era Elle!

Sua Majestade entendeu do modo mais sabio que o unico meio seguro de escapar ás curiosidades europêas era dar-lhes um homem por si. O homem arranjado, ensaiado e caracterizado para esse fim era o que se mostrava aos povos, aos reis e aos sabios.

O verdadeiro imperador ninguem o viu.

Assegura-se que Elle não fez absolutamente nada

do que fez o *outro*. Segundo as nossas informações, a unica cousa que Elle fez — foi rir.

Fevereiro 1872.

VII

A S. EX.^a O MINISTRO DO IMPERIO DO BRAZIL N'ESTA CÔRTE. — Senhor ministro. Afirmam pessoas idoneas e tão dignas de fé que não é lícito pôr duvida em seus depoimentos, que a delicada susceptibilidade diplomatica de vossa excellencia se melindrara com as innocentes paginas por nós consagradas á viagem de Sua Majestade o imperador do Brazil.

Consta-nos ainda que o resentimento discretamente manifestado por vossa excellencia é perfilhado com ardente solidariedade por todos os representantes officiaes de Sua Majestade o Imperador do Brazil residentes n'esta cidade, e bem assim por todos os subditos do mesmo augusto senhor.

Querendo-nos parecer que tanto vossa excellencia como os seus illustres compatriotas laboram em flagrante erro no modo como nos julgam, impomos-

nos hoje, senhor ministro, em honra da justiça e da verdade, o dever de esclarecar com algumas breves e resumidas allegações o espirito do Brazil, o de vossa excellencia e o de todos os illusos em geral, tanto no novo como no velho mundo.

Senhor ministro, senhores illusos — A satira, uma das expressões mais vehementes da litteratura artificial, por meio da qual se manifesta o tardo pensamento dos povos que envelhecem, não é um proposito individual: é uma lei, é uma fatalidade historica. As sociedades compõem hymnos heroicos na infancia, escrevem poemas epicos na mocidade, criam dramas na edade viril, e fazem satiras quando chegam a velhas. Os povos, coitados, são como a gente: têm successivamente a edade do papagaio de papel no alto das collinas, a do namôro á esquina da rua e a da bisca ao pé do lume. Ora o Brazil, meus senhores, paiz novo e uberrimo de toda a seiva risonha e fecunda da infancia, está no periodo festival do papagaio, que parece uma constellação erguido no céo pela briza matinal, e dourado nos ares pelos raios obliquos do sol nascente. Nós outros portuguezes achamo'-nos no sedentario quartel da bisca.

E eis aqui temos já fora d'esta primeira parte do nosso discurso, a principal razão pela qual portu-

guezes e brasileiros teremos frequentemente o desgosto de nos não entendermos de um modo acabado.

Particularisemos:

Vossa excellencia, senhor ministro, é poeta, e de sua apreciavel penna temos um livro intitulado *Romances historicos*. O sr. Manuel de Araujo Porto Alegre, consul do imperio do Brazil n'esta cidade, é egualmente poeta e auctor justamente celebre do poema *Colombo*.

O livro do sr. ministro principia assim:

*Do Ave gentil e aprazível
Sobre as margens pittorescas
De Guimarães ás muralhas
Verde-gaias vinhas cercam.*

O poema do sr. consul prerompe d'este modo:

*Tróam na Iberia os hymnos da victoria
Que Fernando e Isabel do Mouro houveram.*

Temos que o sr. ministro se enleia inebriado no idyllico e no pastoril, colhendo dôcemente a bonina tenra sob a verde-gaia vinha, emquanto por seu lado o sr. consul se entranha em espirito no fragor

das pelejas e aos lampejos da metralha brande facendo um recurvo alfange.

Ora sendo vossas excellencias, sr. ministro e sr. consul, as pessoas encarregadas pela sua alta qualificação de acompanharem em Portugal o seu augusto committente, o modo seguro de casarmos com as de suas excellencias as expressões do nosso jubilo seria fazermos o passado numero das nossas *Farpas* em verso lyrico ou bucolico, festival e melico.

Nós quizeriamos de todo o coração fazer isso — para lhes sermos agradaveis—mas o escriptor, como sabem e como acima se expoz, não pertence exclusivamente á sua vontade e ao seu desejo, pertence ao seu tempo e á sua sociedade; elle é menos uma fôrça livremente productiva do que um producto forçado — o producto do meio em que nasceu e em que vive. De sorte que, senhores representantes do Brazil, ao sermos honrados com a visita de vossas excellencias, poetas e jovens, a unica phrase sensata que nos occorreu a nós, velhos proadores, no meio das cousas organisadas como ellas estão, foi simplesmente :

«Ora vivam, meus senhores, mandem-se sentar!»

E depois que fizemos nós? Conversámos... conversámos com a semcerimonia que certamente não

molestava o príncipe por isso que Pedro, de sua propria bôcca, a todo o instante a requeria.

Custa-nos a comprehender que n'este ponto suas excellencias representantes de Sua Majestade se julguem com direito de desdizer o seu soberano. Isto pelo que respeita á forma do nosso volume.

Vejamos agora a substancia d'elle.

Tivemos já a honra de alludir ao direito da satira como uma das inatacaveis liberdades do pensamento humano. Note porém, senhor ministro, que não são satyras o que nós fizemos. Um dos caracteres da satira consiste em provocar por meio do riso a indignação contra o objecto satirisado. Ora nós não suscitamos indignações. Não nos parece que contra o peito leal de Cesar discutido pudesse o nosso folheto accender a ira vingativa do senado, ou armar o braço de Bruto regicida. Bem se deveria vêr que não era essa pelo menos a nossa tragica intenção.

Rimo'-nos, senhor ministro. Rimo'-nos simplesmente, pachorrentamente, com um riso talvez prosaico, mas honrado. Ignorará vossa excellencia que o riso empregado por tal modo é um elemento nativo das litteraturas latinas, um dos caracteriscos da nossa raça, um dos nossos meios mais poderosos de philosophia, de critica e de analyse? Mas não é in-

venção nossa a ampliação que fazemos da ironia e do gracejo! encontramol-a nas fontes primordiaes da litteratura, nos remotos seios do seculo XIII, nas canções de gesta, que eram a chronica do tempo balbuciada pelos menestreis.

Já então se percebia que a grandiloqua narração dos feitos heroicos não dava mais que meia imagem dos homens e das cousas; que o mundo era essencialmente binario; que de um elemento commum partiam manifestações oppostas; que a mesma essencia comprimida ou dilatada tomava formas contrarias; que, por exemplo, economia de menos era prodigalidade e economia de mais era avareza; que pela imperfectibilidade da natureza humana a vibração da mesma corda produzia as lagrimas e produzia o riso; que finalmente no mundo moral como no mundo physico a mesma linha humana dá Apollo e dá Esopo na arte, na vida Cesar e João Fernandes, e na litteratura Homero e Juvenal, Dante e Rabelais.

Bifronte como o deus mythologico o mundo moral só nos apparece inteiro colhido nos seus dois perfis, olhado pelos seus dois aspectos. Os que estão de cá não podem naturalmente vêr o que se passa do lado opposto, nem devem pretender adivinhá-lo.

Que cada um trabalhe com sinceridade e com

honra a sua obra, livremente, despreoccupadamente, no seu ponto de vista! Mais tarde d'este trabalho simultaneo da arte perante o modelo commum sahirá completa em suas mesmas contradicções a imagem da existencia—patente e tangivel para todos, incohercivel para cada um.

Do ponto em que *As Farpas* se collocaram o lado que a sociedade lhes patenteia é quasi sempre o lado que ri. Assim, de Sua Majestade o Imperador nós rimos.

Ha homens que o ridiculo magôa, e esses procuram tornal-o odioso. Fazem mal. É porque o não conhecem.

Nos tempos de egoismo a que chegamos, todas as prisões da solidariedade humana se deslaçam. Ninguem acceita a participação nas lagrimas e na dôr alheia. Os mesmos affectos perderam a nota commum de fraternisação que nos unia. Patriotismo, religião, amor, são cousas que cada um entende de seu modo, e que no espirito ou no coração de cada individuo tomam caracteres diversos, segundo os successivos processos de critica, que umas vezes aprofundam, outras vezes dissolvem, e sempre modificam e alteram. N'este deploravel desmembramento da familia humana, que a civilisação produziu cerceando progressivamente com o roer

do exame a auctoridade e a fé, o ridiculo é ainda o mais inalterado laço que estreita a fraternidade entre os homens.

Desde as cruzadas até as missões dos padres Grainhas, desde o combate das Thermopylas até o cêrco de Paris, desde a *Divina Comedia* até o ultimo soneto de Charles Beaudelaire, quantas e quão profundas mudanças não têm tido no coração humano as convicções mais graves e mais fundas que o demovem: o sentimento da religião, o amor da patria, o amor da mulher! Quantas variedades na fé! quantas no sentimento! Entretanto, através dos tempos e das edades, o ridiculo permanece inalteravel, sempre o mesmo! São de hontem ainda *René* e *Elvira*, e no emtanto ninguem já chora com René, ninguem já suspira com Elvira, ao passo que, ao longe, com a mão na espada, os olhos no céu, o elmo de Mambrino carregado na frente, el Quijote palpita ainda victorioso e joven entre gargalhadas vivas e eternas. O Quichote tem todas as grandes virtudes e todas as grandes paixões tragicas, sómente as tem pelo lado em que o aspecto que ellas offerecem é immutavel e constante: o lado ridiculo.

O ridiculo tem profundidades que se não encontram no que é de natureza chato.

Permitta-nos dizer-lhe, senhor ministro, que não é ridiculo quem quer.

Ridiculo é Molière com ciumes; ridicula é madame de Staël pintando o rosto; ridiculo é Newton tomando o Papa pelo antichristo; ridiculo é Pascal tendo medo do demonio; ridiculo é Gœthe fugindo á influencia nefasta das terças feiras; ridiculo é Rousseau vestindo-se de Armenio; ridiculo é Archimedes passeando em camisa pelas ruas de Syracusa; ridiculo é Sua Majestade o imperador de um grande Estado viajando com uma pequena mala e um embrulho.

Não são, nunca fôram, jámais poderão ser ridiculos os idiotas, os insignificantes e os nullos.

Se nós agora affirmassemos, senhor ministro, que Sua Majestade o imperador do Brazil não era ridiculo, que nunca o fôra, que nunca o poderia ser, talvez que vossa excellencia se agastasse, encontrando nas nossas palavras uma injuria á relevante e poderosa personalidade do seu soberano. De sorte que: tendo nós dicto primeiro que Sua Majestade era ridiculo, e dizendo depois que Sua Majestade o não era, vossa excellencia se acharia entre esta affirmativa e esta negativa do mesmo factó, na extranha conjunctura diplomatica de não acreditar nem uma nem outra cousa! Taes são os resultados da critica isolada de um factó que só pode ser justa

25

e devidamente apreciado juntamente com o grupo dos successos de que faz parte.

O sr. visconde de Castilho achou que Sua Magestade o imperador do Brazil era um *Semi-Deus*. Quando nós entendessemos e houvessemos affirmado que Sua Magestade imperial era apenas um *portador de malas*—o que todavia não fizemos—a verdade encontrar-se-hia entre a opinião do senhor visconde de Castilho e a nossa. *Opportet hacreses esse.*

«Será tão falto de virtudes o seu soberano que nos queiram convencer de que não tem defeitos?» Esta pergunta, senhor ministro, não temos nós o arrôjo de a fazer; lembramos simplesmente a vossa excellencia que a fez Henrique IV ao embaixador D. Pedro.

Temos a honra de ser com o respeito mais profundo.

De vossa excellencia

INUTEIS SERVOS.

VIII

O Brazil, no estado em que actualmente se acha a civilisação no continente colombiano, não é um paiz de colonos; é um paiz de escravos.

A escravatura está abolida no imperio brasileiro. É um grande impulso dado á liberdade americana pelo governo do imperador D. Pedro II, mas não é a conquista da liberdade.

Para que o escravo deixe de ser escravo é preciso que primeiro lhe ensinem a ser livre, isto é: que lhe dêem a faculdade de sustentar a independencia pelo trabalho.

Ora emquanto o Brazil não passar por uma profunda transformação economica e social a independencia pelo trabalho é inteiramente impossivel ao pequeno cultivador nacional e ao colono.

A exploração da terra no imperio brasileiro faz-se exclusivamente pela grande lavoura. Pernambuco, Maranhão e Bahia cultivam o algodão e o assucar; S. Paulo tem a pequena especialidade do chá;

o Rio de Janeiro e provincias lemitrophes produzem o café. Só á sua parte o Rio de Janeiro abastece o mundo de metade do café que elle consome.

Esta cultura colossal e luxuosa só pode ser sustentada pelo trabalho servil do negro.

É horrivelmente assombrosa a onda de sangue escravo com que têm sido regadas até hoje as abundantes searas brazileiras.

Em 1857 o barão de Mauá dizia no parlamento «que até 1851 o Brazil tinha importado annualmente cincoenta e quatro mil escravos.»

Houve anno que oitenta mil negros, escondidos á vigilancia dos cruzeiros, foram arrancados dos sertões da Africa e despejados semi-mortos, dos porões infectos dos navios que carregavam o *ebano*, sob o açoite do fazendeiro americano.

Em 1855, quando o cholera-morbus transpoz pela primeira vez o Equador, esta epidemia devorou, em dois annos, cento e dez mil negros. É incalculavel o numero dos negrinhos que succumbem na infancia pelos desleixos e pelos erros da educação, porque, n'este ponto de vista como em todos os demais ramos da instrucção, o senhor de escravos no Brazil está longe da sciencia dos que vivem na mesma exploração do homem na Virginia ou no Maryland.

De parte o algodão, o café e o assucar, semea-

dos, cultivados e colhidos nas sangrentas dilacerações da carne viva do escravo, o Brazil quasi que nada mais produz. Em muitas plantações os negros não têm mandioca, nem arroz nem feijão. No interior das provincias exclusivamente agricultadas pelo trabalho servil vê-se frequentemente mendigando populações inteiras de negros famintos.

Esse paiz tão fertil e tão opulento compra aos Estados-Unidos, á Inglaterra e ao Uruguay uma grande parte dos generos com que alimenta os seus habitantes. O valor annual das substancias alimenticias importadas pelo Brazil é o da quarta parte da sua exportação.

De modo que, se um grande conflicto internacional cortasse repentinamente as communições do continente brasileiro com o resto do mundo, a consequencia seria a fome, a ruina, a miseria e a morte resultantes d'esta catastrophe inegalavel — o Brazil entregue ao Brazil.

Eis o estado em que se acha depois do decurso civilizador de tres seculos uma sociedade fatalmente viciada de origem, porque proveiu da conquista e porque se baseou na escravidão.

O Brazil não tem estradas. Os meios de communição e de transporte no interior do imperio operam-se com tanta difficuldade que alli, no paiz das

florestas, as cidades do littoral recebem da Scandinavia as suas madeiras de construcção.

A raça indo-latina é desleixada e fraca. Não tem pulso para o machado com que o yankee rasga o seu caminho através da aspereza emmaranhada e hostil do matto virgem. O mundo civilisado não tem échos para o estrepito da catarata de Paulo Affonso, rival do Niagara.

O commercio do Brazil recebe ainda hoje do indio nú, armado do arco e da frecha de canna, a baulilha, o cacau, a borracha e outros productos dos tropicos, que o indigena colhe nos logares em que os acasos da invasão o lançaram.

Caminhos abertos com enormes despesas encontram-se por toda a parte obstruidos pela vegetação phantastica dos paizes humidos e electricos, perdendo se nos mattos, onde a civilisação não conseguiu ainda caçar nem a onça nem o guaraní, nem o tigre nem o botocudo.

O Brazil não tem industria. Uma estatistica official attesta que, em 1859, onze mil seiscentos e noventa e oito brazileiros e oito mil tresentos e trinta e nove estrangeiros pagavam imposto pelo exercicio de várias industrias. Se porém, seguindo a mesma estatistica, tirarmos do numero dos nacionaes mil tresentos e nove tabelliães, duzentos e vinte e

seis advogados e oito mil tresentos e setenta e um estalajadeiros, achamos que a industria brasileira propriamente dicta conta no Brazil a quinta parte apenas dos individuos que representam a industria estrangeira.

A iniciativa e a acção da sciencia são quasi nulas no Brazil. Uma expedição de sabios, organizada ao modo inglez, sob os immediatos auspicios do imperador, limitou os seus trabalhos a fazer promessas, e custou ao Estado tresentos contos.

Não se publica um livro didactico, experimental, scientifico. Apenas alguns poetas morbidos, languidos, voluptuosos, inspirados, suspiram em redes de pennas suspensas das palmeiras, emquanto a araponga corta no seu vôo escuro o infinito azul do deserto.

Em 1857 o numero dos estudantes que recebiam alguma instrucção nas escholas, nos lyceus ou nos collegios, estava na proporção de um para cada noventa habitantes.

O viajante francez Biard refere que na eschola das Bellas Artes do Rio de Janeiro havia em 1858 nove professores e — tres alumnos.

A convivencia animal do elemento servil, a vida da «fazenda» e do «rancho» e a submissão indiffe-

rente e bestial da escrava, deslaçam no Brazil o vinculo moral da familia. De uma estatistica dos nascimentos em Minas, deprehende-se que n'esta provincia, uma das mais importantes do imperio, os filhos illegitimos formam um terço da população total. Em Pariz e em Munich a proporção dos nascimentos legaes e illegaes é a mesma, as causas porém são outras.

A influencia moral e christã dos missionarios nas differentes regiões do interior é apenas uma hypothese de oratoria sagrada.

Os sacerdotes das missões offerecem cachaça aos homens e lenços encarnados ás mulheres, unico meio de os attrahir ás práticas e aos exercicios religiosos. Homens, mulheres e creanças acodem sem nenhuma falta á evocação do sacerdote, prostam-se-lhe aos pés, batem nos peitos, rojam, no pó, deixam-se baptisar, convencer, reduzir, catechisar, enquanto dura a cachaça e os lenços encarnados. Depois abandonam a missão, até que outro sacerdote venha com mais lenços e mais alcool para elles tornarem de novo a deixar-se submissamente baptisar, convencer, arrastar brandamente ao gremio catholico. O mesmo preto baptisa-se seis vezes e faz a gloria da eloquencia e do prestigio de seis padres — que tenham aguardente.

O capellão das fazendas, nas fazendas em que ha

capellão, é o amigo do feitor; fuma, caça, joga, entende de alveitaria, negocea um pouco em mulas, e diz aos domingos uma missa — pequena.

O sr. Assier, que viveu muitos annos no Brazil, conta n'um trabalho critico da vida nas feitorias brazileiras que encontrou nas suas viagens um d'estes padres, que era «tropeiro.» Este clerigo, que andava sempre nos caminhos como legitimo e consciencioso almocreve, era o supposto encarregado de muitas das missas deixadas por testamento em toda a redondeza que percorria. O expediente d'este ministro da Igreja para angariar as missas encomendadas por legado consistia em aceitar metade da quantia deixada pelo defuncto para encomendação da sua alma e passar ao testamenteiro recibo total da verba designada pelo testador.

O negra da America brazileira não reage contra a escravidão; aceita-a como um jugo natural da sua existencia subalterna. D'entre a raça negra destacam-se apenas com a dignidade e com o valor de homens, os Minas, altivos e indomitos, os quaes no seculo xvii fundaram na provincia de Pernambuco a republica dos Palmares, a qual resistiu tenazmente por espaço de trinta annos aos ataques dos brancos. Os demais negros submettem-se sem resistencia alguma. Os adultos, que beijam a mão

do senhor, despícam-se d'essa baixeza fazendo-se beijar a mão pelas creanças, estas dão pelo seu turno a mão a beijar aos macacos. O escravo desforça-se escravizando. A cadeia servil tem o seu primeiro elo no homem e o ultimo rio sagui. O branco ou puxa por esta corrente ou faz parte d'ella. Tal é o Brazil.

Vejamos os colonos.

A primeira tentativa de colonisação com trabalhadores livres data de 1819, dois annos antes da independencia. Mil e setecentos aldeões suissos do cantão de Fribourg estabelecem-se no Val de Parahiba do Sul e fundam a Nova Friburgo no extremo limite meridional da zona torrida, perto de uma grande cidade. Dez annos depois a colonia suissa estava em dois terços do que primitivamente fôra. Actualmente a Nova Friburgo é uma cidade inteiramente brasileira, onde raras familias friburguezas se encontram ainda.

Em 1845 uma nova tentativa feita sob os auspícios do governo brasileiro levou alguns milhares de trabalhadores de Baden e de bavaros do Palatinado ao Rio de Janeiro. Estabeleceram-se em Petropolis, perto do palacio imperial. Em 1859—quatorze annos depois—de tres mil e dezeseis colo-

nos que ainda habitavam Petropolis rarissimos tinham passado de simples cavadores de enxada. Esta colonia tem-se concentrado cada vez mais em tôrno da residencia imperial, e vive quasi exclusivamente da actividade que o soberano e a côrte espalham necessariamente em tôrno de si.

O celebre naturalista suisso Tschudi, mandado pelo seu governo ao Brazil, como plenipotenciario, afim de estudar a historia dos emigrados, fez uma viagem de muitos mezes através de differentes feitorias, e em um relatorio de 9 de outubro de 1860, no qual consignou as suas impressões e as suas idéas, deixou um monumento historico pavoroso e indiscutivel contra a colonisação do Brazil.

A Suissa prohibiu a emigração dos seus filhos para aquelle ponto do globo.

Avé-Lallemant, encarregado officialmente de visitar as colonias allemãs no imperio brasileiro dá por menores aterradores da sorte dos obreiros que encontrou nos estabelecimentos do Mucury, na provincia de Porto Seguro.

Dolorosamente penetrado da desgraça que presenceou, Avé Lallemant dirigiu-se pessoalmente ao imperador, expoz lhe as condições em que estavam vivendo os seus compatriotas no Mucury, e conseguiu de Sua Majestade que um navio fôsse mandado áquella colonia afim de trazer para os hospitaes

do Rio de Janeiro os infelizes, os doentes e os *desesperados*. *Desesperados* é a palavra que sobre a colonisação do Brazil se empregou então officialmente pela vez primeira e talvez unica no mundo!

A primeira leva dos emigrados recolhidos do Mucury ao Rio de Janeiro a bordo do alludido vapor do Estado foi composta sómente dos enfermos, e constou de oitenta e sete individuos.

A praça do Rio de Janeiro deve de recordar-se ainda do dia memoravel na historia da emigração em que se viu chegar esse tragico e funebre comboio.

Os possantes e valorosos mancebos allemães que o Rio vira passar poucos mezes antes corajosos, esperançados e alegres para os trabalhos do Mucury eram desembarcados em macas nos caes ruidosos da capital de um dos mais ricos paizes do mundo.

Vinham devorados pelas febres paludosas exhaladas de um rio pôdre, cobertos de lepra e de *vermine*, immundos de chagas e escalavrados de contusões.

Um tinha morrido no trajecto, a bordo. Outro expirou justamente no momento em que o collocavam em terra.

Poucos dias depois chegava do Mucury uma segunda leva de emigrados com cêrca de outros tantos enfermos e outros dois cadaveres.

A opinião no Rio de Janeiro tinha-se mostrado tão profundamente commovida com este espectáculo de uma barbaridade suprema e de uma miseria unica, os poderes publicos estavam tão evidentemente instruidos do que era a colonia do Mucury, que Avé-Lallemant, tendo depositado nas mãos do governo o relatorio que fizera, entendeu que podia deixar o Rio de Janeiro e proseguir para o norte a viagem de exploração de que se incumbira, sem receio de que jámais se pudessem repetir as calamidades que presenceara.

Apenas o viajante allemão deixou o Rio de Janeiro o director da colonia do Mucury publicou uma nota justificativa do seu procedimento. Um delegado imperial, enviado ao Mucury para liquidar a verdade, expirou ao regressar ao Rio. De sorte que tudo ficou no estado em que se achava antes do relatorio de Lallemant. Com uma unica differença. Immediatamente depois do que se acabava de passar, o senado brazileiro votava á companhia do Mucury um crédito de cêrca de 500 contos com a garantia de juro de 7 por cento! Era o applauso do governo e a gratidão nacional sancionando um dos maiores vexames que têm sido impostos á civilisação e á humanidade.

Ha mais ainda: Os eleitores de Minas Geraes propuzeram por duas vezes o nome do director da

colônia do Mucury no primeiro lugar da lista senatorial.

Dois unicos homens, honrados e benemeritos, protestaram nobremente contra este opprobrio da justiça—o imperador, que riscou da lista dos senadores o nome do eleito por Minas Geraes como inapto para representar os interesses de um povo, e o sr. Silva Ferraz, ministro da fazenda, o qual aboliu o crédito votado á colônia que tal cidadão dirigia.

De resto, sem citarmos outros factos especiaes, á colonisação do Brazil por meio do trabalho livre falta de raiz a primeira garantia da liberdade, que é a possessão do solo. É esta garantia a que o governo do Washington dá a todo o emigrado que desembarca na America ingleza.

No Brazil a constituição feudal da propriedade entregou metade do paiz aos senhores de escravos. Estes poderosos fazendeiros, cujos dominios vastissimos são indecisamente limitados pelos rios, pelas florestas ou pelas montanhas, predominam fatalmente na administração e na politica, e governam em seu proprio interesse os destinos do grande e fertilissimo paiz brasileiro.

A unica porção do territorio do imperio felizmente privilegiada para a liberdade pelas vantagens da sua posição geographica é o Rio Grande do Sul, ceccrado quasi completamente por pequenas republi-

cas, onde ha muito tempo que a escravidão não existe. N'essa provincia a pequena propriedade assim como o trabalho livre e individual não têm que luctar contra a colligação nefasta dos fazendeiros. As terras quasi todas compradas ao Estado por diversas companhias têm sido vendidas aos agricultores em pequenas fracções e a prazos de cinco annos para o pagamento integral da compra.

Tanto n'esta provincia do Rio Grande como na de Santa Catharina que lhe fica adjacente, mais de quarenta mil individuos da raça germanica absorve de dia para dia os elementos brazileiros, abrem escholas, fundam egrejas protestantes, espalham pela industria, pelo commercio, pelo ensino, pela imprensa, uma poderosissima influencia, e fundam finalmente um estado que não deixará de ter um lugar importantissimo nos futuros destinos da grande peninsula austral.

De todos os emigrados europeus o mais desprotegido, e podemos accrescentar ainda o mais detestado, é o colono portuguez. Pesa ainda hoje sobre elle o velho odio de raça.

O hollandez Hans Stade foi aprisionado pelos botocudos, cuja região é atravessada pelo rio Mucury de que acima se falou. Os botocudos não o mataram immediatamente porque tinham resolvido engordal-o um pouco mais para o comerem depois

mais tenro. Hans Stade engaiolado como um pato a que se está fazendo crescer o figado, desejando despertar nos seus inimigos o asco ou o fastio protestava-lhes que era hollandez, ao que o chefe da tribu lhe retorquia: «Tenho já comido cinco brancos e todos elles me juraram como tu que não eram portuguezes.»

O hollandez salvou a vida lembrando-se de argumentar pela legitimidade authentica da sua origem com a côr dos cabellos loiros que tinha. Os boto-cudos, lembrando-se então que os cinco portuguezes que elles tinham comido assados no espêto, eram effectivamente de cabello preto, mandaram embora o de Hollanda.

Este facto, referido pelo proprio viajante com quem elle se deu, prova bem de que modo se inventa nas raças conquistadas o odio ás raças conquistadoras, principalmente quando entre os vencedores e os vencidos se trocaram razões da ordem d'aquellas que assignalaram as primeirrs convivencias do europeu de Portugal e do indio brasileiro. Pedro Alvares Cabral quando desembarcou nas costas do Brazil não arvorou sómente na praia uma cruz symbolo da fraternidade christã: ao lado d'essa cruz levantou igualmente, como instrumento da mora evangelica e da civilisação do velho mundo, uma fôrca.

Os guaranis, por sua parte, não fugiam espavoridos como os indigenas do Mexico e do Peru ao estrondo das descargas dos mosquetes. Resistiam como hienas assaltadas pelos cães, disputavam palmo a palmo o solo que iam cedendo ao inimigo, e só muito lentamente descobriam os seus rastros de sangue, embrenhando-se no matto, ameaçando, e rugindo como as feras que recuavam com elles.

O colono portuguez no Brazil nem tem os direitos dos nacionaes nem os privilegios dos estrangeiros. Em uma nota do barão de Cotegipe, ministro brasileiro, a mr. George Bukley, ministro inglez, ácerca da deserção de marinheiros estrangeiros para a marinha brazileira, encontra-se consignada nos seguintes termos a condição dos individuos que compõem a tripulação dos navios do Estado—escravos, portuguezes, nacionaes e estrangeiros.

O colono portuguez, *engajado*, como se costuma dizer, pelos delegados dos fazendeiros brazileiros, e escolhido entre a mocidade mais vigorosa, mais activa e mais forte das provincias do Minho e de Traz-os-Montes, é acolhido no Brazil, no Rio de Janeiro quasi sempre, por um senhor esquivo, desconfiado, que vê n'elle um capital seu exposto aos riscos da deserção ou da fuga, ao imminente perigo

da enfermidade e da morte: é preciso explorá-lo á pressa e fazel-o render de prompto. D'ahi as tarefas mais violentas e pesadas impostas desde logo ao colono que chega.

O *engajado* por sua parte entra na colonia esmagado por uma dívida assustadora — o preço da sua viagem, o passaporte, a folha corrida, o enxoval, a passagem, os alimentos, os remedios, as visitas do medico, as custas de installação etc, — outras tantas quantias abonadas pelo senhor, a quem tem de pagar o capital, amortisação e juro de 6 por cento. Elle, com a sua intelligencia e a sua actividade, é portanto, desde então, uma cousa que está pertencendo a outrem. Mette pela primeira vez a sua enxada na terra do exilio com a amargurada consciencia de quem já não trabalha nem tão cedo tornará mais a trabalhar para si. N'este momento ou se revolta e é um criminoso, ou se submete e é um escravo.

A maior parte d'esses desgraçados rapazes humilham-se e cedem á fôrça com que não podem lutar. Resignam-se no desalento e na desgraça. Então a nostalgia vem. Como todos os montanhezes, os trazmontanos e os minhotos têm o sentimento instinctivo da patria penetrante e profundo. O extranho aspecto portentoso da grande natureza equatorial traspassa essas intelligencias estreitas e humil-

des de um melancholia devoradora. A natureza inanimada e a natureza viva tem para elles aspectos novos e phantasticos que lhes põem o passado, a familia e a patria, nas perspectivas longinquas e nubladas dos sonhos. As extranhas vegetações da roça; os infinitos palmares; as plantas sarmentosas emmaranhando as florestas como os primeiros lineamentos de um tecido inextricavel; as longas plantações do café; os aves de deslumbrantes plumagens; os quadrumanos medrosos e rapidos, de sarcasticas visagens; o zumbido inaudito dos insectos desconhecidos; os homens negros esfarrapados, em grandes grupos, cavando a terra, e manchando a paizagem de nodos movediças como as que produzem nos prados os rebanhos; grossas figuras de feições contorsidas pelo caracteristico da raça e deformadas ainda pela erysipela e pela elephancia; guardando esta legião de forçados o feitor, um mulato armado de um azurrage e tendo á cinta uma palmatoria; a distancia o caldeirão do rancho sobre a fogueira ateadada pelas pretas semi-núas acocoradas no chão com os seus filhos pendurados ás costas n'um alforge; e por cima d'isto a abobada liza de um céu ardente, de cujo azul se destaca no horizonte o sol de um vermelho de ouro opaco, como um disco de metal, perfeitamente supportavel á vista pelo phenomeno resultante da interposição dos

vapores translucidos dos longinquos incendios enormes dos mattos.

Depois, ahi tudo é hostil ao emigrado portuguez. Emquanto ás influencias da vida physica, o sol chammejante, a humidade das noites, os miasmas febrís do solo, a exalação mephitica dos pantanos. Emquanto á vida moral, a extranheza dos habitos e dos costumes, a isolação, a tristeza, a saudade, a impotencia absoluta da reacção individual contra o poder immenso, exclusivo, absoluto, dominante em toda a organização do Brazil — a colligação irresistivel dos fazendeiros. A roça no imperio brasileiro é como em Portugal o banco. É ella que faz a lei, a justiça e o direito. Com uma differença nos resultados d'esta influencia do capital e da propriedade no Brazil e em Portugal: é que em Portugal ella é contrastada pelas beneficas resistencias de alguns milhares de cidadãos que mantêm a liberdade por meio da independencia facultada pelo trabalho; no Brazil não, porque no Brazil quem trabalha é escravo, e a quantidade chamada povo não existe.

Que garantia nos pode offerecer um paiz assim constituido de que respeitará a fé dos contratos com miseraveis trabalhadores de um paiz remoto, pobre, fraco e pequeno?

O actual consul de Portugal no Rio de Janeiro, um homem intelligente e honrado, propoz á commis-

são parlamentar que por convenio entre os dois paizes se considerasse irritado e nullo todo o contrato feito entre o proprietario brasileiro e o colono portuguez que não fôsse firmado e reconhecido pela chancella consular. Era um meio muito pratico, de uma execução perfeitamente simples e facilima, de elucidar o emigrado com a informação, o esclarecimento e o conselho do representante do seu paiz, soltando-o das prêsas do engajador e evitando com uma só palavra talvez, esclarecida e dedicada, que elle compromettesse por ignorancia em uma transacção leonina a sua liberdade e a sua vida. Isto nunca se conseguiu, porque ha muitos annos que nada se consegue do governo brasileiro em beneficio dos subditos portuguezes. Para se ajuizar perfeitamente do desvelo com que os nossos diplomatas sustentam os nossos direitos e velam pelos nossos mais legitimos interesses junto do governo de Sua Magestade o senhor D. Pedro II, basta dizer-se que a importancia dos espolios dos cidadãos portuguezes fallecidos no imperio, depositada no thesouro do Brazil, monta a cêrca de trinta mil contos. Nunca se publicou a escripturação relativa á procedencia de tantas e tão avultadas quantias. Os herdeiros d'aquelles cujos espolios fôram arrecadados pelo governo brasileiro não têm hoje meio nenhum de obter noticia da herança a que tenham direito.

No thesouro do Rio de Janeiro é expressamente prohibido dar esclarecimento algum ácerca de semelhante ponto. Ora segundo a lei brasileira o direito á herança prescreve no espaço de trinta annos.

Até ha pouco tempo a embaixada portugueza no Rio tinha por effeito dar á colonia a moda das ultimas casacas em dois ou tres bailes annuaes, e de sustentar patrioticamente em alguns jantares delicados o gôsto da cozinha europêa contra as invasões indigenas da mandioca e do feijão preto. O ultimo dos nossos ministros na côrte do Brazil, o sr. Mathias de Carvalho, acabou com estes beneficios da representação elegante do velho mundo, supprimindo no palacio da legação os jantares e os bailes.

Considerado unicamente como enviado extraordinario da *toilette* lisbonense nos saraus do Catete, parece-nos que o sr. Mathias deve achar-se antigo. Lembremo'-nos que s. ex.^a deixou a metropole no tempo em que ainda se usava em bico a abertura dos colletes. Quem sabe porquanto em que vergonhoso estado de colletes de bico se não achará hoje aquella triste embaixada!

Como quer que seja, ella não serve absolutamente para nada, a não ser para nos dar aos olhos dos brasileiros o ar impertinente, irritante, algumas ve-

zes provocador, de uma importancia que não temos e de uma fôrça que não usamos.

Emquanto nas regiões officiaes e diplomaticas vae medrando esta inercia justamente suspeita de já não saber vestir-se e de se alimentar nas trevas com pirão, o colono portuguez *engajado* para o trabalho dos campos é sublocado pelo fazendeiro que o *engajou* a outros fazendeiros, que pagam um tanto pelo trabalho d'elle ao seu primitivo possuidor. Os colonos passam d'este modo de mão em mão como uma cousa alugada ou vendida. Muitos d'elles não se desempenham nunca da divida contrahida com o senhor, morrem na, gleba, e deixam os filhos herdeiros da servidão paterna.

Succede porém que a maior parte dos emigrados portuguezes não vão ao Brazil para serem empregados como trabalhadores nos campos. Ficam nas cidades e entregam-se ás pequenas industrias ou á apprendizagem do commercio. Segundo uma nota official do governo civil do Porto o numero dos emigrantes sahidos d'aquelle ponto para o Brazil durante os ultimos dez annos foi de 24:000. N'este numero figuram 8:969 menores e 3:561 mulheres. Os Açores são a parte do paiz que exporta maior quantidade de mulheres. Estas mulheres são escripturadas ao chegarem ao Rio de Janeiro, mui-

muitas d'ellas a bordo mesmo dos navios que as transportam. Escolhem-se pelo aspecto physico: uns preferem as louras, outros as morenas. As mais bonitas são as que se accommodam mais depressa. Os fazendeiros encommendam-as do interior aos seus correspondentes: «Quando chegar o paquete proximo mande-me duas caixas de vinho do Porto e uma *ilhóa* gorda, de dezoito annos e ôlho preto.»

Muitos d'estes emigrados, homens, mulheres e creanças, que não encontram de prompto uma collocação qualquer, ficam na miseria e entregam-se para terem de comer a todos os mestéres, os mais baixos, os mais aviltantes, os mais ignominiosos. Quem precisa de portuguezes não os vae buscar nunca a estas tribus dos preteridos: espera pelo paquete seguinte. A melancholica legião dos relegados vae augmentando assim progressivamente com os refugos de cada carregamento. Estes miseraveis constituem no Rio de Janeiro uma parte numerosissima da colonia portugueza. Vivem juntos, agglomerados como gado, em uma especie de casas de malta ou de albergarias, a que chamam no Brazil o *cortiço*.

O *cortiço* é a mais affrontosa de todas as vergonhas nacionaes. É o corollario vivo da nossa decadencia. É o commentario profundo da nossa ine-

pcia. É o espelho do nosso vicio, do nosso desleixo, da nossa corrupção.

Não se confunda o «cortiço» dos portuguezes no Rio de Janeiro com a «casa de malta» dos gallegos em Lisboa. Da Galliza não emigram senão os homens. A gallega rarissimamente vem a Portugal, permanece na sua aldeia creando e educando as suas creanças. A mulher portugueza é muito mais desgraçada: desterra-se como o homem, e desterra os seus pequenos.

No Rio de Janeiro, á noite, essa multidão infecta, andrajosa e faminta, recolhe-se no *cortiço*, sem distincção de sexos nem de edades, em uma agglomeração completamente bestial. Dormem a esmo pelo chão n'uma promiscuidade torpe. A falta de hygiene, o excesso de trabalho, a fadiga, a insufficiencia de alimento produzem naturalmente n'essa população quasi nomada as viciações do sangue, as escrofulas e a tísica. Os contagios secretos e vergonhosos propagam-se e radicam-se no *cortiço* por um modo pavoroso, entre os adultos, as mulheres e as creanças. São frequentes entre esses desesperados os casos de alienação mental. Os doidos furiosos, á falta de hospitaes, são algumas vezes recolhidos, para não ficarem expostos ao desamparo e ao suicidio, nas cadeias do Estado, em que o governo brasileiro lhes dá por caridade uma enxovia

devoluta; outras vezes até as masmorras faltam. A desgraça levada a estas profundidades tenebrosas apaga no espirito dos que arrasta consigo todas as noções moraes da dignidade, do dever, do orgulho, — do tão altivo como fragil orgulho humano! A miseria em taes quilates converte naturalmente o homem que subjuga na besta servil ou na fera. A indole nativamente dôce do portuguez preserva-o da ferocidade. Resta-lhe fatalmente a servidão.

As benemeritas sociedades de soccorros e de beneficencia que existem no Brazil fundadas por cidadãos portuguezes são insufficientes para prover de remedio tão grandes males.

Se os transportes da nossa marinha percorressem o littoral brasileiro e concedessem passagem aos emigrados arrependidos, esses navios voltariam ao reino carregados de gente. Seriam alguns milhares de cidadãos perdidos, que d'esse modo se restituiriam á patria.

Mas, de resto, para que quereria a patria esses trabalhadores? Que destino lhes prepara? Que futuro lhes promete?

Esta é a questão.

O existirem na America alguns mil homens que ainda chamam a isto uma patria é um phenomeno

que procede unicamente dos flagrantos erros da politica brasileira.

Tudo quanto um paiz, e principalmente um paiz novo, uma sociedade nascente e um solo inexplorado podem lucrar em receber no seu gremio todos os homens eminentes do resto do mundo, o Brazil o tem desdenhado e perdido. Se no Brazil, como no Washington, o emigrado adquirisse ao chegar, por meio de uma simples inscripção de recenseamento paga com cinco dollars, todos os foros de naturalisação, sem excepção alguma, até o direito de candidatura á presidencia da republica, o Brazil teria por esta simples medida dessangrado Portugal dos seus espiritos mais cultos e das suas intelligencias mais vivas, assim como o tem já empobrecido pela absorpção das mais energicas das suas fôrças physicas.

Caso extraordinario e verdadeiramente inexplicavel: Até hoje a unica opposição á emigração de portuguezes para o Brazil tem sido feita unicamente — pelo Brazil! Nunca lh'o agradeceremos com sufficiente gratidão. Parece que é elle o que tem estado constantemente querendo, pelo que diz respeito ás colonias, colonisar-nos a nós antes de se colonisar a si mesmo. O Brazil tem denotado sempre pela sua politica, pela sua legislação, pela mesma arte, pela sua litteratura, pela sua opinião pu.

blica e pela sua imprensa, que elle tem dos emigrados esta comprehensão fabulosamente extranha: que quem os perde não é quem os dá, mas quem os recebe. Na analyse singellamente grammatical dos elementos da sua prosperidade, a America brazileira não tem sabido achar — o agente.

Ora nós é que não estamos certamente seguros, se continuarmos a repousar como até agora n'um tal ou qual equilibrio economico que não tem mais fundamento do que um grosso erro brazileiro de syntaxe administrativa.

O Brazil, por maiores que possam parecer os obstaculos que o separam da perfeição, não está menos destinado por isso a um grande papel no mundo civilisado. Quando a escravatura tiver completamente desaparecido, quando aquella sociedade, que se baseava na servidão, se basear definitivamente na liberdade e na justiça, o Brazil será o paiz riquissimo de um grande povo. É possivel que os interesses dos fazendeiros diametralmente oppositos aos dos trabalhadores livres produzam ainda por algum tempo uma resistencia nociva ao progresso. Poderá ainda vir a guerra como uma expiação providencial e terrivel. Lincoln, referindo-se á guerra dos estados do sul com os do norte, proferiu em uma das suas mensagens como presidente

da republica estas palavras profundas de fé na eterna justiça: Os escandalos são precisos, mas desgraçados d'aquelles que lhes dão causa! Se podemos suppôr que a escravatura americana é um d'esses escandalos permittidos por Deus, mas que a elle lhe apraz destruir; se elle desencadeou a um tempo ao norte e ao sul essa terrivel guerra como o devido castigo para aquelles que produziram esse escandalo, poderemos nós vêr n'isso a derogação dos attributos que todos aquelles que crêem em Deus lhe reconhecem?.. Esperemos que essa guerra maldicta acabe. Se porém a vontade de Deus é que ella continue até que a riqueza adquirida durante duzentos e cincoenta annos pelo tradalho dos escravos se extinga, até que cada gôtta de sangue arrancado pelo açoite seja resgatada por uma gôtta igual de sangue arrancado pela espada, repetiremos n'este caso o que se dizia ha tres mil annos: os juizos de Deus são justos e rectos.

Quaesquer que sejam no Brazil os males novos com que um bem repentino possa temporariamente aggravar os males antigos, nenhum brasileiro justo e honrado poderá deixar de repetir a palavra evangelica do immortal iniciador da liberdade no novo mundo.

A civilisação e a paz duradoura virão afinal, necessariamente e fatalmente, com a transformação

economica do Brazil fundada na liberdade, na justiça, e no grande sentimento americano da confraternisação universal de todos os espiritos e de todos os povos.

Em Portugal ou continuará ou não o progresso da decadencia.

Se continuar seremos impreterivelmente absorvidos como incapazes da independencia e como indignos da liberdade.

Se a nossa decadencia encontra um embate poderoso e energico, teremos então consummada a revolução social.

Ora a revolução poderá ser feita por dois modos : ou pela sabedoria do poder ou pela anarchia das massas.

No primeiro caso a reforma economica poderia operar-se pacificamente na independencia completa da revolução politica. O que seria um grande bem, porque as revoluções politicas não servem nunca senão para deslocar interesses e abusos das mãos de uns que comiam para as mãos de outros que vão comer.

Do segundo caso haverá uma conflagração geral. As ambições victoriosas da plebe assaltarão o poder, invadirão os mais altos dominios do Estado e na sua guerra de exterminio á burguezia anniquila-

rão a tradição constitucional e monarchica. E não poderemos então admirar-nos de que queimem tudo o que nós adoramos aquelles a quem nós negamos systematicamente e absolutamente tudo quanto elles admittiam.

Resta agora aos poderes constituídos o optarem por uma d'essas soluções: ou adeantarem-se rapidamente para a revolução pela sciencia, ou esperarem a explosão d'ella pela revolta.

A crise que ha de terminar um d'esses resultados está mais proxima talvez do que geralmente se cuida. A emigração leva-nos do paiz os homens mais válidos e os mais possantes trabalhadores. No emtanto a agricultura carece de braços. A producção da terra, no deploravel abandono em que ella se acha, não dá, em partes, para o imposto e para o salario. O preço das subsistencias cresce proporcionalmente n'uma progressão assustadora. Finalmente no dia da primeira *grève* dos operarios dos campos todos nós ficaremos sitiados pela fome.

Não obstante, alguns milhares de colonos portuguezes espalhados pelo Brazil mendigam soccorros para regressarem a Portugal, e no Alemtejo enormes áreas de optima terra vegetal continuam devolutas — e hypothecadas!

Isto posto, leitor amigo, sentemo'-nos commoda-

mente, e preparemo' nos para escutar com attenção e respeito o que vem propor-nos a commissão parlamentar encarregada d'estes estudos, por via do orgão tão conspicuo quanto nasal de Barros e Cunha, ameno e calvo!

Dezembro 1872.

IX

Sua excellencia a nossa gloria nacional sr. Alexandre Herculano consagrou definitivamente os seus ocios á cultura da epistolographia. É tocante vêr assim resurgir para a gloria, de traz de um lagar de azeite, o antigo Tacito austero dôcemente convertido em Madame de Sevigné.

O insigne historiador começou a sua nova carreira pela tão notavel carta ácerca das conferencias do Casino, á qual tivemos a honra de nos referir.

Seguiu-se a sua epistola á senhora D. Guiomar Torreção, da qual resolvemos não nos occupar pelo temor de que nos tomassem por falta de respeito e talvez de generosidade para com o primeiro dos escriptores portuguezes erguer para o astro a

nossa vista quando se nos apresentava sob o aspecto «collaborador de folhinhas» o ex-collaborador dos Michelets e dos Buckles... Quando Luiz o Grande, tirava a tremenda cabelleira olympica, e descobria o seu pobre côco vulgar, mediocre e rapado á navalha, os cortezãos tambem desviavam os olhos.

Por ultimo o semi deus da litteratura portugueza dirige-se á Real Associação Agricola em uma grave missiva a respeito da emigração portugueza para o Brazil. Não podemos deixar de apoderar-nos immediatamente de tão importante documento, para que o immortal vulto saiba no seu retiro, que n'esta terra não ha sómente quem o venere, mas tambem — quem o leia.

Começa o varão illustre por esclarecer com a sua auctoridade um ponto que sua ex.^a suppõe ter estado até hoje confuso, a saber: que ha differença entre estas duas especies de emigração — a forçada e a voluntaria.

Esta novidade é tanto mais para agradecer ao sr. Alexandre Herculano quanto parece realmente impossivel que se tivesse esquecido de nol-a dar o sr. De la Palisse!

Quanto á emigração forçada diz o illustre solitario de Val de Lobos: *Faça-se tudo para a sup-*

primir. Quanto á emigração voluntaria opina sua ex.^a: *Evite-se quanto directa ou indirectamente a possa sopitar*.

Chama sua ex.^a *emigração forçada* á que é determinada pela miseria. Chama *emigração voluntaria* á que é produzida por outros impulsos da actividade que sua ex.^a não especifica mas em que nos parece podermos classificar gôsto das viagens, curiosidades de paizagista, nôjo do Chiado, phantasia aventurosa, falta de appetite, etc. Para os emigrantes voluntarios a emigração é pois uma resolução facultativa. Para os emigrantes forçados pela miseria a emigração é uma necessidade indiscutivel, fatal. Aos primeiros, que podem livremente emigrar ou não, quer o sr. Herculano que a lei aplane todos os caminhos, para que emigrem. Aos segundos, aos que ficam na miseria se lhes cortarem o seu unico refugio—a emigração—quer o venerando sabio que se faça tudo para que? Para que elles persistam na miseria.

Temos por consequente de inquirir o emigrante antes de adherir ou obstar a que elle parta.

Que ordem de razões o levam a expatriar-se? Quer ir á Tijuca? Quer olhar para o Catete? quer considerar em estado o grande imperador que não viu aqui senão de casacão, condecorado apenas com uma simples nodoa de môlho: deseja vê-lo no seu

meio, em toda a majestade monarchica, levado ao trote pela estrada de S. Christovam, com um esquadrao de cavallaria atraz de si, vestido de calção curto e sapatos de setim branco, de manto de armiño e purpura, com a corôa na cabeça e o sceptro em punho, suando sob o sol dos tropicos, peneirado pelos solavancos de uma velha berlinda?... É finalmente uma phantasia, um capricho, um devaneio de *touriste*? Em tal caso que parta, que seja grande, e que «honre a patria porque a patria o contempla» como inspiradamente disse o sr. Mendes Leal em um dos seus dias de mais explosivo lyrismo colonial.

O emigrante vae, ao contrario, porque acha o mundo portuguez cheio de mais para elle, porque encontrou cincoenta pessoas adeante de si a todas as portas a que foi procurar trabalho, porque está na sua derradeira camisa, porque não tem um vintem, porque vive de esmolos, porque não janta ha tres dias, porque o assalta a idéa do suicidio? N'esse caso, emigração forçada! Prohibe-se-lhe deixar a patria. Não se lhe dá trabalho, porque o não ha. Tambem se lhe não dá de jantar, em primeiro lugar porque isso iria humilha-lo, em segundo lugar porque talvez até, pelo deshabito em que elle está de comer, lhe fizesse mal jantar. Que passeie; que se distraia; que vá á camara ouvir o

42

sr Barros e Cunha e o sr. Barros e Sá—os dois Barros, mais interessantes que os dois Senecas!—palmilhe o Rocio, leia os almanachs de D. Guiomar, faça o que lhe parecer emfim, mas não emigre! Foi a miseria que o vomitou, que o engula a miseria! Tal é a seu respeito a opinião do grande pensador, do pensador por excellencia, do unico pensador portuguez.

E a não ser para esta ultima especie de emigrantes—os unicos que hão de emigrar por fôrça, quer o queiram quer não, que é absolutamente preciso que emigrem, a que ninguem pode obstar que emigrem, porque nenhuma sociedade tem direito por nenhuma razão do mundo a sequestrar um homem ao trabalho e á vida n'um paiz extranho, quando ella pela sua desorganisação carece de posses para lhe manter e garantir na patria a vida e o trabalho; —a não ser para estes, dizemos—o insigne philosopho quer para todos os outros cidadãos a emigração, a emigração fomentada e defendida como fonte da prosperidade publica.

O grande homem sustenta o seu alvitre com a razão de lhe constar (posto que s. excellencia declare não ter estatisticas, relatorios authenticos, nem outros alguns livros em que houvesse estudado a questão) que o valor médio dos ingressos moneta-

rios que nos traz o refluxo da emigração portugueza na America se calcula em 3:000 contos de réis. E o ingente vulto accrescenta:

«O producto liquido do trabalho ou se destina a satisfazer as necessidades, os commodos e os appetites do productor, ou a accumular-se e a converter-se em capital reproductivo, ou finalmente a dividir-se entre estas duas applicações. Ambas ellas influem na riqueza publica, mas com diverso grau de intensidade. A satisfação das nossas precisões, ou da nossa propensão para gosar, tendem a manter prosperas centenas de industrias, mas a accumulção do capital, quando este chegar a converter-se em instrumento de producção, tem uma fluencia, sem comparação mas energica, no proingresso da riqueza social. São verdades triviaes estas: fôra inutil insistir n'ellas. Qual é, porém, o teor da vida, em geral, do portuguez do Brazil, do futuro brasileiro de Portugal? É o forcejar incessante, pertinaz, por accumular capitaes, reduzindo ao estrictamente indispensavel a satisfação das suas necessidades. Dedicá á prosperidade da industria, da agricultura ou do commercio d'aquellas regiões a menor parte que pode do fructo do seu trabalho. A sua idéa constante, inflexivel, tenaz, é voltar rico, ou pelo menos abastado. E volta. Se, cansado de sacrificios e trabalho, quer gosar, é á industria,

á cultura e ao commercio do seu paiz, que atira ás mãos cheias o ouro que ajuntou. Se a sêde do ganho não se extinguiu n'elle, esse ouro converter-se-ha em capital productivo.»

Admitta-se que a emigração produza ao paiz um ingresso de 3:000 contos annuaes, apesar do profundo erudito nos dizer que o não sabe senão de outiva, e que não abriu ácêrca de semelhante assumpto um unico livro. Basta-nos que tão grande sabio o diga, quer o saiba por lh'o ter dicto o seu creado, quer mesmo de todo em todo o não saiba. Nós é que o ficamos sabendo desde que s. ex.^a o escreve. Mas o dinheiro não é nem foi nunca um germen de prosperidade; é apenas um elemento de corrupção. Se o ingresso annual dos capitaes que não representam o valor de productos exportados fôsse a origem da industria e do trabalho, a Belgica seria um paiz desgraçado e pobrissimo, ao passo que Baden Baden e o principado do Monaco, onde se desembolsam annualmente alguns centenares de milhões, seriam as mais industriosas e as mais prosperas regiões do giobo. No ponto de vista economico parece nos pois que ha uma cousa que o immortal genio confunde um pouco com a civilisação. É a roleta. Que lucrou a Prussia com o ultimo ingresso dos milhões francezes? A consequente ca-

restia exorbitante das cousas, o desconforto e a miseria de milhares e milhares de familias que vivem de rendimentos fixos, e que luctam hoje com a indigencia no territorio allemão. É o que succede em Portugal com o numerario brasileiro.

Os capitaes do Brazil não augmentam a prosperidade nem a riqueza nacional. O dinheiro brasileiro não circula aqui senão em permutações. Para que o dinheiro do Brazil se transformasse para nós em riqueza publica, seria preciso que elle viesse augmentar a população em vez de a diminuir, cultivar a terra, espalhar o trabalho. Não é isso o que succede. O emigrado portuguez que regressa do Brazil não vem produzir, vem descansar. Quando o sabio nos diz *que é á industria, á cultura e ao commercio do seu paiz que o brasileiro atira ás mãos cheias o ouro que ajuntou*, o sabio divaga no lyrismo, delira na rhetorica. Não é isso o que succede; todos o sabem, excepto o venerando vulto! O portuguez só chega a denominar-se brasileiro quando não traz para Portugal senão a sua ociosidade e os juros do seu dinheiro, quasi nunca os seus capitaes. O seu commercio, a sua industria, a sua influencia civilisadora, os poderosos elementos de trabalho de que elle dispunha ficaram no Brazil. Foi lá que o brasileiro deixou o seu negocio entregue á gerencia de um associado, a fabrica traspassada ao seu contra-

mestre, a loja ao seu primeiro caixeiro, a roça a um feitor ou a um mascate enriquecido. Foi lá que elle empregou, implantou e deixou tradicional essa cousa tão sobranceiramente desdenhada pelo grande homem — *o forcejar incessante e pertinaz, a ordem e a estricta economia*. O que faz no Brazil o emigrado portuguez? Exerce a temperança e o trabalho, lança os mais solidos e profundos alicerces á civilisação e á felicidade em um paiz extranho. Que traz elle á patria? Traz-lhe o *dinheiro*, a *ociosidade*, a *propensão para gosar* — cousas que o sublime historiador considera os mananciaes da riqueza publica, em manifesta contradicção do historiador com a historia, a qual nos ensina pelo contrario que o *ouro e a propensão para gosar*, que o sr. Herculanô nos decanta hoje, não fôram nunca durante todo o decurso da nossa vida nacional senão os agentes immediatos e fataes da nossa corrupção, da nossa decadencia, do rebaixamento profundo da nossa dignidade e da nossa consciencia.

Pelos alludidos 3:000 contos annuaes, cujo ingresso na patria engasga de satisfação e de jubilo o primeiro dos escriptores portuguezes, cede Portugal ao Brazil 10:000 homens — que em tanto se calcula o numero dos emigrados — os cidadãos mais válidos, os mais robustos e os mais fortes. A patria

vem portanto a vender os seus filhos por 300.000 réis por cabeça — somma que o historiador incomparavel acha enorme a troco de mercadoria tão baixa!

Estando avaliado que a população productora de um paiz orça pela quarta parte da sua população total, temos ainda que a esses 10:000 productores que emigram correspondem 40:000 consumidores — mulheres, creanças e velhos — os quaes ficam sobrecarregando os braços uteis que permanecem na patria. De modo que Portugal dentro de um espaço de cincoenta annos terá dado por 3:000 contos mais varios ociosos que annualmente recebe, 500:000 homens válidos e 2 milhões de indivíduos desamparados do apoio que lhes teriam prestado os 500:000 emigrados. Mas o maior de todos os nossos escriptores continua a achar prodigiosa e embasbacante a fortuna de 3:000 contos provenientes dos ingresos annuaes da emigração!

Querem saber agora quanto os emigrados portuguezes deixam no Brazil, não já em trabalho organizado, em industrias creadas, em terrenos cultivados, mas em dinheiro capitalizado? Eis o computo feito em 1868 por um abalisado escriptor residente na America o sr. dr. Rodrigues de Mattos:

«Repute-se que no termo médio do valor de um dia de trabalho immaterial ou material, o minimo

do valor da producção seja 500 réis diarios, e o do consumo outros 500 réis (moeda forte). O termo médio do valor capital de cada individuo industrial são 17000 réis diarios ou 3607000 réis annuaes. Reputa-se tambem que no imperio existe desde quarenta annos uma população que se approxima do numero de 500:000 portuguezes emigrados nas edades mais vigorosas para o trabalho. Não elevarei a tanto o algarismo da emigração, porém não se negará que no termo médio deixe de ter havido constantemente nos quarenta annos 300:000 portuguezes empregados activamente nas diversas industrias brazileiras. Não se negará tambem que na producção e consumo d'estes individuos seja o interesse annual de 6 por cento: interesse este que successivamente se tem capitalisado composto e representado na consideravel prosperidade brazileira nos mesmos quarenta annos decorridos. A emigração calculada em 300:000 individuos trabalhando em diversas industrias no periodo de quarenta annos representa hoje um capital brazileiro no valor de 108:000 milhares de contos fortes, que dão o actual interesse para capitalisar na importancia de 64:400 contos fortes annualmente.»

No emtanto a primeira das nossas glorias nationaes continua sempre a achar de uma seducção irresistivel o ingresso de 3:000 contos provenientes

do refluxo da emigração! Parece-nos que n'esta parte o verbo inspirado do homem, por tantos titulos grande, descobre levemente a allucinação que o aspecto das mesquinhas sommas produz na cubiça do cultivador pequeno.

Ficamos pois sabendo e apressamo'-nos a registal-o — porque é profundo isto! — que o sr. Alexandre Herculano, a nossa gloria nacional, o grande escriptor, o illustre solitario, o eminente vulto, o primeiro dos historiadores, etc., etc., opina que se mantenha e facilite a emigração, porque d'ella re-vertem ao paiz 3:000 contos annuaes, na algibeira do brazileiro, e que o paiz nada tem mais facil, mais sabio, mais util que fazer do que explorar essa algibeira!

O sr. Herculano sustenta assim e defende logicamente a tradição miseravel a que está chumbada a decadencia e a vergonha da patria.

Desde o seculo xii até o seculo xiv, Portugal viveu da expoliação dos arabes pela reconquista.

No seculo xv a xvi explorou as colonias da Asia e da Africa.

No seculo xvi a xvii expoliou os judeus.

No seculo xviii a xix expoliou primeiro os jesuitas e depois os frades.

Agora, quando o paiz já não tem o arabe, nem

tem a Asia, nem tem a Africa, nem tem o judeu, nem o jesuita, nem o frade, seria talvez um momento opportuno para que o paiz pensasse em não appellar mais para os supprimentos do acaso, e cuidasse em reorganisar-se honradamente pela instrucção, pela renovação economica e pelo trabalho. O sr. Alexandre Herculano, o guia intellectual e o mestre da presente geração, não é porém d'este alvitre. Opina pelos velhos expedientes tradicionaes que trouxeram arrastada até hoje, ora de violencia em violencia, ora de vergonha em vergonha, a nossa existencia economica. E inculca-nos afinal como destino da intelligencia e da dignidade do final d'este seculo — a exploração do emigrado.

Mas se uma perturbação nacional, se um cataclismo politico fechar ámanhã os portos do Brazil á emigração portugueza, o que será de nós sem educação, sem trabalho organizado, sem recursos proprios? Será o que Deus quizer. Depois do eminente historiador portuguez, o diluvio! Depois da emphase, a ruina!

Uma palavra por ultimo aos que nos têm extranhado e aos que venham a extranhar-nos a ousadia com que nos atrevemos a interpellar e a discutir uma individualidade tão veneranda como a do sr. Alexandre Herculano.

Nós temos o respeito das grandes idéas, mas não temos, nem queremos ter, o respeito dos grandes homens.

As grandes idéas são eternamente beneficicas, porque inspiram sempre os grandes animos e as grandes acções.

Os grandes homens são funestos sempre que o respeito subordine a sciencia e a critica á particular opinião d'elles.

Succede que algumas vezes os grandes homens fazem o que acaba de praticar o sr. Alexandre Herculano na sua carta á Real Associação Agricola: Emittir a respeito de um assumpto da importancia mais vital uma opinião que não procede do exame nem do estudo dos factos, como s. ex.^a mesmo confessa; cobrir essa leviandade com o prestigio de um nome illustre, é lançar á circulação das idéas um erro fatal ao progresso.

Janeiro 1874.

X

Ácêrca da partida da corveta *Sagres* para o porto do Pará, algumas reflexões:

A antipathia aos povos conquistadores é um facto commum aos povos de todas as regiões conquistadas. O mexicano odeia o hispanhol, o americano dos Estados-Unidos odeia o inglez, o americano do Brazil odeia o portuguez. No Brazil, no Mexico, nos Estados-Unidos, sempre que a occasião apparece, os factos demonstram este principio.

Em presença d'esses factos, que muitas vezes constituem verdadeiras violações do direito das gentes, os velhos povos conquistadores perguntam a si mesmos se não fôram elles proprios os que primeiro ensinaram nos paizes conquistados a violar impunemente o direito. Se não será certo que todas as grandes leis moraes, assim como todas as supremas leis physicas que regulam o universo, têm em si mesmas a punição dos que as transgridem. Se não será fatal que o fructo amargo do odio rebente

sempre da semente envenenada da oppressão. Se estará em poder dos homens impedir que a longa animadversão dos seculos contrabalance por parte das regiões conquistadas os dias ferozes do despotismo imposto pela fôrça das raças conquistadoras. Até que—como dizia Lincoln n'essa phrase tremenda feita com as lagrimas da eterna justiça—a cada gôtta do sangue arrancado pela iniquidade da espada, responda lenta mas integralmente o sangue vertido sob a traição do azorrague.

Que mal fizemos nós ao brasileiro?

Nenhum.

Demos-lhe a vida historica, demos-lhe os costumes de nossos paes, a civilisação herdada de nossos antepassados, a lingua dos nossos poetas.

Estamos-lhe dando ainda em cada anno os mais fortes elementos que constituem o progresso,—o braço e a intelligencia dos nossos filhos mais fortes e mais robustos, o melhor, o mais vermelho, o mais rico do nosso sangue.

Nós ficámos abatidos, prostrados, anemicos.

Os mais valentes homens de Portugal, os alentados, os sadios, os diligentes, os pacificos, os dedicados homens do Norte, os mais aptos para regenerarem pela familia a enfraquecida raça portugueza, para fertilisarem o solo, para cultivarem o estu-

do, para ennobrecerem as idéas, esses homens emigram para o Brazil.

Onde está a nossa forte mocidade montanheza, trazmontana e minhota? No Brazil.

Onde estão os nossos mais emprehendentes industriaes, os nossos mais habéis mercadores, os nossos mais ricos negociantes, os nossos capitalistas, os nossos banqueiros, os nossos proprietarios, os nossos trabalhadores, os nossos soldados? No Brazil.

Eis o mal que nós fazemos ao brasileiro.

Que mal nos fazia a nós o indio americano? Nenhum tambem.

Dava-nos a pimenta e o assucar, o algodão, o café, o cacau, a baunilha. Nós quizemos que elle nos dêsse mais, como um tributo de vassallagem, o sacrificio das suas crenças, das suas idéas e da sua fé. E para isto, ao desembarcarmos com Pedro Alvares Cabral nas praias americanas, estabelecemos duas instituições de violencia e de intolerancia, as unicas que alli ficaram perpetuando o vestigio da nossa influencia e da nossa dominação, — uma igreja e uma fôrca.

O indio, com quem não nos contentamos de fundar uma alliança commercial, fugio de nós, espavorido, para o interior dos sertões, de onde agora refluem semi-civilisados, tendo uma politica, um par-

tido e um jornal, aquelles que nos perseguem, que nos espancam, que nos assassinam.

A egreja e a fôrça, a nossa intolerancia religiosa e o nosso dominio despotico, deram o seu fructo; geraram o bispo do Pará e o bispo de Pernambuco, os quaes viram contra nós a auctoridade das batinas que nós lhe demos, e os braços com que lhe ensinamos a apertar o nó dos enforcados. O brasileiro paga-nos d'este modo a divida do indio.

O sertão restitue-nos a dádiva sinistra que nós tínhamos feito ao sertão. Porque é preciso desengannarmo'-nos de que a perseguição feita aos portuguezes no Pará, primeiramente disfarçada n'um conflicto mercantil, não tem senão esta causa: a hostilidade da reacção religiosa dos naturaes contra o espirito liberal dos colonos portuguezes.

Se o sangue de nossos irmãos devesse ser responsavel pelos crimes de nossos paes diriamos que o actual colono está padecendo na terra brazileira a expiação providencial e tremenda do antigo conquistador.

O caso não é novo. Punir-nos parece ter sido desde o seculo xvi até hoje a missão do Brazil. Como conquista desmoralisou-nos; como colonia reduziu-nos á miseria; como paiz independente enfraquece-nos e esterilisa-nos por meio da emigração,

perturba-nos o trabalho com os desvarios da ambição, desmancha-nos o nosso equilibrio economico levando-nos por um lado os productores mais laboriosos e entregando-nos por outro lado consumidores velhos, ricos e ociosos.

Parece que o Brazil deveria estar satisfeito.

O emigrado portuguez representa hoje no impero a principal fonte da prosperidade nacional pela actividade que espalha em tórno de si, pela fôrça que dispende, pelo trabalho que organisa, pelo exemplo que dá

Nascido e educado no meio de instituições largamente liberaes, o emigrado portuguez não compromette nunca a civilisação brazileira pelo abuso da liberdade instinctivo nos individuos que saem de um paiz despotico para se encontrarem n'uma sociedade diversamente organisada.

Ao passo que na republica norte-americana e no mesmo Brazil o allemão, por exemplo, ameaça constantemente a tranquillidade publica com a doutrina do mutualismo, com a suscitação das *grèves*, com o odio aos ricos, o portuguez, extranho á revolução economica e politica, vive pacificamente, funda escholas, hospitaes, bibliothecas, salas de leitura, associações de beneficencia.

Se os negociantes, os mercadores, os industriaes e os trabalhadores portuguezes fôssem hoje expul-

sos do Brazil, isto seria para o imperio uma catastrophe economica igual á que resultou para Portugal da expulsão dos judeus.

Para nós outros o regresso á patria dos oitenta mil portuguezes emigrados no Brazil significaria simplesmente um augmento de fôrça e de riqueza que nos poria ao par das mais prosperas de todas as nações civilisadas.

Citam-nos, para compensação da enorme perda que padecemos com a emigração portugueza para o Brazil, o dinheiro brasileiro que annualmente reverte d'essa emigração. Ignoram uma cousa: é que a riqueza de um paiz não está de nenhum modo no dinheiro que existe nas algibeiras de uma pequenissima parte dos seus habitantes. A riqueza de um povo consiste na abundancia geral proveniente da producção, da actividade, do trabalho, da economia. No mesmo anno em que a Prussia recebia do governo francez duas provincias e quatrocentos e oito milhões de contos de réis, 80:000 mil allemães emigravam expatriados pela miseria.

Se os capitaes que nos revertem do Brazil fôsem empregados no paiz em comprar sôpa para os pobres, isto não seria ainda assim uma fortuna, mas seria pelo menos um remedio. Como porém esses capitaes se não empregam em comprar sôpa senão para os capitalistas que os possuem, o resultado é

não só não augmentar para os pobres o dinheiro que ganham, mas ainda em cima diminuir-lhes ou encarecer-lhes a sôpa que comem. Esse dinheiro é portanto uma pura calamidade.

Assim o Brazil é-nos duas vezes nocivo: nocivo pelos braços que nos leva, e nocivo pelo dinheiro que nos manda.

Apesar d'isso o Brazil acha bom, sob o pretexto de nos corrigir pela exploração que lhe fazemos, acrescentar a somma dos seus beneficios com alguns espancamentos e alguns assassínios especiaes.

Seja pelo amor de Deus!

O governo portuguez pela sua parte manda partir para as aguas do Pará uma corveta. A opinião publica em Lisboa manifesta-se por meio de uma mensagem affectuosa de alguns catholicos ao bispo de Pernambuco, o primeiro que levantou no Brazil o grito de «Mata portuguezes.»

Seja pelo amor de Deus tambem!

Quanto a vós, amigos brazileiros, se não quereis ser os filhos dos vossos colonisadores, se optaes pela patria e intransigis com a raça a que pertenceis, se quereis ser no Brazil unicamente os filhos do Brazil, permiti-nos, considerando-vos n'esse ponto de vista, algumas observações.

Sois n'este caso um povo verdadeiramente especial.

Os demais povos são favorecidos ou contrariados na obra da sua civilização pela esterilidade ou pela abundancia do solo, pela benignidade ou pela aspreza do clima: vós viveis nos braços de uma natureza que só pode verdadeiramente qualificar-se com esta palavra — a natureza ébria.

Nas vossas extensas planicies paludosas, envôltas nos vapores mephiticos de uma humidade putrida e quente, nas vossas florestas impenetraveis, nos vossos montes que não podem ser galgados nem pela fôrça dos musculos nem pela fôrça das machinas, nos vossos rios que nenhuma ponte pode abarcar, n'esse extranho solo eternamente rebelde ao trato humano, as vegetações de longas folhas hostis, as immensas flores de perfumes lethaes, as aves de pennas refulgentes e scintillantes, as feras de pêlo fulvo e electrico, as myriades prodigiosamente densas dos insectos e dos reptis venenosos, toda a vossa fauna irreductivel, toda a vossa flora inclassificavel, inunda e subverte o homem na golfada de um volvo diluviano.

O solo do Brazil é a bacia do universo destinada a receber eternamente por espasmos successivos o vômito da natureza embriagada com todos os gritos, com todas as côres, com todos os perfumes,

21

51

com todos os miasmas, com todos os relampagos e todas as escuridões do ingrediente cosmico. — Dejecção omnipotente e insuperavel.

Antes da Europa se haver tornado o foco dos progressos humanos a Africa teve uma civilisação tão poderosa que affrontou a da velha Roma. A Asia deu-nos a philosophia, a sciencia, a arte, a poesia indiana e egypcia. Na mesma America do Sul, o Peru e o Mexico tiveram a sua antiga civilisação maravilhosa, cujos vestigios ainda hoje nos attestam o dominio do homem sobre as fatalidades da natureza n'aquellas regiões do globo. Só e unicamente o Brazil, singularidade excepcional, nunca teve civilisação nem mesmo no gráu mais rudimentar. Ainda hoje a não tem como desenvolvimento das suas proprias fôrças nativas. Não a ha de ter nunca senão na zona do seu littoral, pela iniciativa transitoria e contingente dos seus colonisadores.

Ah! não somos nós que o inventamos e o predizemos: são todos os sabios do mundo que se têm occupado das relações que ligam indissolavelmente as condições da natureza physica com as leis do mundo moral. Quem o diz e quem o assegura é Swainson, Somerville, Cuvier, Humboldt, Tschudi, Walsh, nos seus estudos da natureza. É Darwin nos seus estudos das rças. E Buckle nos seus estu-

dos da philosophia da historia. E Spix, é Martius, é o doutor Gardner, os quaes nos seus *Travels in Brazil* affirmam terminantemente que o indigena do Brazil ha de sempre retrogradar e recahir no estado selvagem, do qual pode ser temporariamente arrancado mas nunca definitivamente liberto.

Que o Brazil o aprenda, e o fique sabendo de uma vez para sempre! Isto é simples e breve. Toma-se n'um periodo. Decora-se em quatro palavras. Não é uma philosophia, não é um systema, não é uma hypothese. É uma lei. Esta lei é a seguinte:

A civilisação é o dominio do homem sobre a natureza. No Brazil a natureza é indominavel, e, em vez de ser o homem que a reduza e que a submetta ás suas necessidades, ha de ser sempre a natureza que ha de dominar e subjugar o homem á sua violencia e ao seu despotismo. O homem é absolutamente impotente no Brazil perante a dupla hostilidade com que a natureza o repelle. Por um lado a excessiva producção do solo enreda-o, envolve-o, corta-lhe as sahidias e as retiradas, sepulta-o nos perigos inextricaveis do sertão. Por outro lado o clima, enervante e morbido, penetra-o, traspassa-o, prosta-o, inhabilita-o inteiramente para a resistencia e para a lucta.

É a consideração d'estas circumstancias fataes que leva Buckle a escrever nas suas paginas admi.

raveis consagradas ao estudo das origens da civilização as seguintes linhas dirigidas ao Brazil: «Em parte alguma se encontra um tão doloroso contraste entre a *grandeza do mundo externo* e a *pequenez do mundo interior*. O espirito do homem n'essa luta desigual não é só incapaz de progredir mas retrogradaria iucessantemente se o não contivesse uma assistencia extranha.»

Não tendo jámais possuido o minimo vislumbre de civilização propria, não tendo por conseguinte a historia do passado, não tendo a tradição que é fonte de todas as creações artisticas, o Brazil nada tem que seja propriamente nacional, nem litteratura, nem philosophia, nem religião, nem poesia, nem convicções, nem idéas, nem costumes, nem riqueza.

Como cada uma d'estas manifestações da civilização humana lhe não é levada senão em amostra pelos colonisadores do seu littoral, imagina o Brazil que são os seus colonisadores que lhe roubam a elle aquillo que os seus colonisadores possuem e que elle não soube grangear.

Mas ponderae bem a vossa cegueira! considerae o que vos disse Buckle! Se os vossos colonisadores vos largassem a mão com que vos seguram, vós recuarieis para o selvagem, retrogradarieis indefinidamente na cadeia dos seres, até reimmergirdes no gentio.

Sabes, ó Brazil, o que é para ti o colono que tu espancas, que tu insultas, que tu persegues? Sabes o que é o colono? O colono é o medico que te cura a hydropsia, a escrofula e a febre evaporadas dos teus charcos e dos teus rios putridos. O colono é o mestre que te ensina a solettrar os livros que encerram os thesouros do espirito humano, os segredos do universo. O colono é o teu musico, o teu poeta, o teu sabio, o teu agricultor, o teu industrial, o teu banqueiro. O colono é a tua arte, a tua religião, o teu Deus. Finalmente o colono é o teu imperador. O colono és tu mesmo.

Quereis saber agora qual é a causa, a verdadeira causa do vosso mal, injustamente attribuida por vós ao colonizador innocente? Pois bem: essa causa é a cordilheira dos Andes.

São os Andes que, erguidos ao oeste da America, impedem a passagem aos ventos regulares que varrem os vapores do Atlantico e os arrojam sobre a costa oriental americana.

D'estes vapores comprimidos entre o oceano e a grande cordilheira procede para o Brazil a qualidade do clima. Das chuvas torrencias e das inundações em que esses vapores se resolvem procede a qualidade do solo. Das influencias do solo e do clima provém a condemnação fatal do indigena,

isto é: a suprema fraqueza do homem deante da suprema fôrça da natureza.

Se o brasileiro pretende reagir contra as fatalidades que o exterminam da civilisação, que elle empeça de se reunirem, para formarem as monções, as correntes do Equador e dos polos; que encrave o giro da terra; que enchugue o Atlantico; ou, quando não, que deite abaixo os Andes! Não será porém — parece-nos — por meio da perseguição de alguns portuguezes que o indigena brasileiro conseguirá qualquer d'essas cousas.

Novembro 1874.

XI

O folheto brasileiro intitulado *Duas palavras aos leitores das Farpas*, ultimamente publicado e distribuido em Lisboa a milhares de exemplares, tem por objecto contestar, por meio dos processos aliás mais urbanos e mais commedidos, a verdade dos factos que asseveramos ácêrca da sociedade e da civilisação do Brazil em um artigo consagrado á emigração portugueza para aquelle imperio.

Se o escriptor brasileiro a quem temos a honra de responder tivesse conseguido alliar o alto espirito de amor patriotico, de que se diz dominado, com a prudencia de discutir simplesmente o criterio das nossas conclusões e não a verdade dos factos em que ellas se baseiam, nós não teriamos duvida em extender affectuosamente o nosso silencio aos pés triumphantes d'este sympathico patriota.

Como, exactamente pelo contrario,

São as nossas illações o que no dicto libello se não contesta, e é a verdade dos factos citados o que se combate, denunciando-nos como fabricadores de aleives historicos phantasiados com o fim expresso de ridicularisar o grande imperio,— o que se parece demasiadamente a nossos olhos com a denegação da nossa probidade e com a suspeita de que mentimos,

Soffrerá o auctor do folheto citado que nos permittamos fazer-lhe sentir, em algumas linhas rapidas, que as *Farpas* não são inteiramente uma creação poetica e phantasiata.

Não, não temos o distincto prazer artistico de ser *As Fabulas de Florian*, nem tão pouco os *Contos de Perrault*.

Examinemos a qualidade dos argumentos com

que o opusculo a que nos referimos tem a bonhomia de suppôr que nos desdiz. Tomemos tres dos pontos mais importantes para a civilisação do Brazil: *A producção e o commercio, a instrucção publica, o trabalho e a industria.*

Quanto á producção e ao commercio nega o auctor que o valor annual das substancias alimenticias importadas pelo Brazil seja, como nós affirmamos, equivalente ao da quarta parte da sua exportação. Para este fim dá-nos a estatistica da importação das substancias alimenticias durante os ultimos annos, attesta que ella é inferior e não equivalente á quarta parte do valor exportado; com tal fundamento accusa-nos de fabricarmos puras invenções; e depois de tres paginas de recriminações acerbas, conclue assim:

«Não quererão decerto considerar como substancias alimenticias o vinho, o chá, o café, o azeite, as bebidas espirituosas e fermentadas, etc., porque essas sim talvez reunidas áquellas (peixes, carnes, farinhas, manteiga e sal) dessem essa tal quarta parte da exportação.»

Quer isto dizer:

O Brazil não tem duvida em nos convencer de tudo o que se pretenda a respeito do estado em que se acham as suas fôrças productivas, bem como a

proporção existente entre a exportação e a importação no seu mercado — com uma simples condição — e é: que se lhe concedam alguns pontos de partido na arithmetica do seu calculo. Trata se, por exemplo, da importação de substancias alimenticias no valor de trinta mil contos annuaes; deseja o Brazil, afim de nos convencer de que illudimos a verdade, que a dicta importação seja apenas de dez mil contos... Nada mais simples! O Brazil vae juntando successivamente as suas parcellas de substancias alimenticias importadas até chegar á prefixada somma dos dez mil contos. D'essa quantia para cima o Brazil começa a considerar as substancias alimenticias, como não sendo — substancias alimenticias.

Registou a importação do sal, da manteiga, da farinha, dos peixes e das carnes, e achou dez mil contos; faltava-lhe, é verdade, registrar ainda o vinho, o chá, o azeite, as bebidas fermentadas, o vinagre, as fructas, os legumes, etc.; o Brazil porém espera que nós consideremos estas cousas como não sendo generos alimenticios. Elle pede-nos isto, espera isto de nós, e, para nos convencer de que estamos no erro mais vil e mais torpe, elle não quer outras armas! não precisa senão d'isto: que se lhe admitta que o vinho não é senão, por exemplo, simples *producto de gutta-percha!* o chá, o

azeite, o vinagre, a cerveja... puros *tecidos de algodão!* os queijos, os alhos, as cebolas, os figos, as passas... mera *perfumaria!*

Pelo que respeita á instrucção publica, diz-nos que o numero dos que sabem lêr não está, como nós dissemos, na proporção de 1 para 90 habitantes, mas sim na de 1 para 68. Sómente na estatística official de que se extrae esse dado, o governo brasileiro não conta, como homens que habitam o Brazil, os escravos, cujo numero pode todavia ser calculado em cêrca de tres milhões, não diremos de habitantes, mas, emfim, de cabeças. O auctor acrescenta ainda, para nos convencer dos progressos da instrucção no Brazil, que as escholas de instrucção primaria que alli existem são na proporção de 1 para 3:021 habitantes *livres*; além do que ha ainda no Rio de Janeiro várias corporações scientificas e sociedades sábias, entre as quaes *As duas palavras aos leitores das Farpas* nos citam as seguintes: *Associação Commercial, Sociedade Musical de Beneficencia, Sociedade Auxiliadora da Industria, Associação Typographica, Instituto Pharmaceutico*, e finalmente a famosa *Associação dos guarda-livros a Sociedade Jockey-Club*, tendo por fim promover o *melhoramento da raça cavallar*.

E realmente indigno, em vista de semelhantes

factos, que alguém se tivesse lembrado, como nós, de deplorar a deficiência da illustração no Brazil, onde ha uma eschola para cada 3:021 habitantes, *livres*, e vinte *sociedades sábias!*

Que nos perdõem os grandes propagadores da sciencia, que nós desconheciamos antes da publicação d'este folheto! Que nos perdõem os senhores musicos, os senhores typographos, os senhores pharmaceuticos, e sobretudo suas senhorias os senhores guarda-livros do *jockey club*, encarregados do melhoramento da raça cavallar!

No tocante á industria, aos dados da estatistica official que nós publicamos e dos quaes se deduz que tal ramo da actividade humana é quasi nullo no Brazil, oppõe o nosso contendor as seguintes palavras extrahidas de um *Retrospecto commercial de 1872*, publicado no *Jornal do Commercio*:

«Em quanto a emigração nos não trazer levas sobre levas de operarios e de artistas, a industria manufactureira conservar-se-ha como que apertada em um circulo estreito.»

Logo: nós inventamos os factos para «achincalhar» o imperio. A estatistica official da qual copiamos que em 1859 o numero dos industriaes brazilei-

ros era apenas o da quinta parte dos industriaes estrangeiros residentes no Brazil, é falsa. A verdade suprema ácerca da industria indigena na America brazileira é que: É enorme e poderosissima a fôrça expansiva do seu desenvolvimento. E tanto que, segundo os seus mais entusiastas apologistas, ella vive «como que apertada em um circulo estreito.»

Do que tão clara e positivamente expuzemos ácerca da organização viciosissima das differentes colonias agricolas no Brazil, das atrocidades pavorosas da feitoria do Mucury, dos textos tão expressivos que sobre este ponto reproduzimos dos relatorios enviados aos governos da Suissa e da Allemanha pelos seus delegados no Brazil os srs. Tschudi e Avé Lallemand, acha bem o auctor das *Duas palavras aos leitores das Farpas* não discutir nem contestar palavra nenhuma. Diz-nos apenas que pediu sobre esse assumpto, o mais importante do nosso artigo, informações officiaes, que publicará logo que lhe cheguem do Rio de Janeiro.

Se espera esclarecimentos que desmintam os factos que nós referimos, não os terá nunca. A verdade é unicamente o que dissemos. As *Farpas* não fizeram mais do que historiar realistamente, sem declamações e sem objurgatorias, as causas que le-

varam a Suissa e a Baviera a prohibirem a emigração para o Brazil, e a proclamarem oficialmente como catastrophe a colonisação agricola do solo brasileiro por trabalhadores europeus.

Em refutação do que affirmamos sobre a frequencia dos casos de alienação mental no Rio de Janeiro, diz-nos a obra que analysamos e estamos transcrevendo nas suas mais importantes partes, que apenas consta ao seu auctor um factu isolado em abôno da nossa affirmativa, sendo certo por outro lado, segundo elle mesmo assevera, que no Rio de Janeiro existe um hospital de doudos sumptuosissimo e talvez no seu genero o primeiro estabelecimento do mundo.

Ora para anniquilar inteiramente a opinião de que é grandissimo o numero de alienados no Rio de Janeiro, não basta dizer-se-nos que um vastissimo e monumental hospicio de doudos existe n'aquella côrte; importaria certificar tambem que as pessoas que enchem esse edificio estão — em pleno uso das suas faculdades.

O que no emtanto se nos não põe em duvida é que esse hospital está muitas vezes cheio.

Pois bem, n'esses casos, um nosso compatriota alienado, — como a colonia portugueza não possui estabelecimento especial para o receber — é reco-

lhido na cadeia. Foi precisamente isto o que nós dissemos.

Lembra-nos que, ha cêrca de um anno, lêmos em um jornal a noticia de um d'estes casos; o portuguez doudo, recolhido na cadeia por falta de outro asylo estava á disposição do nosso vice-consul na Praia Grande. Este facto basta para nos indicar qual é a praxe seguida com os portuguezes pobres atacados de alienação mental. É natural que existam mais casos da natureza do que citamos; nós desconhecemol-os, porque nunca tivemos a vantagem de visitar o Brazil, não recebemos informações nem suggestões de ninguem que alli esteja ou tivesse estado: os nossos conhecimentos a respeito do imperio americano são o resultado da leitura dos poucos documentos officiaes publicados em Portugal e dos escriptos de alguns viajantes suissos, allemães e francezes. Se não adoptamos, em vez do testemunho d'estes viajantes o que nos pudessem ministrar escriptores brasileiros, a razão é unicamente que os publicistas do Brazil, tão sonoros na poesia, são inteiramente mudos na critica que nos instrua do estado da civilisação na sua patria.

Tocaremos tambem o ponto em que o auctor do opusculo brasileiro contraria a nossa opinião ácêrca da inanidade diplomatica do sr. Mathias de Carva-

lho, actual ministro portuguez junto de S. M. o imperador do Brazil, com o fundamento de que este funcionario tem sabido sempre no seu cargo captivar inteiramente os applausos da nossa colonia.

Se um diplomata deve ser julgado pelos seus actos em serviço do paiz que representa e não pelos applausos que o seu publico lhe confere, o actual ministro portuguez no Brazil é uma pessoa extremamente sympathica, mas inutil. Conseguiu um tratado de extradicação, cuja historia se acha resumida nas seguintes datas que extrahimos do *Livro Branco*: Em 7 de junho de 1859 — começa a negociação o encarregado de negocios interino no Rio de Janeiro. No fim do mesmo anno prosegue-a o sr. Mathias de Carvalho. Em dezembro de 1871 — principia negociações para um equal tratado o encarregado de negocios do governo hispanhol. Em abril de 1872 — terminam as negociações com a Espanha. Em junho de 1872 — é assignado o tratado com Portugal. O diplomata hispanhol consegue em quatro mezes o que o ministro de Portugal só pôde alcançar em tres annos! E ainda se não fez nem o tratado de commercio, nem a convenção postal, nem a convenção litteraria!

Se, pelo contrario, não são os actos do funcionario, mas sim os applausos do publico que determinam os merecimentos do diplomata, n'esse caso

achamos preferível ao sr. Mathias de Carvalho — a sr.^a Emilia Adelaide.

Por ultimo declaramos ao auctor do folheto intitulado *Duas palavras aos leitores das Farpas*, aos leitores das *Farpas*, e ao mundo, o seguinte :

1.^o Nem um só, nem um unico facto asseveramos a respeito do Brazil, que antes de nós não tivesse sido clara e positivamente affirmado na imprensa da Allemanha, da Suissa e da França, por differentes viajantes, entre os quaes citamos especialmente como fonte de todas as nossas informações os srs. Adolphe Dacier, Waldemar Schultz, Elisée Reclus, Tschudi e Avé-Lallemant. Os leitores decidirão quaes affirmações merecem mais fé : se as que são feitas pelos viajantes citados, em livros propriamente scientificos devidamente assignados, e em relatorios especiaes apresentados pelos auctores aos governos dos seus respectivos paizes ; se as que nos são propinadas no libello intitulado *Duas palavras aos leitores das Farpas*, por um patriota brasileiro... e anonymo !

2.^o Não estamos resolvidos a subordinar a opinião de que nos acharmos convencidos, nem á vontade, nem aos conselhos, nem ás ameaças de ninguém. Se Deus não fôsse a absoluta verdade, a verdade estaria acima de Deus. Como querem em

tão que a prostremos debaixo dos *syllabus* do Cate-
te ou das *bulas* da rua do Ouvidor.

Se porém, apesar de tudo isto, a joven America
brazileira se parece tanto com a rainha Fulvia que
lhe seja absolutamente preciso para a sua felicidade
varar-nos a lingua com o seu prego de ouro, como
fez a Cicero a mulher de Marco Antonio, que
a America se não incommode a escrever para isso
mais folhetos. Venha o prego.

Março 1873.

XII

A exposição das bellas artes, que acabamos de
visitar, prova com a mais expressiva evidencia que,
decididamente nenhum de nós pode repetir o esta-
fado chavão: *Anche io sono pittore!*

Falta-nos, primeiro que tudo, a maneira, o pro-
cesso, a prática do *atelier*. Falta-nos depois o estu-
do da natureza e o estudo da sociedade, aquella
parte indispensavel de erudição que dá as idéas ge-

raes, o sentimento da relação, o ponto de vista, o criterio que domina e systematisa a materia observavel. Falta-nos, finalmente, a poderosa influencia que têm sobre as faculdades do artista as faculdades da multidão que o cerca.

Não temos eschola, não temos galerias, e não temos publico.

O numero dos nossos artistas que têm estudado nas escholas estrangeiras, suppondo que isto bastasse para regenerar a arte, é diminuto, e os estudos de cada um são por falta de tempo imperfeitos. Todas as viagens juntas dos nossos actuaes pintores têm custado ao thesouro menos do que a somma em que importam em um só anno os subsidios pagos pelos diversos governos aos jornaes encarregados de os comprometterem por meio da defesa dos seus actos perante a opinião desinteressada e honesta.

As galerias nacionaes — com excepção da collecção particular do sr. Pedro Daupias — são absolutamente insufficientes para educar o gôsto moderno. O proprio atelier, tal como o sabem organizar os pintores de Pariz, de Roma ou de Sevilha, não se conhece em Lisboa.

O publico pela sua parte é, em toda a questão de arte, de uma ignorancia illimitada, assombrosa, de tal modo fatal ao estudo e ao gôsto, que a base

de toda a reforma da nossa educação artistica deveria começar, a nosso vêr, por tornar obrigatorio o desenho a ôlho nos cursos de instrucção primaria.

Os nossos homens mais eminentes nas sciencias e nas letras têm na critica da arte uma incompetencia que compunge.

Em Lisboa o proprio aspecto da população é a negação mais completa do sentimento da linha e da côr. Chega ao Tejo uma esquadra ingleza e desembarca os seus officiaes e os seus guardas-marinhas: basta olhal-os para reconhecer os representantes da aguarella. Qualquer d'elles pode ser espesso de formas, garrido de côres, exaggerado, pretencioso ou ridiculo — como quizerem — mas é sempre pittoresco, porque tem a expressão fortemente accentuada, tem a physionomia, tem a nota caracteristica da sua individualidade.

Nós não temos a personalidade exterior porque nos falta a educação e o amor da classe, a estima e o respeito de nós mesmos; vivemos ao acaso, de expedientes extraordinarios, n'uma especie de interinidade permanente, sem habilitações technicas, sem especialidade, esperando mudar de emprego em cada anno e mudar de casa em cada semestre, solicitando, requerendo, intrigando, comprando bilhetes da loteria. Ninguem se considera devidamente fixado no seu destino, contente na sua missão, harmonico em

sua vida Não temos o *typo* do negociante, não temos o *typo* do *dandy*, não temos o *typo* do soldado, não temos o *typo* do escriptor, não temos o *typo* do operario, não temos *typo* nenhum. Porque em nenhuma cousa somos convictos e correctos. De sorte que a *toilette* e o ar exterior faltam-nos, como nos falta a affirmação individual. Assim como, desde o Estado até o ultimo cidadão, ninguém tem o verdadeiro equilibrio da sua receita com a sua despesa, dos seus principios com os seus actos, da sua doutrina com a sua existencia, assim tambem n'este fingimento geral, ninguém se atreve a pôr as gravatas correlativas das suas idéas e os collettes correspondentes ás suas opiniões.

D'ahi, o aspecto externo — rebelde á pintura — de uma sociedade incolor.

Os nossos esculptores — reconhece-o toda a gente e comprova-o mais uma vez a presente exposição — são incomparavelmente superiores aos nossos pintores. Porque?

Porque o esculptor tem muito mais do que qualquer outro artista, a independencia do seu meio, resiste muito mais isolado nos seus proprios recursos. Com um pouco de barro, a sua idéa, e um modêlo nú, o esculptor está armado para a immortalidade.

O pintor precisa de condições de viabilidade muito mais complexas. Não lhe basta simplesmente achar a forma e a expressão de uma figura. Precisa ainda de certo ar, de certa atmosphera, da perspectiva, dos accessorios, de uma multidão de pormenores que constituem o quadro. Nos estudos de interior precisa de vêr as cortinas que coam a luz no leito de Desdemona; o raio de sol que se reflecte n'um canto do espelho de Manon; a janella que abre sobre o pequeno jardim de Graetchen; o setim das rendas de França com que se ha de vestir Diana a cortezã, ou Dartagnan o mosqueteiro; o falcão que terá de pousar com os seus longos pés descarnados no velludo verde da manga de um pagem de Henrique IV; o morrião e o arcabuz de uma sentinella de Carlos IX; o armario renascença onde guarde a sua biblia, a sua *collerette* e a sua espada um companheiro do principe de Orange; a cadeira de couro esmaltado de azul e ouro a que tem de se apoiar Gil Blaz em casa do arcebispo; o largo talabarte a que ha de suspender-se a *rapière* do capitão Fracasse; a esguia couraça sob a qual tem de bater o coração melancolico de Quichote; as tapessarias da sala de honra e a baixella do banquete a que tem de se convidar a estatua do Commendador ou em que deve surgir o espectro de Banco.

A falta da enorme serie d'esses elementos indispensaveis dá, por exemplo n'esta exposição, o retrato (costume Luiz XIII) do sr. Delfim Guedes, pintado pelo distincto alumno da Academia Portuense de Bellas Artes o sr. Arthur Loureiro. O collarinho do personagem é de um comparsa de zarzuela; as suas luvas imitam a pelle de gamo com um successo tão duvidoso como a authenticidade do velludo de que está vestido o modêlo; o feltro e a pluma do chapéo são de uma modicidade de preço incompativel com toda a idéa de pompa. O resultado é que o sr. Delfim Guedes, alias extremamente semelhante n'este retrato, tem muito menos o ar augusto de subir ao throno de Clovis do que de descer o Chiado com o bando dos touros, ao som de um zabumba, montado n'um garrano velho, com esparavões! Compare-se com o retrato do sr. Pedro Daupias, costume Philippe II, pintado em Pariz por Palmarolli. Se o sr. Loureiro, consciencioso artista, educado n'um paiz em cuja capital não ha um museu das artes plasticas, não ha um theatro normal, e onde a *mise-en-scène* do unico theatro subsidiado pelo governo tem apenas uma guarda-roupa de annunciar touradas, houvesse visto na *Comédie Francaise* o actor Bressant vestido de Luiz XIII, isso lhe bastaria para aconselhar ao seu modêlo a modestia da simples sobrecasaca burgueza.

Para os quadros historicos é indispensavel possuir, além de um profundo sentimento do aspecto exterior dos factos, o ponto de vista philosophico resultante de uma doutrina perfeitamente determinada. O quadro de Meissonier *Mil e oitocentos e quatorze* é uma obra de critica parallelá ás *Origens dos Bonapartes* de Michelet. É a demolição, pelo pincel do artista, da funesta legenda napoleonica. Na tela de Meissonier o *grande imperador* já não é a encarnação deslumbrante do genio das batalhas que uma arte bajuladora e mercenaria, corrompida pelos sobejos das rapinas militares da campanha de Italia, figurou á frente dos granadeiros da guarda, levando em uma das mãos a espada, na outra o pavilhão tricolor, e caminhando a pé para as bôccas da artilharia inimiga no celebre combate da Ponte de Lody, ao qual Napoleão nem sequer assistiu! Em *Mil e oitocentos e quatorze* Bonaparte é simplesmente o aventureiro derrotado, confundido, humilhado, no meio de generaes que parecem mais aptos para apreciar os proveitos pecuniarios das victorias do que a firmeza das almas verdadeiramente heroicas perante a majestade suprema do infortunio.

Para os quadros de paizagem são necessarias as continuadas digressões artisticas, as frequentes viagens, as longas convivencias do campo e a philoso-

phia da natureza. Não basta ir a uma aldeia n'um domingo, sentar-se debaixo de um guarda-sol, e esboçar duas arvores e um bezerro.

A paizagem não significa nada, é uma obra morta, se não nos dá, juntamente com um aspecto da natureza, a impressão do artista que a observou, o sentimento moral accordado pelo phenomeno da visão. O que para mim pessoalmente constitue a superioridade de Corot sobre todos os paizagistas é que nenhum outro me suscita tantas recordações e tantos pensamentos. Troyon é perfeitamente o que eu *vi*, mas Corot é o que eu *experimentei*. Os seus quadros, apesar dos desprimores technicos de que o possam accusar, são o espelho de alguns dos meus estados de espirito. Figura-se-me que elle viu a paizagem através da minha alma e que alguma cousa do meu proprio ser se embebeu no seu pincel. É que effectivamente uma porção do artista que a encheu vive n'essa tela; palpita nas sombras macias com que as arvores acarinhos esses musgos; respira com devoção e amor a fresca rumorosa d'essas aguas, o perfume matinal d'esses castanheiros e d'esses fenos; participa da alegria das cerejas, das cotovias, dos lilazes, das abelhas; sente as vagas melancholias sentimentaes do outomno, o extase victorioso da luz do meio dia, e a crise profunda dos fins de tarde, em que a vida diurna se

rende á fôrça dos novos entes sombrios, silenciosos, innumeraveis, que n'esse momento despertiam a pouco e pouco para a tragica lucta vital dos obscuros contra os luminosos, de que é theatro a escuridão immensa da noite. E d'essa absorção do artista na natureza viva resulta, inconscientemente, a grande expressão humana que caracteriza os seus grandes quadros.

O sentimento que exprime cada um dos pormenores da paisagem não se inventa; é precisamente o sentimento que ahi teve o pintor. A ingreme encosta dá-nos a sensação da fadiga, porque elle mesmo a subiu a pé, com a mochila ás costas, sob o ardor do sol, marcando o numero dos passos com o dos buracos que deixa o ferrão do seu pau no solo saibrento e duro.

A felicidade abundante das grandes vaccas deitadas na pastagem, a casta alegria da casinha branca de janella entre-aberta cingida pela trepadeira verde, a pacificação dos colmos em que pousam as rôlas, o consolo dos parrecos que se espanejam nas poças, e das gallinhas que cacarejam ao sol, o fôfo repouso da relva, a dôce frescura da neblina evaporada dos ribeiros, a hospitalidade da sombra amiga, são no quadro outras tantas expressões de uma impressão pessoal do paizagista.

De modo que não lhe basta saber olhar, tem de

saber igualmente sentir, e como a maneira por que se sente depende da maneira por que se pensa, o paizagista, além de ser artista—isto é, de possuir a faculdade de dar uma forma ao sentimento—precisa ainda de ter idéas, de ser um espirito culto, elevado, superior.

Ora essa elevação intellectual, junta á sensibilidade delicada e susceptivel que procede principalmente da bondade, da pureza, da frescura da alma, depende de um conjunto de condições moraes e sociaes, que de dia para dia se vão tornando mais raras e mais difficeis na pervertida educação portugueza.

Não, não temos grandes pintores pela mesma razão geral porque não temos grandes estylistas, nem grandes poetas, nem grandes philosophos, nem grandes cidadãos.

Em contrario d'esta theoria podem citar-nos um exemplo singular, o sr. Soares dos Reis. Este artista é uma excepção, que confirma inteiramente a regra geral. Escultor de primeira ordem em qualquer parte da Europa, auctor da mais bella obra de arte que nos ultimos vinte annos tem apparecido em Portugal, o sr. Soares dos Reis é uma refutação da corrente geral, é uma contestação, é quasi um protesto. N'elle as condições especiaes da vida

do homem explicam as qualidades extraordinarias do artista.

O sr. Soares dos Reis vive inteiramente fora de todas as influencias sociaes, da opinião, da critica, da sociedade dirigente. Adoptou uma forma da arte que, como já vimos, lhe permite cultivar-se no isolamento da sua officina. Habita uma pequena terra, onde não ha especie alguma de convivencia artistica ou litteraria, quasi uma aldeia, Villa Nova de Gaia. É pobre. É além d'isso um homem perfeitamente digno e honrado, um character simples e modesto, um coração affectuoso e dedicado. Para prover as necessidades da sua familia, para sustentar a sua velha mãe, elle submete-se corajosamente a dirigir uma tenda. O nosso bom e grande amigo Diogo de Macedo contou-nos com o entusiasmo da maior admiração por tanta virtude que lhe tinha comprado arroz e presunto. D'este raro valor, d'esta nobre e corajosa solidão no dever e na responsabilidade domestica, o sr. Soares dos Reis tira o privilegio da sua independencia, da sua exempção, da sua originalidade.

É n'estas condições que elle apprehendeu executar a estatua que enviou á actual exposição, e que tem por assumpto *A arte*.

Imaginemos-o por um momento transplantado do seu fecundo isolamento provinciano para o meio da

sociedade official de Lisboa. Supponhamol-o frequentando o Martinho e o Gremio, a arcada do Terreiro do Paço, a camara dos deputados e o theatro da rua dos Condes; jantando no hotel Universal, comprando cautelas da loteria no Campeão, conversando á porta da Casa Havaneza, lendo os nossos periodicos, ouvindo os nossos oradores, confidenciando com os nossos dilettanti, requerendo do governo um subsidio, um logar de professor, de vogal de um jury, de relator de uma commissão, convivendo com os deputados, privando com os politicos.

Os deputados, os jornalistas, os requerentes, os ministros, os ambiciosos de todas as jerarchias, que constituem a parte dominante da população de Lisboa, os individuos que se absorvem por qualquer modo que seja na politica são como os que se absorvem no jôgo: contraem a idéa fixa, o estreito espirito de interesse, o calculo egoista. Tornam-se completamente inaptos não só para comprehender mas para se deixarem impressionar pelos grandes espectaculos da natureza e da arte. Atrophia-se-lhes no contacto dos negocios e dos interesses materiaes, na convivencia dos mediocres, dos rhetoricos, dos rabulas, dos especuladores, a fina sensibilidade esthetica, o delicado sentimento desinteressado e poetico das cousas ideaes.

Se em tal meio o sr. Soares dos Reis expuzesse o seu intento de fazer a estatua da arte, cada um dos poetas officiaes, seus conhecidos, lhe daria a sua idéa.

O sr. Manuel da Assumpção, o sr. Vidal, o sr. Thomaz Ribeiro, entreveriam todos a mulher de longas madeixas, suave perfil grego e estatura de sylphide, sentada sobre o capitel de uma columna destroncada. Em volta d'ella jazeriam os accesorios lyricos e sentimentaes: o calix da amargura e do amor, a corôa das boninas, o album entreaberto, o esquecido bandolim. Ella, deixando vêr a ponta do pé por baixo da fimbria do manto, dedilharia a lyra com os seus dedos de fuso, acabando em bico como os das gravuras de modas. Sobre a sua frente resplandeceria uma estrella, a estrella da predestinação e da gloria; e o seu olhar, ao mesmo tempo languido e profundo, apaixonado e ardente, contemplaria através do sidereo azul, nas brumas do crepusculo, a visão do sonho que se lhe revolve na mente. Etc.

E por mais que o artista resistisse, a sua figura lembraria alguma das mulheres da nossa galeria romantica, a *Hermengarda* do sr. Alexandre Herculano, a *Magdalena* do sr. Pinheiro Chagas, a *Paqueta* do sr. Bulhão Pato, a *Indiana* do sr. Thomaz Ribeiro, e até — que o nosso amigo Eça de Queiroz

nos perdõe! — a *Carmen*, do *Mysterio da estrada de Cintra*.

O sr. Soares dos Reis é, porém, pelas circunstancias da sua vida, anti-rhetorico, extra-litterario. Não podia receber a sua inspiração senão directamente da natureza. As mulheres que elle conhece, as que habitam a sua região, mulheres aliás extremamente bellas, não podiam servir de modelo ao seu assumpto, porque padecem a exuberancia da forma, a immodesta carnação rubenesca, a forte ondulação sensual dos amplos contornos. Restavalle fatalmente a creança. Aproveitou o primeiro rapazito que achou na rua. O seu admiravel modelo é simplesmente um pequeno proletario, um legitimo filho da plebe, de Santo André dos Mariolas ou de S. Christovam de Mafamude. Tem sete ou oito annos. Está inteiramente nú. Os seus delicados contornos têm a linha tenra, virginal, de uma innocencia angelica e de uma castidade divina. Conhecese que foi exclusivamente alimentado a couves e a brôa, os seus tecidos carecem de firmeza muscular, o seu pequeno ventre tem um desenvolvimento desproporcionado com o dos seus bracinhos delgados e frageis. Está vigorosamente sentido, com o maior arrôjo anatomico, n'uma attitude cheia de movimento e de intenção. Collocado quasi de frente, torce se pela cinta e inclina se para

o lado direito apoiando-se na mão esquerda e traçando sobre um canto da superfície da pedra em que está sentado, por meio de um pedaço de lousa magistralmente empunhado na mão direita, os primeiros lineamentos das suas invenções de desenhista das ruas.

Em toda esta figura admirável de desenho, de correção anatomica, de viva e palpitante verdade, nem uma só concessão ao preconcebido, ao convencional. O pé direito levantado do chão e posto todo a descoberto não se parece com nenhuma das extremidades artificialmente presumidas da estatuaria erudita; é um pé vivo, com individualidade, capaz de imprimir na areia humida a pégada expressiva pela qual uma mãe reconhecerá, entre mil vestígios indifferentes, a passagem querida do seu filho. As mãos, primorosamente modeladas com um esculpulo cheio de dedicação e de amor, são as verdadeiras mãos democraticas, trabalhadoras e fortes, ainda infantís, mas já com a aspera pelle endurecida e vincada pela experiencia, mãos que engatinharam na lama, esgaravatarem a terra, brincaram com a frialdade da agua, foram gretadas pela neve, mordidas pela poeira, queimadas pelo sol. O cabello curto tem a aspereza hostile das moutas dos juncos que vegetam á beira dos pantanos.

Tudo quanto ha de superior e de ideal n'esta fi-

gura está concentrado na expressão da physionomia, em que o auctor encarnou o profundo sentimento da sua alma privilegiada. Esse rosto, animado pela fôrça creadora do artista, ri com a alegria poderosa do genio. Da sua pequena bôcca entre-aberta, dos seus fortes labios, dos seus dentes miudinhos sae o fragor guerreiro de uma fanfarra triumphal; no seu olhar heroico fusilam escorvas, relampejam espadas nuas, tremulam pavilhões victoriosos; a chamma interior do talento illumina-lhe com um relampago deslumbrante todas as feições, dilata-se na atmosphaera que o cerca, envolve-o como n'uma aureola de luz. Elle representa n'esse momento tudo o que a humanidade pode dar de mais gloriosamente triumphante: elle é David tendo derribado o gigante, é Hercules esmagando a hydra, é Colombo descobrindo a America. Elle, pobre, nú, fraco, miseravel, achou a arte, a arte que será o seu amor, a sua religião, a sua vida, a sua eternidade! É com o bico d'esse caco, riscando no chão, que elle dominará o mundo, dando á humanidade o supremo thesouro do bello, cumprindo os grandes fins da arte: conciliando os homens, pacificando os fortes, animando os tibios, consolando os tristes, castigando os poderosos, desarmando os exercitos, e exterminando os tyrannos.

Esta bella obra exprime um factó consolador, e

é que, se em Portugal a sociedade desfaz os artistas, a natureza não se recusa a creal-os.

Prescindimos de analysar os quadros n'esta exposição, entre os quaes figuram no emtanto algumas obras de artistas de talento.

O mal que esses pintores padecem não provém d'elles, provém, como já indicámos, da sociedade que elles representam. Pretender que elles façam melhor, operando sobre a sua propria obra, é o mesmo que tentar fazer boa uma pêra má, operando na propria pêra; quando o que é preciso é—reconstituir o solo em que está plantada a pereira.

Junho 1876.

XIII

O grande e legitimo orgulho da nossa India é o seu corpo de engenheiros. O corpo de engenheiros na India é de vinte officiaes, e não tem soldados. Nem precisa! Estes senhores officiaes servem para tornar bem patente á India que, se ella não tem canaes, nem estradas, nem pontes, nem edificios, nem cal-

çadas, não e positivamente pela razão humilde da falta de homens. Quando o estrangeiro curioso pergunta á India pelos melhoramentos materiaes que se succederam ao esprestimo colonial contrahido por D. João de Castro sobre os cabellos da sua barba, a India orgulhosa manda pôr em forma os bigodes da sua engenharia pela ordem pomposa das respectivas habilitações.

— Eis os monumentos publicos! eis as pontes e calçadas! eis os traçados de viação! eis a canalisação dos rios! eis a electricidade, o vapor e a machina!

Os engenheiros perfilam se e respondem:

— Prompto!

Depois do que, a engenharia retira-se a suas casas, e a India, cruzando as pernas e sentando se sobre os calcanhares, continua a sopetear o seu caril.

De uma vez houve um desgosto na India. No meio do claustro do hospital em Goa existia um poço, cujas aguas se empregavam nas lavagens do estabelecimento. Um dia, procedendo-se deante de peritos, no hospital, a um exame comparado da roupa suja e da roupa lavada, reconheceu-se (oh pasmo!) que a roupa lavada era muito mais suja do que a roupa suja.

A sciencia reflectiu maduramente n'este singular

phenomeno, e querem até dizer que se fizeram algumas memorias academicas tendentes a mostrar a suspeita de que—a epiderme do indio enfermo revia necessariamente importantes particulas de soda e de potassa, as quaes reagindo sobre a transpiração do doente produziam naturalmente sabonetes entre os lençoes do hospital de Goa.

Os srs. visconde de S. Januario e Thomaz Ribeiro começaram a suspeitar que eram victimas de uma fatalidade infernal, e que estavam, sem o saberem, a dirigir uma saboaria, quando cuidavam administrar uma colonia.

O sr. Thomaz Ribeiro seguia com a sua lyra os estudos da chimica sobre as tendencias vilmente saponaceas dos descendentes do Jau, e tremia pela dignidade das musas. Ó gruta suspirosa de Macau, em que revôam ainda, plangentes e tepidas, as enxeixas do amator de Natercia! Será acaso teu destino vires a ser olhada por torves mesteiraes como um simples cortiço de futuras barreias? como dona desprezivel de brutaes lixivias? Ó fainosos Pintos Bastos! Ó Burnays ganhões! estará acaso destinado que pelo proximo navio vós mandeis lavar as vossas camisolas ao pierico rochedo, em que a patria deveria suspender um transcendente poleiro para os suspiros de Eduardo Vidal, ou para os gorgeios de D. Guiomar Torresão?! Quem assim te

passou dos sonoros dominios do poema para as sordidas categorias da borracha e da ginguba? quem sobre a *detergentina ingleza* te esfolhou,

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella!?

Emquanto talvez d'est'arte cogitava de além mar o cantor de *Delphina*, o sr. Baron, por arrojada iniciativa, pedia do Chiado um malaio enfermo para desfazer em pinceis de barba!

Conheceu-se finalmente — por acaso talvez, que é como todos os grandes descobrimentos se fazem! — que o phenomeno observado na roupa suja da India procedia simplesmente de precisar de limpeza o poço do hospital.

A chimica então retirou-se, opinando que seriam porventura infructiferos todos os esforços que d'ahi em diante se continuassem a fazer — para conseguir tirar espuma sabonaria da immersão da cabeça de um indio doente na bacia de um lavatorio.

Recolhida a chimica, veio a engenharia, e dispondo-se em redor do poço começou a contemplal-o com commoção e respeito. Em seguida fizeram-se averiguações:

1.º A engenharia debruça-se no boccál do poço e grita para baixo: — *Huuu!!!...* — Reconhece-se que ha um écho.

2.º A engenharia lança algumas pedras ao poço. Manifesta-se que existe agua no fundo.

3.º A engenharia cheira o poço. Attesta-se que não cheira bem.

4.º A engenharia arreia por meio de um cordel uma bengala de bambú ao interior do poço. Retirada a bengala, constata-se que vem suja.

A engenharia recolhe-se então a meditar sobre os seus apontamentos, e colhe a seguinte illação:

Que o poço não está limpo.

Houve então um silencio. A engenharia estava concentrada e taciturna. De repente corre em toda a assembléa um como que estremeção electrico. Todas as frentes se erguem com altivez. Relampeja em todos os olhos uma extranha luz. Os engenheiros indios tinham tido todos o mesmo pensamento, mas nenhum se atrevia a communicar-o. Havia nos olhares uma dilatação expectante e nos labios um ligeiro tremor nervoso.

Finalmente uma voz exclamou n'um rapto explosivo de enthusiasmo:

«Porque não, camaradas?! Este é o seculo dos mais assombrosos e titanicos empreendimentos a que se tem arrojado a humanidade. A Europa rasga o isthmo de Suez e vara de lado a lado a corpulencia enorme do Monte Cenis. Porque não ha de a Asia, a velha mãe de todas as maravilhas,

acompanhar a Europa na sua marcha portentosa no infinito progresso?! Não será a minha singella voz que o diga na isolação de um individuallismo impotente e mesquinho: digamol-o todos; digamol-o em côro, amigos! companheiros na lucta! irmãos na immortalidade!»

Ergueu-se então nos ares o bambú que fôra ao fundo do poço, e descrevendo de encontro aos ventos cardeaes os movimentos de um compasso ternario, a engenharia da India bradou n'um côro unisono e compacto:

—Limpemos o poço!

Principiaram desde logo os trabalhos. Envidaram-se todos os esforços, toda a abnegação e todo o valor que a intelligencia humana pode consagrar a uma alta e sublime idéa. Nada porém se conseguiu, porque ha arrojos temerarios de sciencia, deante dos quaes a divindade, como no mytho de Prometheu, parece que diz ao homem: «Basta!»

Manifesta a impossibilidade de se limpar o poço, a engenharia abriu, ao lado do poço que existia, um poço novo.

A modestia do successo não embarga a grandeza do commettimento, e uma vez que tentou limpar o poço velho—embora o não conseguisse—a engenharia da India passará aos evos immarcessivelmente illustre!

Setembro 1871.

XIV

Ha na India portugueza uma eschola de medicina. Esta eschola, de que tem sahido innumeraveis sabios, acha-se estabelecida em Goa.

Ha pouco tempo um naturalista inglez, em viagem nas Indias, apeou-se do caminho de ferro que serpenteia n'aquella região torcendo-se por fora das nossas possessões em curvas graciosamente centrifugas, e o viajante penetrou em territorio portuguez.

Nas nossas possessões asiaticas, a locomoção tem um cunho extremamente local muito apreciado de todas as pessoas que andam correndo terras. Alli não se viaja em caminho de ferro, nem em diligencia, nem em carruagem. Alli (oh delicia!) viaja-se em cesto!

Um juiz da Relação, um medico, um delegado, um major, são transferidos de população para população pelo mesmo modo como na metropole se

transfere uma lampreia de ovos de uma casa para outra em dia de anno bom.

De uma vez no bota-fora de um juiz iam dois cestos: um com o juiz, outro com a merenda levada pelos amigos que iam dizer-lhe adeus. O juiz depois de chorar muito e de atirar muitos beijos para fora do cesto, adormeceu, sendo então coberto com uma toalha por causa das môscas.

Quando bateu a hora do apartamento definitivo os amigos pararam com o cesto no caminho, e descobriram a toalha afim de darem o derradeiro osculo n'aquelle de quem iam apartar-se, talvez para sempre! O delegado dispunha-se a fazer um discurso, para o que já tinha tirado da algibeira um lenço, os circumstantes preparavam a cara enternecida que o caso pedia, quando dentro do cesto appareceu o leitão com arroz, que se cozinhara para a merenda que tinha de se comer na volta.

Tinha havido uma troca de cestos, e enquanto o bacorinho assado seguia na estrada acompanhado das benções e das lagrimas do povo, o magistrado adormecido ficava n'um campo, á beira de um regato, entre a frescura de umas hervas. Ahi foram dar com elle no momento em que dois gentios, convencidos de que aquillo era a merenda, se preparavam para o trinchar.

O naturalista britannico viajou pois em cesto co-

mo todos aquelles que percorrem a India portugueza. Deram-se as mais prodigiosas aventuras com os cestos em que elle se transportou. Succedeu, de uma vez, deixarem-o pendurado n'uma arvore por espaço de um dia inteiro. De outra occasião prendeu-se o cesto em que elle viajava nos dentes de uma nora que estava trabalhando, e o inglez teve de mergulhar tres vezes consecutivas no fundo do poço, agarrado á cadeia dos alcatruzes.

Por fim despejaram-o em Goa, e elle foi em seguida visitar o famoso alcáçar da sciencia medica n'aquellas longinquas paragens.

Recebeu-o delicadamente um guarda, que o mandou entrar, e como o viajante disse que queria vêr tudo, o guarda apresentou-o á sua familia. O inglez, repousado das commoções d'este acolhimento verdadeiramente oriental, perguntou afinal pelo lente de anatomia.

— O lente de anatomia está fazendo a barba, respondeu o guarda.

— E o lente de pathologia?

— Está fazendo a barba.

— E o de physiologia?

— Está fazendo a barba.

— E o de materia medica?

— Está fazendo a barba.

O inglez escreveu na sua carteira, immediata-

mente depois da millesima quinta nota a respeito da locomoção em cesto: «Seria muito para desejar que na India portugueza as companhias de viação publica fizessem o serviço dos cestos com a mesma regularidade com que os professores de medicina fazem a barba.»

Meia hora depois tocava uma sineta. O corpo docente entrava na secretaria da eschola. O viajante foi introduzido, e achou-se frente a frente e a sós com o nosso antigo e illustrado amigo João Stewart da Fonseca Thorie. Este homem, de uma rara erudição e de um elevado talento, era n'aquelle estabelecimento o lente proprietario e o substituto de todas as cadeiras, o director, o conselho e o secretario da eschola. Ha occasiões em que esta prodigiosa accumulção de trabalho augmenta ainda mais, sendo o nosso amigo obrigado, além de fazer as vezes de todos os lentes, que não ha, a fazer igualmente as vezes de todos os discipulos, que tambem não ha!

XV

No Funchal um negociante rico, estimado, morreu. O clero recusa-se a enterral-o no cemiterio—logar sagrado, porque elle emquanto vivo não cumpriu os deveres religiosos.

Ora esse homem não era um escriptor, um publicista, um philosopho; não manifestou publicamente por palavras, artigos ou, pamphletos, o seu racionalismo. Vivia simplesmente no seu commercio e no seu trabalho. De sorte que não podia ter provado a sua falta de impulso religioso, mais que nos actos triviaes de uma vida commum:— não ter ido á missa, comer carne á sexta-feira, não se confessar talvez. E é por isso que este cidadão, negociante, trabalhador honrado, é atirado para o canto de uma velha estrada ou de um logar de immundicies—como um gato apodrecido, ou como a carcassa de um cão damnado.

Respeitamos esta opinião do clero, mas ousamos perguntar:

Com que direito o clero exclue do cemiterio o cadaver de um cidadão? O cemiterio não é um lugar catholico, é um lugar municipal; não pertence aos padres, pertence aos cidadãos; ser enterrado no cemiterio não é um favor ecclesiastico, é um direito civil. Os cemiterios competem á camara municipal: é ella que os constróe, os vigia, os limpa, os possue, os policia; quem quer um mausoléo compra um terreno á camara; os modélos dos jazigos são por ella approvados; é ella quem determina a disposição dos sepulcros. É um centro civil, é um órgão essencial da cidade. Os cemiterios têm a sua origem na hygiene, na policia, na moral da vida municipal. Não têm a sua razão de ser na theologia. O cemiterio catholico é o céu!

Ora temos que dar um bom conselho ao clero: na Belgica, quando um livre pensador, um professor das universidades livres, morre, — o clero que o não pode expulsar do cemiterio, limita-se com grande sensatez, a mandar alguns garotos apupar o cadaver quando este passa, entre as lagrimas dos seus amigos! Aqui está o que é um clero que respeita os direitos civis: não impede o enterro, *pateia* o cadaver!

Ora no Funchal deve haver garotos: quatro pedras, e dois assobios, e o clero castigará os impios.

Outubro 1871.

XVI

De um amigo anonymo recebemos uma carta em que se nos conta qual o processo por que se fazem as substituições no serviço militar. Colhemos a este respeito as devidas informações. O caso passa-se da maneira seguinte:

A freguezia A possui tres mancebos aptos para o serviço militar. O exercito pede á freguezia A um contingente de dois recrutas. Comparecem os n.^{os} 1, 2 e 3. O mancebo a quem tocou o n.^o 3 julga-se naturalmente dispensado do serviço, e vae retirar-se. N'isto porém o mancebo 2 propõe-se pagar a sua substituição, e conta, por exemplo, trinta libras. O Estado recebe este dinheiro. Vae dal-o a um homem livre do serviço das armas que substitua o mancebo 2? Não. O Estado faz simplesmente o seguinte: Arrecada para si o preço da substituição do mancebo n.^o 2, e manda assentar praça ao mancebo n.^o 3!

É horrível de prepotencia e de iniquidade, não é assim, leitor? No entanto é o que se faz.

Por este modo o sorteamento parece-se com muitas outras instituições vigentes em ser um mero gracejo: sómente, com todo o respeito que as leis e as instituições vigentes nos merecem, ousamos advertir que é um gracejo pesado. Se um simples particular se permitisse gracejar assim, a justiça ou havia de declaral-o «tributo de sangue» ou tinha de condemnal-o á cadeia.

Como vêmos, aquillo a que vulgarmente se chama uma substituição militar não é uma substituição; é um imposto—desegual, iniquo, vexatorio, infame—mas, emfim, um imposto, legalmente cobrado pelo Estado.

Ora sendo assim, entendemos que seria não só equitativo mas singularmente proveitoso ás urgencias do erario que no proximo recenseamento militar se incluíssem, além dos mencebos destinados a não pegarem em armas, as seguintes classes de individuos igualmente assignalados para não derramarem o seu sangue pela patria:

Irmandades e philarmonicas;

Os conegos;

As viúvas ricas, e os defunctos intestados.

Outro gracejo assás característico da nossa orga-

nisação militar é o que vamos citar. Acabamos de vêr um principio. Passemos a encarar um facto particular.

Por cima de um monte de entulhos que defronta com a entrada da Academia Real das Sciencias passeia, ha dois dias, um bello homem de elevada estatura e de uma correcção e elegancia de formas que o assignala como um especimen perfeito da raça humana no meio das nossas constituições rachiticas e degeneradas. Este homem, de olhos baixos, gestos perplexos, physionomia dolorosamente contrahida, indicando o soffrimento mais profundo, a angustia mais absorvente, alheado a quanto se passa em volta d'elle, fechado na sua tristeza como n'um carcere invisivel, trajando um uniforme militar, com as divisas de tambor-mór nas mangas da sua fardeta, despertou-nos vivamente um interesse sympathico. Seguimol-o por algum tempo. Elle passeava sempre, a largos passos incertos, abstrahido, profundo, sem dar pela nossa presença ao seu lado. Por fim encostou-se a uma arvore, tirou o bonnet, poz uma mão no peito, e ficou immovel. Um suicida teria a expressão de rosto que elle apresentava n'esse momento. Em vez porém de se apunhalar, o soldado persignou-se, rezou um momento, persignou-se outra vez, e continuou a passear. Falamos-lhe, interrogamol-o. Estava maniaco. In-

dagamos a historia d'este desgraçado. É a seguinte :

Era tambor-mór de um regimento. Pediu a reforma: negaram-lh'a com o fundamento de que elle perdera o direito ao seu futuro militar por ter servido, como substituto, em vez de outro. Como nunca vem só uma desgraça, na semana em que elle teve este triste despacho, a mulher com quem estava casado fugiu com outro homem, um alferes, parece. Elle recebeu baixa redonda, e passeia agora nas ruas de Lisboa o seu uniforme militar, a peregrina belleza das suas formas e a sua monomania.

Quando o interrogam responde com esta simples phrase, que repete indefinidamente: «A base da sociedade é o respeito dos inferiores: pois bem, desapareceu o respeito dos inferiores!»

Para que o destino dos tambores-móres portuguezes não seja, como o d'este, morrerem de fome dentro do seu uniforme sobre os entulhos da capital, lembravamos ao sr. ministro da guerra uma cousa: quando se não pudesse passal-os vivos para veteranos, passal-os para um museu — empalhados.

Outubro 1871.

XVII

Depara se-nos em um dos primeiros jornaes do Rio de Janeiro o seguinte assombroso annuncio:

Livros baratos. — Mello Moraes, Brazil reino, réis 20000; Arte de Amar, 20 réis; Simão de Nantua, 200 réis; Carta de A B C, 40 réis; romances de Camillo e Paulo de Kock, 500 réis; na bem conhecida e afamada livraria de Lemos, onde se vende massa para matar ratos e baratas, em razão de grande abundancia d'estas familias: vende-se tambem graxa sebosa a 200 réis a libra, cebollas, alhos e côcos. Vende-se tambem o lindo romance Thezinhinha ou a menina dos 800000 réis. Rua de S. José, 118.

Ó Lemos! ó afamado livreiro! como tu és especial! Como nós, pelo menos, te achamos especial quando te lêmos, Lemos!

O teu estabelecimento commercial não é simples-

mente uma loja; é um methodo, é um systema, é um modo novo de comprehender a vida e o mundo, é uma philosophia.

Confessa que a tua loja não te sahiu por uma só vez da cabeça descendo-te por um buraco do nariz, como Minerva da cabeça de Jupiter, armada e fornecida! Não foi assoando-te que a encontraste repentinamente no teu lenço! não foi abrindo a risca ao espelho que ella te veio no pente!

Confessa que a organisaste por partes, deductivamente, passando de um phenomeno ao phenomeno correlativo, até te elevares successivamente á constituição perfeita do teu enorme systema.

Quanto a nós, logicamente, não poderia ter sido senão pela *graxa sebosa a 200 réis a libra*, que tu começaste.

Então, possuida a graxa sebosa, o teu immenso espirito percebeu que expressivos pontos de inter-rogação se elevavam ainda na esphera do sentimento parallela á das neessidades práticas da graxa e do sêbo, e achaste a *Arte de amar* a vintem.

Librado na aza do amor, penetraste nos pacifcos dominios do *cóco*, transpuzeste o portico augusto em que um requinte de civilização e de voluptuosidade começa a alliar a *cebolla* aos refogados e aos sentimentos, até que te achaste, como um

velho amigo, n'os braços do *alho*, o qual andava por entre os orbes á procura da assorda, de ti e do amor a vintem.

A intima convivencia do *alho* e o encontro, quiçá fortuito, da carta do A B C, a *pataco*, esmertaram-te a fibra litteraria, e foi então que chamaste a ti Mello Moraes, Camillo e Paulo de Kock a 500 réis, o qual Paulo te pedimos encarecidamente que não confundas—se é que não o confundiste já—com o *carvão*... tambem de *Coke*!

E assim foi, ó Lemos, que tu conseguistê emfim dominar o mundo e assombrar os continentes com a posse accumulada de todos os grandes elementos da civilisação: a industria, a arte, o sentimento, a litteratura e o côco.

Como porém é impossivel na terra o estado da *summa* e inteira perfeição, uma cousa ainda te falta...

Mas não! agora reparamos que possues tambem a *massa de matar ratos*! Era exactamente a isso que nos iamos referir, imaginando ser essa a cousa que não tinhas—mas que precisamente tens:—a *massa de matar ratos*...

Extraordinario pois! phenomenal! infinito!

Que o Brazil te erga um altar, ahi mesmo na tua loja, no teu templo, ó Lemos! Que n'elle sejas ex-

posto em *lausperenne*, no alto de um throno construido de modo que tenhas á mão o teu raio para as ratazanas, o côco, a graxa sebosa, o Kock e o mais que te parecer preciso para tua sustentação e deleite!

Logo que a patria te pague esse tributo de gratidão e de respeito, avisa, que queremos ir ahi pelo primeiro paquete, antes de tudo para te adorar, e em seguida para travarmos relações com o «lindo romance» *Therezínha ou a menina dos 800.000 réis*. Queremos lê-lo! queremos devorá-lo! Que nol-o sirvam quente, apenas chegarmos, o romance d'essa menina e d'esses tantos réis!

XVIII

A *Revista Europea* magnífico periodico italiano, órgão do movimento scientifico na Italia, publicava ha poucos dias a respeito das universidades n'aquelle paiz um artigo profundamente patriotico, que termina pelos seguintes periodos:

«E ás universidade que cabe a influencia de um governo livre. As universidades são principalmente frequentadas pela burguezia, que nas monarchias constitucionaes occupa a maior parte dos grandes empregos no parlamento e na governação. Das universidades deviam sahir os homens instruidos, os italianos. Ellas produzem no emtanto os mesmos fructos de outr'ora estragados pela indisciplina moderna.

«Os professores vivem quasi todos no desalento e na penuria.

«Os fundos sagrados das universidades, que pertencem á sciencia, são em grande parte absorvidos pela burocracia, e servem para sustentar uma multidão de empregados secundarios, superfetações inuteis quando não perigosas.

«Os productos scientificos de vinte e duas universidades em um povo de vinte e sete milhões de habitantes são irrisorios.

«O servilismo, a escravidão intellectual deante do estrangeiro vae augmentando sempre.

«E a nação, satisfeita, paga!»

Diriamos estar vendo a pintura do que se passa em Portugal, se não se desse uma differença importante, que é: ser feita a accusação em um jornal exclusivamente consagrado aos interesses da scien-

cia, e redigido com profunda erudição do mais alto movimento das idéas modernas. No mesmo numero em que se estampa o artigo a que nos referimos reproduz-se um discurso ácerca da *Physica na philosophia*, proferido pelo professor Mauricio Schiff na abertura dos cursos do Instituto dos Estudos Praticos e de Aperfeiçoamento, de Florença.

N'este discurso mostra o auctor como todos os philosophos modernos tendem a encontrar-se n'um dominio commum com os naturalistas e com os physiologistas. Prova que nenhuma deducção *à priori* pode conduzir á verdade objectiva, e que as theorias até ha pouco havidas por absolutamente independentes precisam hoje de ir basear-se na observação, havendo já duas universidades, uma na Suissa e outra na Allemanha, que entregaram a professores de physiologia as suas cadeiras de philosophia theorica. Expõe como na propria Allemanha se vae tornando esteril a metaphysica, e como o dogmatismo não é hoje mais que uma petrificação a que só resta o valor historico. Conclue finalmente propondo que, vista a intervenção inevitavel das sciencias naturaes em toda a discussão philosophica, o Instituto de Florença, começando por dar aos alumnos as noções fundamentaes de todos os raciocinios, faça das sciencias naturaes a base dos estudos, o tronco da grande arvore dos conhecimentos

humanos, cujos ramos se inclinarão subseqüentemente ás diversas direcções do espirito.

A indole eminentemente revolucionaria, positivista, d'este discurso, a inserção d'elle n'um grande jornal, órgão d'essa doutrina renovadora do criterio e reconstituidora da intelligencia, provam bem exuberantemente que não são portuguezes que operam, e que não é uma das nossas necessidades nacionaes que se discute.

E todavia tão baixo ainda se considera o nivel da instrucção na Italia, que o auctor do artigo ácêrca das reformas universitarias exclama:

«Se algum dia, de que Deus nos preserve, a Italia houver de recahir na sua confusão antiga, a responsabilidade e a culpa caberá ao ministerio da Instrucção Publica!»

Em Portugal nem o ministerio de Instrucção Publica existe, nem essa apparencia de responsabilidade temos! E, de cima a baixo, na ordem' intellectual e na ordem moral, na politica, na religião, na arte, na critica, as idéas sossobram n'uma confusão inextricavel, resultante da ausencia de um ensino fundamental.

Da analyse dos trabalhos parlamentares durante a ultima legislatura sobresaee um argumento irrespondivel. Uma camara cuja maioria é tirada da

parte mais applaudida da mocidade educada na universidade de Coimbra não tem uma só idéa justa, clara, precisa, em que se baseie uma reforma de qualquer natureza que seja. Uma sentimentalidade palavrosa e lamuriante, um optimismo imbecil, uma profunda subserviencia e alguns narizes de cera, eis tudo quanto se tem podido arrancar dos cerebros que o publico tinha obrigação de supôr mais substanciosamente providos e mais repletos.

Afim de combater esta inanidade official, celebrou-se ultimamente em Lisboa um grande *meeting* composto de pessoas das classes mais illustradas da burguezia, e presidido pelos principaes chefes dos partidos da opposição ao actual ministerio. As resoluções tomadas n'este *meeting* com o fim de obviar a incompetencia parlamentar e de intervir na governação do paiz fôram as seguintes: reformar a Carta, fazer um manifesto, suscitar outros *meetings*, ou finalmente—para que o digamos n'uma só palavra—commover a opinião no sentido de pôr em crise a viabilidade da situação actual. E eis ahi tudo quanto uma assembléa constituída pelas pessoas mais conspicuas sabe decidir em face do problema da nossa reorganisação:—comminar as tinturas transmutativas do bigode do presidente do conselho, atacar a questão politica como uma questão de

cosméticos, e pedir para a alta direcção do Estado uma troca de pomada!

Quando os governos pela necessidade de conservar o poder sacrificam o progresso, e quando as opposições pela ambição de substituirem o governo sacrificam as idéas, a sociedade corre um imminente risco de ficar á mercê do acaso n'um funesto jôgo de incompetencias, se um terceiro poder não intervem, sustentando os direitos que tocam á capacidade. Este novo poder intermedio e consultivo, destinado a regular em proveito da civilisação os conflictos dos partidos que governam com os partidos que resistem, deveria ser a imprensa. Mas a imprensa portugueza parece ignorar que é essa a sua alta missão e, em vez de se considerar superior á politica e de a governar em nome da opinião, submete-se aos partidos e deixa-se dominar por elles, acompanhando-os nas suas ambições e servindo-os nos seus erros. De modo que o jornalismo não é o árbitro que decide, não é o juiz que sentencia; é apenas o rábula que enreda, o beleguim que cita, o fiel de feitos que conduz os autos.

Na sociedade assim constituida ou assim desorganizada todos os poderes são militantes, todos são executivos, todos são temporaes. Não ha esphera theorica, não ha dominios mentaes, não ha poderes

do espirito. Como substancia politica organisada, falta-nos apenas o cerebro e a espinhal medulla. Pertencemos aos invertebrados. Somos um tubo.

Se nós tivéssemos a palavra no *meeting* alludido, diriamos aos cidadãos:

Meus senhores, lembrem-se das palavras de Samuel Smilles: o governo de uma nação não é mais que a imagem e o reflexo dos individuos que a compõem. Todo o governo que passa adeante de um povo é fatalmente impellido para traz. Assim como a agua encontra o seu nivel, assim uma nação encontra nas suas leis e no seu governo as disposições que conveem ao seu character. Um nobre povo será sempre nobremente governado; aos povos ignorantes e corrompidos cabem os governos ignobeis. A liberdade não é sómente o effeito de um desenvolvimento politico; é principalmente o effeito de um desenvolvimento moral, o resultado da energia, da independencia, da acção individual.

É por estas razões que Stuart Mill dizia: O merito de um Estado não é no fim de contas senão o merito dos individuos de que elle se compõe.

Ora, a falar verdade, meus senhores, os nossos meritos são de uma natureza bastante subalterna.

Mediocres litteratos, mediocres artistas, mediocres sabios, mediocres funcionarios publicos, eis

os individuos de que se compõe esta assembléa illustre, na qual se tem falado quatro horas sem achar nada mais do que injuriar os adversarios e pedir a reforma da Carta, como se fôsse uma carta mais ou menos reformada que houvesse de fazer os cidadãos instruidos e os governos sabios!

A constituição politica, no fim de contas, não é mais que um resultado da constituição social, e esta não se reforma senão pelo concurso inconsciente de todas as vontades, pela applicação particular de cada um para o seu proprio aperfeiçoamento.

Consultando bem as nossas verdadeiras necessidades veremos que o que falta ao nosso bem-estar não é uma reorganisação politica, mas sim uma renovação intellectual, um forte estimulo para o trabalho, para o dever, para a dedicação pelos outros, para a energia, para a satisfaçáo da consciencia, para o contentamento, para a alegria do caracter.

O grande mal que todos padecemos é o scepticismo abatido e esteril dos espiritos que perderam as antigas crenças e não entraram ainda nos novos principios e nas grandes convicções.

É d'este estado geral que procedem os unicos partidos que temos: os partidos médios, de conciliações que chegam á immoralidade, de tolerancias que tocam na corrupção.

É com taes partidos que as sociedades se dissolvem pela indifferença e rela relaxação.

Ora esses partidos somos nós mesmos que os constituimos. Os governos que d'elles emanam são maus por uma necessidade inilludivel de harmonia e de nivelamento geral. Elles são maus governos exactamente pela fôrça da mesma lei em virtude da qual nós somos maus jornalistas, maus litteratos, maus academicos, maus artistas, maus commerciantes, maus industriaes e maus operarios

Quereis um conselho? Acabae de uma vez para sempre com os vossos *meetings* esterilizadores, ba-naes e ridiculos, e institui *conferencias*.

Não queiraes ser corpos deliberantes. Conservae-vos na esphera especulativa que convem aos vossos interesses e ás vossas necessidades. Com o vosso beneplacito ou mau grado vosso, a revolução ha de se realizar pela fôrça das cousas. A vossa interferencia não fará mais do que comprometter os successos. O que tendes que fazer, vós burguezes, que estaes fora do governo, é simplesmente preparar-vos para o exercer ou para o criticar com mais conhecimento de causa do que aquelles que vos precederam. A corrupção de que vos queixaes nos outros é a prolongação da que existe em vós mesmos. Os maus governos são a escrofula que apparece no pescoço; vós sois o vicio lymphatico escondido na

cellula. Purificae-vos apprendendo. O destino da vossa geração depende do vosso curativo. Hoje em dia estamos apenas viciados. D'aqui a algum tempo estaremos inteiramente apodrecidos. E, com isto, burguezes, muito boa noite.

Abril 1876.

XIX

A Sociedade de Geographia tem dado nos ultimos tempos um espectaculo bastante brilhante de applicação ao ramo de estudos a cujo desenvolvimento se consagra aquella instituição. As conferencias ácerca das nossas colonias, ácerca da Africa principalmente, succedem-se alli com uma periodicidade semanal. Os conferentes, tendo habitado a Africa e narrando sem preocupações oratorias os factos que presenciaram e colligiram, têm contribuido para o conhecimento dos problemas que se prendem ao futuro d'aquella região com os mais importantes subsidios. A nossa questão colonial de nenhum modo se pode apreciar melhor do que em frente dos documentos, recentemente apresentados á

Sociedade de Geographia pela honesta sinceridade dos viajantes que visitaram os logares e testemunharam presencialmente os factos.

O joven engenheiro Gorjão, que residiu em Angola durante tres annos, e que ha dias ouvi discorrer largamente em uma das reuniões da Sociedade de Geographia ácerca das suas impressões de viagem no continente negro, fez aos seus consocios a revelação de casos tão importantes, que eu não posso deixar de referir alguns, tanto mais quanto estes discursos geralmente não se imprimem nem os prelectores os escrevem, estando assim destinados a desaparecer sem que o publico os julgue e os aprecie.

Segundo o engenheiro Gorjão, o trabalho da Africa é extremamente hostile ao colono que vae, sem recursos pecuniarios, applicar á terra a fôrça individual dos seus musculos. A prosperidade está alli unicamente promettida, e n'esse caso com avultados lucros— ás empresas poderosas, dispondo de fortes capitaes. Esta affirmacão foi exuberantemente corroborada pelo conferente com muitos argumentos e com muitos factos.

A esse proposito o viajante citou o caso de um rico agricultor chamado Dias, o qual, bastante rico para fundar a grande lavoura servida por operarios negros, centuplicou rapidamente os seus capitaes.

Dias não tinha especie alguma de instrucção ou de cultura litteraria. Era quasi analphabeto. Educado espontaneamente pelo esforço da sua razão concentrada na resolução dos problemas e dos conflitos que o rodeavam, elle chegou experimentalmente ás mais altas concepções.

O engenheiro Gorjão encontrou em um valle do interior uma enorme machina de vapor, que Dias fez zera transportar do littoral até ahí, através de enormes montanhas, por um meio especial de locomoção que a mesma engenharia admira, tanto mais quanto lhe é impossivel explical-o pelos processos até hoje conhecidos e empregados para fins analogos.

Dias, querendo legar a sua familia a continuação da sua obra gigantesca, e desejando para esse fim dotar seus filhos com a educação technica e systematica que elle não recebera, mandou educal-os em Lisboa nos melhores dos nossos estabelecimentos de ensino secundario. Infelizmente, disse o sr. Gorjão, os filhos, apesar de *perfeitamente bem educados*, não continuaram na exploração do trabalho agricola a tradição paterna. A obra de Dias morreu nas mãos inhabeis dos seus herdeiros.

Aqui nota-se um grave erro de apreciação. O illustre conferente equivoca-se de um modo notavel considerando bem educados, mais educados que

seu pae, ou simplesmente educados, os filhos de Dias. A verdade é que o mais perfeito dos institutos de instrucção secundaria em Portugal não ensina cousa alguma d'aquellas que o homem precisa de conhecer para vingar no conflicto da vida prática, na lucta pela existencia.

O primeiro effeito do nosso regimen escolar ao apoderar-se do alumno é estragar n'elle o animal. A vida sedentaria das classes, a falta de fortes exercicios em que os movimentos se coordenem e adestrem na apprendizagem de um officio, a tristeza claustral e a alimentação do collegio, baseada quasi exclusiva e invariavelmente na carne cozida, enfraquecem o estomago, debilitam os musculos e derreiam a espinha.

Depois o lyceu, arrancando o alumno a todas as curiosidades do seu espirito e a todos os interesses da sua idade, sepulta-o vivo n'esse carcere intellectual inventado pelos pedagogos jesuitas e intitulado o ensino da grammatica.

Além da grammatica as nossas escholas obrigam o alumno a decorar várias outras cousas igualmente abstractas, como são a logica, a rhetorica, a psychologia e o desenho linear. Communicam-lhe várias anedotas, mais ou menos escabrosas, tiradas da biographia do terrivel Nero ou do deleitavel Tito, e informam-os de todos os pormenores da existen-

cia chata dos nossos reis e da fabricação complicada de todos os seus filhos authenticos, putativos, legitimos ou bastardos.

Ao cabo de cinco annos de dessoramento physico, intellectual e moral, methodicamente organizado por este systema pedagogico, o lyceu nacional, em troca do forte adolescente cuja educação a familia lhe confiou, entrega á familia um imbecil reconhecido e approvedo com louvor em todas as provas de incapacidade que os programmas officiaes lhe exigiram.

Este sujeitinho, adestrado a conjugar o verbo *ser tólo* em duas ou tres linguas diversas, acha-se habilitado a resistir a um vintem de cigarros fumados uns depois dos outros, ás escondidas, n'uma latrina, e a toda a caspa que se lhe possa accumular sobre o couro cabelludo em dois ou mais annos de desquite com as abluções mais rudimentares da *toilette*.

Para outra qualquer especie de resistencia no conflicto da vida e do trabalho o mancebo educado no collegio ou no lyceu de Lisboa não serve.

Dias era um homem bem educado para as victorias do entendimento e da acção, porque, atirando-se com uma cabeça dura, solidamente amarrada aos hombros por bons musculos de athleta, contra os problemas da vida, elle apprendeu por si a ra-

ciocinar é a descobrir pela analyse directa dos phenomenos as leis que os dirigem.

Os filhos de Dias, extenuados de cerebro a decorar regras, perderam a explicar a concordancia e a regencia das partes do discurso a energia precisa para comprehender a regencia e a concordancia dos factos do universo; e, naturalmente, desapontaram o pae, assim como desapontaram o engenheiro Gorjão, se o pae, com a boa fé que tantas gerações tem compromettido, imaginou por um momento que o ensino official portuguez poderia preparar homens para mais alguma cousa que não seja crear caspa na cabeça e deitar fumo de cigarros pelo nariz.

Outro ponto importante da narrativa do engenheiro Gorjão é aquelle que se refere á influencia dos padres e das missões religiosas na civilisação das raças selvagens.

Entre os membros da Sociedade de Geographia de Lisboa grassa a respeito de tal assumpto uma opinião que torna preciosos os esclarecimentos trazidos por este viajante. A Sociedade de Geographia acha-se convencida de que as missões religiosas fundadas não por clerigos de acaso mas por congregações regulares como as dos antigos frades seriam um elemento poderoso para o desenvolvimento moral e intellectual do preto.

Tudo quanto modernamente se tem escripto em refutação d'esse velho erro tem sido inutil para des-
arraigar da sua convicção beata os geographos de
Lisboa.

Debalde está dicto e redicto que, pelo estado ru-
dimentar da sua evolução cerebral, o selvagem
carece absolutamente do poder de abstracção indis-
pensavel para fazer a menor idéa do que nós enten-
demos pelos dogmas e pelos mysterios do christia-
nismo. A sua propria lingua, destinada unicamente a
servir relações baseadas nas necessidades mais gros-
seiras da vida, se recusa a traduzir as fórmulas
abstractas do que ha de mais requintado no nosso
espiritualismo.

Qual é o idioma selvagem que possa exprimir a
noção de *consciencia*, de *sancção moral*, de *causali-
dade*, de *finalidade*, etc.? Sabe-se, por exemplo, com
que difficuldades luctou aquelle missionario que
entre os selvagens do Natal procurou no dialecto
zulo um vocabulo com que exprimir a idéa de *bem-
aventurança*. O sacerdote achou ao cabo de muitas
pesquizas a palavra *ubomi*, a qual na sua accepção
figurada significa o mais intenso gôso, e o missiona-
rio adoptou esse termo, á falta de outro, para dar
uma expressão, posto que um tanto expuria, á con-
cepção de um destino paradisiaco. Succedia, po-
rém, que na sua accepção litteral a palavra *ubomi*

significa o acepipe predilecto dos zulos, e queria dizer, á lettra, *carne pôdre*. De sorte que o ecclesiastico, dirigindo ao gentio as suas práticas sobre a immortalidade da alma e sobre a sancção eterna, dizia-lhes em lingua zula o seguinte: *Meus irmãos, todos os bens terrenos se devem sacrificar á carne pôdre... Foi para merecer a carne pôdre que Deus creou o homem... A carne pôdre deve ser o objecto de todos os nossos pensamentos e o fim de todas as nossas obras...*

E os selvagens, de joelhos ou encruzados no chão, ouviam com recolhimento a palavra sagrada, e lambendo os beiços de gula meneavam approvativamente as suas cabeças encarapinhadas.

Este facto dá precisamente a fórmula typica do modo como o preto selvagem comprehende e aprecia a instrucção doutrinal dos sacerdotes. Das duas cousas uma: ou o padre não chega jámais a fazer-se comprehender pelo gentio, e é inutil quanto elle diga; ou o padre consegue achar palavras que o gentio percebe, e n'esse caso a idéa que se procurava exprimir altera-se por tal modo na versão em que teve de se encarnar que exprime a cousa mais differente d'aquella que se pretendia dizer.

Mas vejamos as impressões pessoases do sr. Gorgão:

Tendo vivido durante cinco annos na Africa por-

tugueza, elle faz esta declaração terminantemente e categorica: Não encontrou nunca um só preto que tivesse uma convicção religiosa. Este facto é fundamental.

Sahindo de Loanda em viagem para o interior, o conferente encontrou a breve distancia do ponto de partida uma longa zona de terreno habitada por uma população inteiramente selvagem, desprovida de instrucção de toda a especie. Depois, nas proximidades de Ambaca, a civilisação reaparece. Fala-se o portuguez e a maior parte dos indigenas sabem lêr. Os velhos ensinam as creanças. Comprehende-se a responsabilidade moral, e respeita-se a boa fé dos contratos.

Em Ambaca existiu n'outro tempo uma missão ecclesiastica, a cuja influencia se devem estes beneficos fructos. Os jesuitas, que ahi se estabeleceram, edificaram uma vasta egreja, cujas ruinas ainda hoje assignalam o vestigio da sua passagem n'aquella região. D'aqui conclue o engenheiro Gorjão que as missões religiosas são preciosas para a civilisação da Africa, sob a condição de serem comprehendidas e realisadas pelas ordens religiosas que mantenham n'ellas o espirito de desinteresse individual e sobretudo a continuidade indispensavel á efficacia de toda a tentativa de renovação de idéas e de reconstituição de costumes.

Quanto á obra emprendida na Africa pelos clerigos desassociados, que o Estado para alli expede em cada anno, o conferente acha-a inutil como catechese, e mais prejudicial do que proveitosa como base de instrucção e de aperfeiçoamento nos povos, sobre que esses clerigos exercem a sua acção, quer como celebradores de missas, quer como negociantes de generos, quer como empresarios de batotas.

Inteiramente de accôrdo com o illustrado viajante, quanto ás vantagens de disciplina que tem a congregação religiosa sobre os clerigos livres, eu noto apenas em todos os factos expostos a prova manifesta da impotencia do catecismo como instrumento de civilisação.

O caso de Ambaca é eloquentemente expressivo. Uma excellente missão de jesuitas estabelece ahi e prolonga por muitos annos o seu dominio. Os jesuitas porfim desapparecem. Um viajante chega, e examinando dasapaixonadamente os resultados da tarefa que esses missionarios se impuzeram, o que encontra? Uma grande egreja arruinada e uma pequena civilisação nascendo pelo conhecimento de uma lingua culta, pelo habito do trabalho, pela curiosidade da leitura, pela comprehensão e pelo respeito dos interesses industriaes.

Tudo o que na antiga missão fundada pelos je-

suitas tinha um caracter religioso desapareceu. Tudo o que n'ella tinha simplesmente um caracter leigo ficou. O templo desabou. Os sacerdotes foram-se. As imagens dos santos tambem. A cartilha cahiu em desuso e em esquecimento. Nunca mais se disse missa. Ninguem mais se confessou. Ninguem mais fez penitencia. E o terror das penas eternas, esse *freio das massas incultas*, que os jesuitas haviam imposto, foi rapidamente engulido por aquelles selvagens, juntamente com a carne prohibida dos jejuns de preceito.

Todavia como os jesuitas, juntamente com a doutrina prégada, tinham tambem fundado trabalho e espalhado instrucção, ficou da sua obra alguma cousa definitiva e fecunda.

Não ha — creio — argumento mais poderoso em favor das missões leigas, organisadas nas bases puramente scientificas e democraticas, de que deu exemplo a *Associação Internacional Africana*, fundada em Bruxellas em 1876. Esse é o typo da congregação missionaria tal como os governos a devem promover e auxiliar em beneficio da civilisação.

As missões religiosas não conseguem nunca, evidentemente, elevar o preto á categoria espirital de um christão, apesar de profanarem o christianismo materialisando-o grosseiramente e inutilmente para o tornar comprehendido do preto. As verda-

des de experiencia são as unicas que o homem pode efficazmente prégar, porque ellas de per si mesmas se impõem como fôrças irrisistiveis. As verdades reveladas não encontram écho senão nas consciencias que as sollicitam como um dôce complemento ideal do misero destino humano.

Apesar de tudo, porém, na Sociedade de Geographia continua a vogar a opinião insistente de que a civilisação africana é impossivel sem o restabelecimento das congregações religiosas! Inexplicavel.

XX

O inquerito industrial, a que o governo mandou proceder para o fim de determinar as bases positivas de um tratado de commercio com a França, tem dado logar a importantes visitas das delegações districtaes encarregadas do alludido trabalho nas principaes fabricas do paiz. Os quesitos tendentes a elucidar o estado das industrias em Portugal poderiam resumir-se em dois.

1.º Porque não ha capital?

2.º Porque não ha saber?

As respostas que os industriaes têm que dar ao governo sobre esses dois pontos capitaes do questionario proposto são faceis de prever.

Nas industrias portuguezas faltam os capitaes, porque, dados os nossos habitos tradicionaes de indolencia fidalga, desde que o governo pede dinheiro emprestado aos capitalistas, assegurando-lhes um juro satisfatorio, os capitalistas preferem naturalmente entregar o seu dinheiro ao governo e ir fumar os seus juros para o Passeio Publico e para a porta da Casa Havaneza, a entregarem-o ao trabalho que obriga a dirigir, a fiscalisar e a entender, —missão penosa!

Desde que o dinheiro de um portuguez lhe apparece palpavelmente representado em machinas, em caldeiras de vapor, em teares, em charruas, em fornos, em alambiques, em forjas, em movimento de braços, em agitação, em ruido, em obra, o portuguez perturba-se, sente a sensação da tormenta, e sobrevem-lhe os terrores de naufragio. Quando, pelo contrario, o seu dinheiro se lhe mostra garantido por uma folha de papel engordurado do suor das dedadas e da tinta dos carimbos officiaes, e quando por traz d'esse papel não existe nenhuma outra cousa viva no mundo externo senão o pinho carunchoso de um throno, symbolo augusto da es-

tabilidade governativa, e quatro cerebros vazios de governantes incumbidos de representarem a immobilitade dirigente do progresso, o capitalista portuguez então socega, tranquillisa-se, lê jubiloso ao almôço a cotação dos fundos, deixa crescer na paz absoluta da inanidade a sua barriga e os seus papéis de crédito, e faz se um sustentaculo precioso das instituições em que medra e de que faz parte.

Quando da sua janella, palitando os dentes, elle vê passar na rua os correios de secretaria trotando atraz dos coupés dos ministros, quando vê marchar a guarda para o Terreiro do Paço ou para o palacio da Ajuda com a musica á frente tocando o hymno, ou quando os batedores da casa real com as suas sobrecasacas azues, esvoaçando, e com os seus chapéos de galão de prata, assomam á esquina, precedendo o coche em que vem a rainha, pallida e triste, com uma pluma preta no chapéo, elegantemente empacotada a um canto e envôlta no seu tedio aristocratico e nas suas rendas, o capitalista ditoso esfrega as mãos e diz consigo: — Bem bom! ahi váe o meu dinheiro a girar; talvez que ainda me peçam mais no fim do mez... Bem bom! bem bom!

O motivo por que nas nossas industrias artisticas a falta do capital se agrava com a deficiencia das

faculdades estheticas, com a falta de invenção e com a falta de gôsto, está simplesmente em que governo algum portuguez pensou jámais em fundar em Portugal o ensino artistico.

Não ha escholas de desenho. Não ha escholas profissionais. Não ha collecções de arte. Não ha museus industriaes. Não ha bibliothecas de trabalho.

Um homem de talento e de boa vontade. Fradesso da Silveira, tentou em 1874, ao voltar da exposição de Vienna d'Austria, fundar em Lisboa uma collecção de arte industrial. O que aquelle benemérito cidadão conseguiu fazer, elle só, para pôr em obra o seu patriotico projecto, é verdadeiramente portentoso e inacreditavel. Nunca a industria portugueza pagará a Fradesso da Silveira tudo o que lhe deve em dedicação á prosperidade do trabalho nacional.

Compenetrado profundamente da alta importancia dos methodos austriacos e dos methodos inglezes na educação artistica e industrial de um povo, Fradesso da Silveira recolheu e colligiu, como commissario de Portugal na exposição de Vienna, requerendo, solicitando, pedinchando, de commissão em commissão, de governo em governo, de expositor em expositor, uma collecção preciosissima de especimens dos productos das industrias estrangeiras, mais estreitamente relacionadas com as indus-

trias tradicionaes portuguezas, e tratou de fundar em Lisboa esse museu eschola, de que elle proprio era ao mesmo tempo o catalogo, a bibliotheca, o guia e o conservador.

O relatorio que por essa occasião elle dirigiu a El-Rei com a historia dos seus trabalhos, como commissario portuguez em Vienna, é um documento que ha de ficar para sempre na historia do trabalho e do ensino artistico, como um testemunho eterno da gloria de Fradesso e da ignorancia criminosa-mente bestial dos ministros a quem competia attendel-o e secundal-o na sua phenomenal iniciativa.

O museu Fradesso foi estabelecido, provisoriamente, n'um armazem da alfandega de Lisboa. O governo nem para o despachar e para o tirar da alfandega teve resolução e animo! Mas Fradesso da Silveira não desanimou com esta primeira e cruel decepção, e estabeleceu o museu nas unicas casas que lhe cederam para esse fim, em prateleiras tóscas, em mesas improvisadas com quatro pranchas de pinho, por aqui e por alli, na sala de espera dos viajantes, na sala das bagagens, por toda a parte enfim onde lhe davam um pouco de espaço em ar de esmola á sua mania.

As instancias infatigaveis de Fradesso junto dos ministerios tornaram-o celebre como maçador nas secretarias do Estado; e em todos os gabinetes e

em todas as repartições publicas os ministros e os chefes de serviço o evitavam e se escondiam d'elle, consignando-o aos continuos e aos porteiros como um maluco. Reconhecendo afinal que era um pouco mais impertinente do que o paiz podia supportar, elle tomou a prudente deliberação de se deixar morrer de tristeza, para não empecer o socoço da cousa publica, nem enfadar mais os senhores incumbidos de a dirigir e governar.

Depois da morte de Fradesso da Silveira, o museu industrial, de que elle fundara tão corajosamente os alicerces, teve o mais comico dos destinos que o defuncto Offenbach poderia sonhar para desfecho da mais jovial e da mais grotesca das suas invenções. O museu desapareceu.

Emquanto nas estações officiaes se ia discutindo a pouco e pouco o problema do logar onde tinha de ser posto o incommodo empacho que inteiramente pejava a repartição aduaneira, começou-se a observar na alfandega que a collecção da arte industrial, em vez de augmentar, ia diminuindo sempre, lentamente mas progressivamente, de dia para dia, até que, finalmente, da ultima vez que lá foi a ultima commissão dos peritos encarregados de dar parecer sobre o assumpto, se constatou com jubilo indescriptivel e com satisfação geral que no museu não existia senão o funcionario encarregado de o

espanar, as prateleiras muito bem espanadas e um espanador.

Tudo mais havia desaparecido completa, e absolutamente, sem deixar o minimo vestigio da sua passagem sobre a face do planeta que habitamos.

Graças a este fausto desenlace da unica tentativa prática e positiva, feita para lançar em Portugal as bases do ensino artistico, nunca mais se tornou a falar em tal, e um véo de esquecimento e de perdão cahiu sobre a memoria de Fradesso da Silveira e sobre a tradição das maçadas que no espirito dos senhores ministros andava ligada ao nome d'elle.

No papel dos relatorios e dos projectos de lei, dentro da pura esphera especulativa, tem-se feito algumas diligencias platonicas no sentido de ventilar de quando em quando a nossa questão do ensino.

Ha um projecto de lei de 1860, ha um de 1862, um de 1867, um de 1870, dois de 1871, um de 1875. Mas dá-se um pequeno obstaculo a que essas medidas produzam effeito, e esse obstaculo é que a camara dos dignos pares ainda não teve tempo de approvar nenhuma das sete leis a que me refiro. Tambem não admira; com vinte annos apenas de estudo não se pode exigir que os sabios próceres tenham da materia mais do que um conhecimento excessivamente superficial e perfunctorio. Para que

é hereditario o pariato senão para isso: para que elles tenham tempo de se compenetrarem das questões, do seu vagar, através dos seculos? É offender a instituição nas bases sacrosantas em que ella repousa o pretender exigir que um d'esses legisladores de raça tenha concluido em seus unicos dias uma leitura de cinco paginas de quarto em corpo 8, principiada apenas pelo avô incumbido de relatar o projecto que na dicta leitura se contém.

Postas estas considerações, quer-me parecer que o que provavelmente se virá a apurar das respostas que o inquerito industrial está encarregado de colligir será o seguinte:

Que para que em Portugal haja industria, o que principalmente é preciso é que em Portugal haja governo.

Emquanto os nossos estadistas não souberem fazer outra cousa senão lançar impostos para cobrir as responsabilidades dos emprestimos, e contrahir emprestimos para supprir as deficiencias do imposto; emquanto permanecer como axioma no espirito dos nossos sabios officiaes que em Portugal não pode haver industria porque não ha carvão, o que é um erro grosseiro n'um paiz, onde por emquanto estão ainda quasi inteiramente desaproveitados para o trabalho fabril os grandes motores naturaes como a corrente das marés, o vento, o calor solar e os

rios; enquanto finalmente na alta direcção dos negocios publicos a sciencia não entrar um dia para pôr fora aos pontapés a triumphal intriga com todo o seu cortejo de incapacidades poderosas e invenciveis, a organização da industria, independente e prospera, será absolutamente impossivel, porque a debil iniciativa de um ou outro cidadão isolado irá — sempre esbarrar-se, demolir-se contra a parede official, irresistivelmente argamassada na immobillidade, na indifferença e na inepecia do Estado.

Os jornaes da opposição estão accusando o governo d'esta pequena trapaça: fazer um inquerito para servir de base a um tratado de commercio, e ter já assignado o tratado quando está ainda por concluir o inquerito.

Não sei bem qual é a porção de verdade que esta accusação encerra, e acho que não vale muito a pena de averiguar esse ponto, desde que é a parte do trabalho que se discute e não a seriedade mais ou menos authentica da politica do ministerio presentemente em exercicio.

Se o tratado, pendente ou assignado, é dictado ao governo pelos seus principios proteccionistas, elle é sempre mau em absoluto, quaesquer que sejam as clausulas particulares em que se firme. A protecção, favorecendo especialmente os interesses quasi exclusivos do capital, tem naturalmente o apoio pertinaz

de todos os governos movidos pelas dependencias do dinheiro. Mas, para o desenvolvimento do trabalho e para o augmento geral da riqueza, a protecção é sempre funesta, funesta como expediente economico de um paiz em atrazo, e funesta principalmente como restricção politica da grande liberdade humana.

O trabalho não vive nunca do favor vive unicamente da sciencia. Por isso a grande obrigação dos governos perante as responsabilidades da civilisação não é proteger; é ensinar.

XXI

Segundo noticiam os jornaes do Porto, foi alli querelado o sr. padre João, director de um collegio, por haver corrigido um alumno de quatorze annos de idade, applicando-lhe algumas bofetadas e—trinta e seis palmatoadas! O estudante, examinado pelos peritos, foi considerado impossibilitado de se servir dos braços durante quinze dias; rebentou-lhe o sangue por entre a pelle e as unhas; de-

primiram-se lhe por tal modo os musculos que ficou com os braços convulsos e incapazes de qualquer esforço.

Só um verdadeiro rancor de clérigo, *odium theologicum*, pode levar um homem a espancar por tal modo uma creança, friamente, systematicamente, por espaço de dez ou quinze minutos, como se se tratasse de cumprir o dever da tortura no tribunal do Santo Officio.

Levantar entre os dedos, no altar da misericordia e do perdão, a hostia consagrada, parece ser a missão e o officio mais leve, não é verdade? Pois bem: não ha nada que torne a mão tão pesada. Um rachador, passando a sua vida a cortar a machado a espessa e dura fibra dos carvalhos seculares, daria no seu pequeno aprendiz uma pancada brutal, mas não repeteria esse golpe trinta e seis vezes, tranquillamente, pacientemente, piedosamente, como quem desfia n'um rosario as Ave Marias da corôa á Virgem Purissima.

Notamos o acto commettido por este sacerdote, porque elle tem para nós a importancia social de um grande symbolo.

O sr. padre João, talvez sem o pensar, representa, em ponto pequeno, dentro da esphera dynamica do seu braço ecclesiastico, o que é, em ponto gran-

de, a instrucção official portugueza, que elle se encarrega de propagar por meio da sua férula.

Paes e mães de familia! meus senhores e minhas senhoras! queiram olhar para este pequeno alumno espancado pelo seu mestre em nome das necessidades do ensino secundario do curso dos lyceus! Tenham a bondade de reparar bem...

Soltou-se-lhe o sangue pisado por entre as unhas e a pelle, tem o cerebro atrophiado, os cabellos hirtos, os olhos pasmados, o passo vacillante, o corpo trémulo, os braços pendentés. Está inapto para tudo por espaço de alguns dias. É preciso, por um tratamento especial, reconstituir-lhe o seu systema nervoso e o seu systema muscular, acarinhá-lo, levá-lo dôcemente á coordenação dos seus movimentos e á connexão das suas idéas, reconciliá-lo com a vida, com o estudo, com o respeito dos mestres, e fazel-o recommençar em seguida os trabalhos da sua educação suspensa e comprometida.

Viram bem, attentaram devidamente no espectaculo que apresenta essa pobre creança ao sahir das mãos pesadas do sr. padre João?...

Pois ahi têm, meus senhores e minhas senhoras, expresso por uma imagem corporea, o vivo retrato do que ha de ser, aos vinte annos, o estado intellectual e o estado moral de seus filhos ao sahirem,

não do poder de um simples preceptor da infancia, mas do seio do primeiro dos nossos estabelecimentos de instrução, da Universidade de Coimbra!

Vossos filhos, bachareis formados, terão esse mesmo abatimento, essa prostração, esse desánimo. Ter-lhes-ha espirrado d'entre as unhas e a carne, espalmada pela pressão de um implacavel regimen dogmatico, a forte seiva do talento, da mocidade, da energia moral. Estarão atrophiados nos musculos brachiaes e nas circumvoluções do cerebro. Com as suas cartas do bachelalato dobradas na algibeira de uma sobrecasaca de mendigo envergonhado, achar-se-hão perdidos e abandonados na vida, sem direcção, sem norte, sem principios, sem convicções, sem idéas e práticas, tendo apprendido tudo, menos a pensar, a discernir, a resolver os negocios, a atacar finalmente o grande problema da vida.

Então uns lançar-se-hão na crapula, outros na intriga constitucional a que se convencionou chamar *a nossa politica*, outros no jacobinismo, na conspiração, na revolta, na misanthropia, e acabarão na alienação mental, no suicidio.

Algum, raro, terá a enorme coragem de recommençar — de recommençar exactamente no ponto em que julgara ter chegado ao fim! Isolar-se-ha no seu gabinete, no meio de novos livros desconhecidos. Reconstruirá por si mesmo, linha a linha, pagina a pa-

gina, as suas noções da natureza, da sociedade, da historia, do sentimento, da religião, do trabalho. Obscuro, esquecido, despremiado, pobre, desvelará as noites no estudo, na concentração de todas as faculdades sobre o fio systematico das suas acquisições mentaes.

E assim conseguirá talvez, ao cabo de alguns annos do trabalho mais improbo e mais persistente, aprender á sua propria custa aquillo que se não tinham lembrado de ensinar-lhe: a ser um homem e um cidadão. Quero dizer: por esses meios therapeuticos e hygienicos elle terá recuperado o sangue perdido sob a férula official, terá reconstituído uma pouca de substancia cinzenta na massa cephalica, alguma consistencia na espinha desformada e um biceps em cada braço.

Será inteiramente o caso do menino espancado no Porto. Sómente o sr. padre João já não será responsavel; e não podereis desaggravar-vos chamando o aos tribunaes, porque, apesar da habilidade que denota possuir para fazer imbecis, elle ainda não faz doutores. E admira que os não faça! Quem dá tantas palmatoadas juntas, podia bem começar a dar egualmente, de quando em quando, — um grau de bacharel.

Junho 1876.

XXII

Consta que o sr. duque de Abrantes y Liñares, illustre fidalgo hispanhol, comprador da quinta das Laranjeiras, ultimamente vendida pelos herdeiros do nobre conde de Farrobo, projecta plantal-a de vinhas e de pomares. Referindo este caso os jornaes portuguezes não têm poupado ao duque de Abrantes allusões maliciosas e ironias agudas. A algumas folhas este caso chega a parecer affronta e profanação ao nosso patriotismo e ás suas tradições gloriosas, á memoria do Castro Forte e das suas celebradas arvores estereis.

Se nos é permittido emittir a nossa opinião particular ácerca d'este assumpto, importante porque está ligado a um montão de velhos erros a que é bom dar ar e sol, diremos que, se a idéa do comprador da quinta das Laranjeiras é simplesmente convertel a de propriedade de recreio n'um estabelecimento agricola, n'uma granja, o sr. duque de

Abrantes não merece por tal deliberação senão os nossos cumprimentos e os nossos applausos. Fazer de uma terra de luxo uma terra de trabalho é nem mais nem menos do que rehabilitar a terra.

Em resultado talvez de um mau defeito de constituição moral, nós pessoalmente nunca pudemos visitar sem um sentimento vago, desconsolado, anuviado de tristes apprehensões, uma quinta de recreio portugueza, quão differente genero—ó meu Deus!—quão differente das grandes propriedades nobres e antigas da Inglaterra e da Escocia, em que os parques immensos, seculares, enormes, eternamente verdes e quasi eternamente immoveis, cheios de profundos silencios mysticos e de lembranças de chorosas lendas, envolvem sob as brumas alvacentas, á beira dos frios lagos espelhados e lizos, os massiços castellos tão grandiosos, tão recolhidos, tão nobremente melancholicos, do tempo da rainha Maria!

Nas quintas de recreio em Portugal ha sempre o que quer que seja ou mesquinho ou burguez ou pobre, que contrasta miseravelmente com o prospecto do todo, e lança no espirito o abatimento artistico que produz o espectaculo de todas as pompas fauceis. A esta primeira impressão de tristeza esteril e chata succede-se naturalmente um mau humor hostil. Aos guardas, de libré, com o brazão da casa

em prata cosido no peito ou no chapéo, ás flôres exquisitas e molles, aos marmores baratos, de obscuros artifices, representando as Venus indolentes e os Apollos desvanecidos, aos berços de repouso, aos kiosques de repouso, aos sofás de repouso, aos pavilhões de repouso, appetece dizer palavras violentas de actividade e de energia.

Ao regato, que serve apenas para alimentar alguns estupidos peixes dourados ou vermelhos ou para dar assumpto a uma ponte rustica, de *étagère*, contrafeita de boccadinhos de cortiça com a mesma especie de arte com que se borda uma charuteira de missanga, tem a gente vontade de perguntar com que direito vive elle ocioso, tranquillo e barrigudo como um major reformado, elle, filho do bom Deus, encerrado n'aquelles quatro muros, dormente como um conego que digere, enquanto os seus outros companheiros se esforçam, dobram, arqueiam como fortes acrobatas, Hercules serviçaes, puxando pelas rodas dos moinhos e de outras machinas para irem dentro das fabricas ajudar a moer o pão, a cardar a lã, a torcer os fios, a urdir os pannos, a serrar as madeiras, a cortar as pedras, a fazer os chapéos, os cigarros, o papel e uma multidão de outras cousas tão uteis ou tão necessarias na vida. E não se contentam com isso os pobres riachos plebeus e obscuros: depois de terem auxiliado o ho-

mem em tão variados serviços, saem do seu leito, torcem o seu caminho para lhes irem levar a casa a rega, o banho e a bebida; e porfim estão ainda promptos para matar a sêde aos almocreves que passam empoeirados com as suas récuas de mulas, ás grandes vaccas pacificas, aos cavalloos fatigados, aos cães enfraquecidos pela calma, e até—oh! caridade infinita!— ás pobres raposas e aos desgraçados lobos, os quaes é talvez justo que morram a tiro no meio dos homens a quem fazem mal, mas que seria iniquo que morressem de privações cruéis no seio da mesma natureza que os produziu!

Pergunta-se: Será licito que enquanto uns trabalham, se dedicam e se sacrificam assim em beneficio de todas as cousas creadas por Deus e pelos homens, outros que nunca trabalharam nada nem herdaram cousa nenhuma de seus paes que trabalhassem por elles, passem uma vida assim, extendidos ao comprido, immoveis como deuses de Epicuro, creando peixes ridiculos e reflectindo pontes de albuns ou de relógios de mesa? Não seria bem feito que um hispanhol rico e poderoso te obrigasse a servires para alguma cousa, a ti, parasita, degradando-te para Madrid onde fôsses tirar o pó da guela ao Manzanares sequioso?... Levanta para o céo esses teus braços ociosos, estirados por cima de alguns pobres nenufares em principio de decom-

posição, que hão de acabar por te envenenar com as podridões paludosas, se não fôr aquelle a teu respeito o designio do sr. duque de Abrantes!

Se porém o que elle deseja adquirindo-te, é tornar-te util ahi mesmo onde nasceste, fazendo-te cooperar no grande trabalho universal da vida, que mais queres?! Tu verás, misero ignorante, como serás mais contente, mais alegre e mais feliz, quando viveres no meio de uma granja activa e ruidosa como uma colmeia, do que assim n'esse apparatus frio e prostrado de cemiterio!

O que succede com a agua, dá-se egualmente com a terra. Aquella que á fôrça de instancias, de estimulos e de soccorros artificiaes não produz senão algumas poucas flôres pretenciosas e caras, e muitas folhas de formas extranhas, penosamente importadas de todas as latitudes e de todas as regiões do globo, afim de que os amadores constatem que ellas têm um nome impossivel e são sufficientemente menos bellas que as couves lombardas,— e tambem um pouco para que os creados as furtem, para que os bichos as comam e para que alguns burguezes bucolicos, escalando aos domingos os muros as esmaguem merendando-lhes em cima com as suas familias, ou as menoscabem e deshonrem atirando-lhes com os ossos do cabrito ou com as espinhas das pescadinhas marmotas,— a terra que

só isto dá, se tivesse a faculdade de invejar, deveria olhar com fundamentada e legitima inveja para o campo modesto que lhe fica ao lado e que, unicamente pela virtude da fôrça d'elle e do pesado e continuo trabalho do que o cultiva, produz o milho, o centeio, as batatas, as aboboras e a fava, sufficientes para sustentar, vestir, calçar, mandar á eschola, levar ao Passeio Publico aos domingos e algumas vezes ao theatro o marido, a mulher e os filhos de duas familias inteiras, a de um rendeiro e a de um proprietario:— sendo d'estas a que vae ao Passeio Publico e ao theatro a do proprietario, e a que vae á fava no campo a do rendeiro.

Que a despeito portanto das censuras de algumas folhas, a nova granja substitua breve, sob as bençãos da natureza, a antiga «villa»! Que a boa vinha complacente cubra com o seu manto dourado e verde as tradições lyricas e romanescas d'aquelles outeiros! Que nas largas ruas calçadas de areia esteril, cresça o dôce feno perfumado, e onde passeavam os creados vadios pastem as grandes vaccas suissas, os carneiros merinos e os cabritos do Thibet! Despontem os finos espargos, a pequenina couve de Bruxellas e as grossas cebolas dôces portuenses, onde rompia a custo a exilada relva ingleza que murcharia de nostalgia, de aborrecimento e de nojo

sob o pó infecto da estrada de Bemfica, se a não espanassem todas as tardes como um vidro de sobremesa e a não lavassem todas as manhãs como um cão de regaço! Que nas altas estufas majestosas entrem os ananazes, as bananeiras, as fructas tropicaes, as reproducções delicadas, os enxertos difficeis e os finos productos que se deseje forçar afim de que as pessoas bastante ricas para comerem cerejas no inverno possam fazer entrar na industria da terra o alto preço dos appetites subtilizados! Que os pavilhões pretendidamente chinezes, alpinos ou tartaros, cedam os seus logares ás rusticas mas graciosas edificações das queijarias, dos estabulos modêlos, das capoeiras, dos esguios pombaes e dos moinhos cobertos de colmo e vestidos de hera!

A unica cousa que nos não pareceria bem seria que, como se diz, o sr. duque levasse por diante o seu proposito de arrasar a matta, porque as florestas essas são monumentos da natureza, e derrocalos é commetter um sacrilegio. Ellas são as velhas amigas da fertilidade, da salubridade, da hygiene. Não custam nada; pagam liberalmente em lenha o trabalho das podas. Arear de encarnado o terreno em que ellas residem é mau gôsto e despesa que se elimina; o mais apropriado solo das mattas é o que se forma pela sobreposição das successivas ca-

madras da folha que cae e em pouco tempo se converte no mais fertil terreno vegetal.

Além de que, as mattas são ainda susceptiveis de serem de diversas maneiras exploradas lucrativamente pela industria. Por exemplo: na real tapada da Ajuda extraem bengalas dos ramos inuteis do arvoredo. É um negocio muito bonito. Nós passámos pela Ajuda ha poucos dias e compramos alli uma bengala de el-rei; custou-nos tres tostões, e vale bem o seu preço: é solida, flexivel, bem envernizada, e depois é uma pequena lembrança da corôa, o que para nós é de um valor estimativo a que não pômos verba. Ora o sr. duque não poderia certamente vender as suas bengalas pelos mesmos tres tostões que custam as do soberano, porque, em egualdade de preços, estamos certos que nenhum bom portuguez abandonaria, para ir dar lucro a um castelhano, o real estabelecimento, já tão afreguezado, da Ajuda; e todos continuariam como até aqui a usar as acreditadas bengalas régias. Mas o sr. duque, — attendendo mesmo a ser um simples duque e não uma testa coroada, — poderia fixar ás suas bengalas o preço de duzentos réis, o que, a dez vergontes por arvore, n'uma floresta de duas mil arvores, perfaria o rendimento assás convidativo de quatro contos de réis por anno.

O que é preciso arrasar — isso sim — é o distico

que se encontra sobre a porta de entrada—*Otiatuti*—perigoso mote para fidalgos pouco ricos e para burguezes mandriões que saibam latim. No logar da antiga epigraphe ponha-se por cima da entrada da quinta das Laranjeiras esta taboleta, que será o melhor exemplo e a mais sábia licção:

CASA RUSTICA

DO DUQUE DE ABRANTES Y DE LIÑARES

Aqui se produzem e vendem todos os cereaes e todos os legumes, e bem assim vinho, azeite, leite, manteiga, nata, queijos frescos e salgados, assucar de beterrabas, todos os animaes de creação domestica, e bengalas um tostão mais baratas que as do estabelecimento de sua majestade fidelissima el-rei nosso senhor.

XXIII

Todos os crimes, quaesquer que elles sejam, podem ser considerados como pertencendo a duas classes distinctas :

1.^o Crimes da infracção das leis organicas da sociedade;

2.^o Crimes resultantes da infracção das disposições regulamentares dos Estados.

Emquanto as sociedades se não acham constituídas segundo o direito absoluto fundado em principios claramente definidos de moral positiva, isto é, emquanto as sociedades não attingem um desenvolvimento intellectual que lhes permitta conhecer todas as leis da sua organização, distinguindo o que n'ellas é difinitivo e organico do que é convencional e contingente, — n'essas sociedades não podem dar-se senão os crimes da segunda d'aquellas categorias. É assim que vemos nas civilizações antigas e hoje entre os selvagens serem considerados crimes ou deixarem de o ser, segundo os regulamentos espe-

ciaes das communitades, o roubo, a polygamia, o incesto, o homicidio, etc.

Nas sociedades que attingiram a idade consciante, que entraram no periodo scientifico da sua evolucion moral, como presentemente succede em toda a Europa, o incesto, a polygamia, o homicidio, o roubo, etc., tomaram o character dos crimes incluidos na primeira das classes a que nos referimos, porque se comprehendeu que elles não violam unicamente um regulamento local e arbitrario, mas que ferem a sociedade nos centros da vida, dissolvendo no seu nucleo a aggregação que constitue o grande ser collectivo.

A sabedoria da legislação penal manifesta-se na mais justa e perfeita demarcação dos limites que separam essas duas ordens de crimes.

Quanto mais uma sociedade progride tanto mais ella estreita os meios repressivos da infracção das suas leis organicas, e tanto mais afrouxa a punição imposta á contravenção dos seus estatutos regulamentares, distinguindo graduações na culpa segundo a importancia dos interesses feridos pela perpetração do delicto.

É em virtude d'este criterio que são punidos com severidade, unanimemente exigida pela opinião, os attentados contra o interesse do commercio e contra

o interesse da industria, porque estes dois interesses são considerados os mais importantes das sociedades modernas; ao passo que raramente deixam de ser amnistados os crimes politicos, pela razão de que os governos se julgam impotentes para vibrarem arbitrariamente um castigo que nenhum interesse reclama e que por conseguinte a civilisação rejeita como um acto de prepotencia e de vingança.

Os antigos attentados nefandos contra os poderes constituídos e contra a forma do governo, chamados temerosamente de lesa-majestade, deixaram ha muito de ser espiados na guilhotina e na fôrca, contentando-se os politicos em fulminal-os com a critica de Talleyrand: «São mais do que crimes, são verdadeiros erros!»

Posto isto, vejamos qual é o estado da mentalidade portugueza aferido pelo criterio que ella applica ao julgamento dos crimes e ás respectivas sancções penaes.

Deram-se ultimamente dois casos profundamente característicos: o caso de Joanna Pereira, e o caso do parochó de Travanca de Lagos.

No caso de Joanna Pereira vêmos tres réos confessos e convictos de tres crimes: Joanna, de adulterio; Carlos, de tentativa contra o pudor por meio da chloroformisação; o carroceiro, da remoção de

um cadaver; todos tres cumplices e conniventes no crime de cada um.

Como procede a sociedade? Não tomando conhecimento de nenhum d'estes attentados, e despedindo os réos em paz!

No caso do parochó de Travanca de Lagos, o réo é accusado de ter falsificado uma certidão de edade para o fim de salvar um mancebo do recrutamento militar. Como procede a sociedade? Condemnando o parochó a oito annos de degredo para a costa de Africa!

O primeiro caso é um triplice attentado contra a ordem social. A sociedade não só o não pune mas nem sequer o julga.

O segundo é uma contravenção de um regulamento administrativo. A sociedade não só o julga mas pune-o com uma das maximas penas do código.

Não analysamos o procedimento havido com Joanna Pereira e os seus co-réos. Pomol-o simplesmente em paralelo com o procedimento havido com o parochó de Travanca de Lagos, e dizemos que a condemnação d'este é de uma iniquidade monstruosa.

O crime de que é accusado o padre, condemnado a oito annos de degredo, é crime unicamente

perante a letra de um regulamento de character não só transitorio mas arbitrario — o regulamento do serviço militar.

O parochio foi condemnado por tentar salvar do serviço um recruta. Alterar um numero, escrever um algarismo por outro, só pode envolver intenção criminosa quando d'esse acto proceda uma offensa de interesses. Viciar a data de uma letra ou de um contrato é indubitavelmente um grave crime, porque offende o interesse do commercio, ou o da industria, ou o da propriedade. Mas alterar a data de uma certidão de baptismo, para o facto de exemptar do serviço militar um cidadão, não é offender um interesse social; é o contrario d'isso: é servir o interesse que todas as sociedades têm em que deixe de haver militares.

O crime, no estado de pura tentativa, pelo qual o padre foi julgado e punido com degredo de oito annos, se se chegasse a realisar e se extendesse do caso particular de uma freguezia do reino a todos os casos analogos na Europa inteira, seria o mais assignalado dos beneficios á civilisação e á humanidade. Daria em resultado a eliminção do militarismo e da guerra.

Os crimes pelos quaes Joanna Pereira e os seus collaboradores não fôram punidos nem julgados, se

se extendessem da casa da travessa da Oliveira ao resto da sociedade, dariam os seguintes efeitos:

Os cadáveres seriam propriamente dos carroceiros, o que acabaria, de uma vez para sempre, com o uso dos cemiterios e com a prática de enterrar os mortos.

Os Antonys teriam, ao abrigo das leis, um desenlace inoffensivo para todos os seus dramas: *Resistia-me, chloroformisei-a!*

Finalmente, para o facto da selecção da especie, os maridos seriam substituidos pelos mestres de piano dados ao abuso das bebidas alcoolicas — o que tornaria o casamento inutil e a familia impossivel, convertendo os pianos, reforçados pela aguardente, nos unicos instrumentos da perpetuidade da raça.

Expondo simplesmente os dois casos referidos e o modo como a sociedade os resolveu, achamos inutil accrescentar commentarios, e fazemos unicamente á sociedade os nossos cumprimentos.

Fevereiro 1878.

XXIV

Lêmos em vários jornaes que o edificio da exposição portugueza no Rio de Janeiro constará de tres salas principaes, sendo denominadas: — a primeira, destinada aos productos agricolas, *sala de D. Diniz*; a segunda, destinada aos productos coloniaes, *sala do infante D. Henrique*; a terceira, destinada á ourivesaria, aos adornos, ás sedas, etc., *sala de D. João V.*

Nada se nos offerece oppôr á escolha do nome da primeira e da segunda sala. D. Diniz personifica historicamente o impulso dado pelos primeiros reis da monarchia portugueza á arborisação, á cultura da terra, á prosperidade agricola, ás lettras e á arte. O nome do infante D. Henrique está de direito ligado á historia da geographia, á historia da navegação, á historia de todos os nossos descobrimentos e de todas as nossas colonisações.

O que não podemos comprehender é a analogia encontrada entre o nome de D. João V e o desen-

volvimento das industrias e das artes ornamentaes em Portugal.

D. João V não foi durante o seu reinado mais que o imitador mesquinho e labrego do comilão mais voraz, do rufião mais cynico, do parlapatão mais insolente que tem visto o mundo, — Luiz XIV, o rei sol.

D. João V é o nosso rei *sol... e dó*. Assim como Luiz XIV enguliu até o ultimo *sou* a riqueza da França para manter em um esplendor pharaonico essa côrte de Versailles, que reunia a todas as dissipações de uma batota todas as torpezas de um lupanar, assim D. João V empobreceu Portugal até á miseria para crear o mais esteril e o mais repugnante de todos os faustos, o fausto fradesco, o fausto freiratico, o fausto egrejeiro.

A criação de um patriarchado na capella real, a aquisição do direito de celebrar festas religiosas com as cerimoniaes usadas no Vaticano, de vestir de cardeaes os bispos suffraganeos, de habitos prelaticios os simples beneficiados e de super humeral o padre patriarcha, custaram mais dinheiro do que seria preciso para cobrir de escholae e de lyceus toda a superficie do paiz, cujos habitantes na maxima parte não sabiam lêr nem escrever. Para obter o capello perpetuo em vinculo no patriarchado,

quantas negociações com a curia, quantas despesas de dinheiro e de astucia diplomatica! Quantas despesas para conseguir a canonisação de varias personagens por quem el-rei se interessava! quantas para alcançar jubileus, para alcançar indulgencias, para estender a todo o reino o officio da Senhora das Dores, para que se dissessem tres missas no dia de finados, para que finalmente se estabelecessem na Egreja Lusitana mil privilegios, mil reformas liturgicas a que esse beato fanfarrão ligava o mais alto e mais vivo interesse da sua corôa, da sua dynastia e da sua patria.

A historia da edificação do convento de Mafra basta para dar a medida do calamitoso despotismo com que esse homem atrelava ao seu capricho pessoal todas as fôrças vivas de uma nação. Em 1729 elle mandou alistar para o seu serviço todos os operarios do reino. Durante 10 annos, vinte e cinco mil trabalhadores estiveram empregados nas obras de Mafra. Em um d'esses annos chegaram a reunir-se nos trabalhos da edificação da egreja cincoenta e tantos mil homens. A muitos d'esses operarios chegou-se a dever cinco mezes de salario. A alimentação era pessima, a installação em barracas de madeira com grande accumulacão de gente, extremamente insalubre. Uma estatistica do movimento de uma enfermaria que foi preciso estabelecer mostra

que em quatro annos morreram 1:338 trabalhadores. As carroças, os cavallo, os bois, eram requisitados á lavoura. As obras de Mafra absorveram tantas actividades e tantas vidas como uma campanha desastrosa. A monstruosidade architectonica que se levou a effeito com tão grandes sacrificios custou centenares de milhões, — uma riqueza enorme immobilizada em um monumento estúpido sem valor artistico e sem proveito prático, um casarão immenso, hoje deshabitado e inutil. A influencia de D. João V foi tão funesta ao movimento das idéas e á dignidade dos caracteres como ás fontes do trabalho. O temperamento d'esse principe era de uma lascivia baixa e caracteristica da sua época, bem pintada n'um poema coevo, abjecto e torpe, obra do seu amigo e companheiro de aventuras o Camões do Rocio. Os amores freiraticos d'este devoto fizeram do convento de Olivellas um serralho celebre na historia da prostituição. Ao lado do convento, o rei, que era de todas as irmandades, de todas as confrarias, de todas as novenas, de todas as procissões, mandara construir e mobilar o celebre *Palacio da madre Paula*. A nobreza moldara os seus costumes pelos do soberano. As mulheres passavam a vida pelas egrejas, os fidalgos nas portarias dos mosteiros. Os frades tinham a direcção social. A marcenaria e a

joalheria cahiram na imitação banal. A architectura, unica fôrma sobrevivente da arte, tornou-se pesada, triste, soturna. A litteratura rebaixou-se até a ultima degradação, publicando entre livros de novenas, rípanos, historias de milagres e lôas ao Divino, os poemas mais obscenos e immundos em que se tem prostituido a intelligencia humana. Os fidalgos que não acompanhavam o rei aos jantares dos frades ou aos outeiros das freiras, acamaradavam-se com o infante D. Francisco, um fadista, para as famosas rixas nocturnas, em que os pacíficos burguezes de Lisboa eram brutalmente espancados e algumas vezes mortos. O povo pedia esmola á porta dos conventos.

As enormes sommas de dinheiro que as minas do Brazil produziram durante o reinado de D. João V foram completamente devoradas em embaixadas ostentosas, em edificações de maus palacios, em baixellas, em alfaias* e paramentos de egreja, em festas, em missas, em procissões, em presentes ao Papa, aos diplomatas estrangeiros, aos frades. A maior parte d'estas despezas estultas eram inteiramente improficuas ao trabalho nacional porque o rei importava de França e da Italia os paramentos, as joias, as alfaias do culto, os sinos, as estatuas dos santos, etc. O seu proprio vestuario, extremamente

sumptuoso, vinha feito de Pariz, como as librés dos seus creados. A agricultura decahiu de tal modo que tivemos de importar os generos de primeira necessidade, aquelles em que o paiz mais abunda, como o azeite e o vinho. O impulso dado á industria por D. João V foi completamente nullo. As duas grandes fabricas fundadas durante o seu reinado, a fabrica das sedas do Rato e a fabrica de vidros da Marinha Grande devem o desenvolvimento que tiveram não á influencia do rei piedoso mas á protecção ulterior do marquez de Pombal.

O nome de D. João V, portanto, dado ao recinto de uma das secções da exposição portugueza no Brazil como preito de reconhecimento ou consideração á memoria d'esse principe nefasto é um insulto e um ultraje ás justicas da historia.

D. João V, deixando no reino por sua morte um commercio expirante, uma agricultura moribunda, um erario vazio, uma esquadra sem navios, um exercito sem soldados, uma litteratura inepta, uma arte pervertida, uma sociedade desmoralizada, não nos legou sepão miseria e vergonha. Não lhe devemos senão desprezo.

As exposições são as grandes festas do regimen industrial dos povos. N'essas festas a lisonja corte-

zã é absurda porque representa um interesse opposto ao interesse da liberdade, cuja obra as exposições são destinadas a celebrar. N'estas festas eminentemente democraticas, pacificadoras, populares, os povos devem honrar a memoria dos seus bemfeitores.

Os bemfeitores dos povos são aquelles homens que pelo seu exemplo ou pelo seu trabalho contribuíram para tornar a humanidade mais sã, mais sábia, mais rica, mais forte, mais feliz. O industrial que cria um producto novo, o commerciante que leva esse producto ao mercado em que elle se consome, o sabio que nos ensina a prever e a dominar as fatalidades da natureza, o philosopho que eleva a nossa alma até a comprehensão da nossa origem e do nosso destino sobre a terra, o artista que encanta a nossa existencia tornando-a mais dôce e mais digna, o simples homem honrado que pelo seu exemplo nos conforta no dever e na honra, taes são os individuos a quem o povo deve reconhecimento e gratidão.

Ha homens que nos ensinaram a pensar, como são Descartes, Bacon, Kant, Augusto Comte. Outros ensinaram-nos a conhecer o movimento da terra e dos astros como Copernico, Galileu, Newton, Laplace. Christovam Colombo e Vasco da Gama alargam-nos o mundo que tinhamos de habitar. Marco Polo dá-nos a bussola; Roger Bacon e Za-

charias Jansen dão-nos o telescópio e o microscópio; Elias Howe dá-nos a machina de coser com duas agulhas; Edison, o phonographo e, ultimamente ainda, o admiravel telephono *electro-chimico*, no qual o som é mais intenso ao chegar ao apparelho receptor do que ao partir do apparelho transmissor. Barff acaba de achar a novissima preparação que torna o ferro inacessivel á ferrugem e indestructivel; Lambrigtot, reduz ha poucos dias a transcripção phonographica de Edison a um fio de cobre, que se doba em novello, que é já o verdadeiro *fio do discurso* e dentro em pouco tempo poderá vir a ser essa cousa assombrosa prevista por Edison — *o dictionario falante*. Lyell ensina-nos a conhecer a idade e as revoluções da terra; Darwin reconstitue a zoologia; Berzélius, Lavoisier, Wurtz, Berthollet, criam a chimica moderna, fonte de todos os progressos industriaes; Poncelet, Cariolis, Belanger lançam os fundamentos a uma das mais uteis sciencias d'este seculo, a mechanica industrial; Richard, William Edwards, Huxley, Welcker, Buchner, Virchow, o doutor Broca, fundam a anthropologia; Bopp, Schlegel, Lepsius, Grimm, Diez, Munster, Wilson constituem a linguistica.

Finalmente eu teria de encher muitas paginas de nomes gloriosos, se quizesse mencionar os principaes contribuintes dos grandes descobrimentos

scientificos e industriaes e das vastas renovações que os modernos methodos têm operado em todas as sciencias biologicas e sociaes, na physiologia, na hygiene, na pathologia, na ethnologia, na historia, na demographia, na esthetica, na moral e na arte.

E depois d'isto, quando se trata de invocar um nome que exprima um resultado, uma influencia ou uma aspiração na actividade scientifica ou no trabalho industrial de um povo, será o nome de D. João V o que se extraia do fundo do periodo historico mais somnolento, mais apathico e mais inerte que jámais atravessou uma sociedade civilisada?!... Não é possível.

O nome de um rei despotico e absoluto exprime um principio inteiramente adverso e hostil ao progresso industrial de que as exposições são a imagem, o exemplo e o estimulo.

A industria e o commercio são factos de aproximação, de contacto, de união; são resultados do que se chama em chimica a *combinação*. Para que uma combinação se produza facilmente é preciso que os elementos em contacto sejam dotados de uma fôrça particular que se denomina a *affinidade*. Ha porém nos corpos uma outra fôrça que se supõe tornar adherentes entre si as moleculas e é antagonista da *affinidade*. Essa fôrça tem o nome de *coesão*. Quanto maior é a cohesão menor é a affi-

nidade e mais difficil se torna a combinação. Ora nas sociedades humanas as realezas despoticas representam nos povos a fôrça chamada cohesão na chimica. Todas as instituições do despotismo têm por effeito tornar cada vez mais adherentes as moléculas constitutivas da sociedade sobre que essas instituições actuam. São essencialmente cohesivas todas as centralisações em que se baseiam os regimens monarchicos, são cohesivas as alfandegas, são cohesivos os exercitos permanentes; e o poder pessoal dos tyrannos, sugando um paiz inteiro á semelhança de uma bomba aspirante e contínua, comprime, condensa, expreme progressivamente o paiz, suga-o, tornando-o cada vez mais improprio para se renovar, para se revivificar, para se expandir na serie infinita das combinações successivas que fazem o movimento da industria e o movimento do commercio entre os povos livres.

O Dante no fim dos seus poemas escrevia, como symbolo da aspiração do seu genio, a divisa immortal:

Stelle!... alle stelle!

Se em vez de elevarem os seus olhos para o céu como o Dante, os promotores da exposição portugueza preferem empregal-os em D. João V, esses senhores estão no seu direito; mas deveriam affirmal-o tomando esta divisa:

Ao lixo... ao lixo!

Maio 1879.

XXV

ANNAES DA VIAGEM DE SUAS MAJESTADES E ALTEZAS PELOS SEUS REINOS, SEGUNDO OS TELEGRAMMAS PUBLICADOS POR TODA A IMPRENSA, E DA ACÇÃO CIVILISADORA DA MESMA VIAGEM SOBRE O ESPIRITO DOS POVOS, EM VISTA DOS ALLUDIDOS DOCUMENTOS.

I

Bussaco... d'agosto. Sua majestade Anjo da Caridade acaba de chegar esta secular floresta acompanhada suas altezas Preciosos Penhores. Anjo passeou matta. Jantou 6 horas. Preciosos Penhores fôram Cruz Alta companhia um dos seus preceptores. Jubilo povo inexcêdível.

II

Bussaco... d'agosto. Sua majestade Anjo encontrou interessante menino na serra e afagou. Com-

moção todos visitantes que presenciaram acto Anjo afagar menino chegou lagrimas. Preciosos Penhores fôram pé Fonte Fria. Jantar Anjo, Preciosos Penhores e Damas, 6 horas, 14 minutos, tempo médio. Jubilo povo aumenta progressivamente.

III

Bussaco... d'agosto. Anjo apreciou mediocrememente rouxinoes gorgeando secular floresta. Chamados á pressa para gorgear na balseira banda de infantaria 14 e cysne Mondego D. Amelia Jenny. Jubilo povo excitado por Quatorze e por Cysne inarravel.

IV

Bussaco... d'agosto. Sua majestade Anjo recusa licença a *touristes* comerem saborosos peixes ria d'Aveiro em secular floresta. Preciosos Penhores pequeno passeio durante 1 hora, 28 minutos, 14 segundos. Jubilo povo aumenta.

V

Bussaco... d'agosto. Desmente-se noticia Anjo prohibir *touristes* petisqueira saborosos peixes ria

d'Aveiro secular floresta. N'este momento secular floresta saborosos peixes estão sendo comidos *touristes* com aprovação d'Anjo. Preciosos Penhores pequeno passeio meia hora e 16 1/2 segundos. Jubilo povo toca raias.

VI

Bussaco... d'agosto. Sua majestade Anjo e suas altezas Preciosos Penhores acabam de partir Porto, comboio expresso. Anjo e Preciosos Penhores não mais a secular floresta. Raias ultrapassadas por jubilo povo.

VII

Vidago... d'agosto. Sua Majestade Excelso Soberano, acompanhado duas philarmonicas e quarenta maiores contribuintes montados quarenta maiores eguas, chegou sem novidade real saude. Indescriptivel jubilo povo.

VIII

Vidago... d'agosto. Excelso Soberano foi tomar aguas 10 horas. Voltou tomar aguas 4 horas. Jantou 6 horas. Centenares de pessoas presencaram acto Excelso Soberano tomar aguas. Grande ardor

geral pelas instituições monarchicas e pela dynastia. Jubilo povo tende a augmentar, se possivel fôr.

IX

Vidago... d'agosto. Excelso Soberano encontrou real passagem dois rapazes de joelhos. Excelso Soberano afagou. Lagrimas punhos faces pessoas viram Excelso afagar rapazes joelhos. Jubilo povo toca zenith.

X

Vidago... d'agosto. Excelso Soberano partiu tarde acompanhado philarmonicas, contribuintes e maiores eguas. Estes logares, ausencia Excelso Soberano e real sequito, convertidos triste ermo. Jubilo povo impossivel descrever palavras humanas.

XI

Porto... d'agosto. Hoje, fim da tarde, entrada triumphal n'este Baluarte liberdade de sua majestade Anjo da Caridade acompanhada de suas altezas Louras Creanças. Jubilo povo de Baluarte e concelhos adjacentes delirante.

XII

Porto... d'agosto. Presidente camara municipal disse a Anjo da Caridade que Baluarte se gloriava ter Anjo no seio. Jubilo povo frenetico.

XIII

Porto... d'agosto. Louras Creanças passear Palacio Crystal. Anjo não passear Palacio Crystal. Jubilo povo febril.

XIV

Porto... d'agosto. Anjo e Louras Creanças fôram photographar-se ao atelier Fritz. Duas innocentes meninas entregaram ramos de flôres a Anjo da Caridade. Anjo afagou. Circumstantes lagrimas em fio pelas faces. Anjo e Louras Creanças retrataram-se em cinco posições differentes, que são todas as posições de que é susceptivel o corpo humano, a saber: em pé, sentados, ajoelhados, acocorados e deitados. Jubilo povo vertiginoso.

XV

Porto... d'agosto. A este Baluarte liberdades patrias acaba chegar augusto Neto heroico Pedro IV. Presidente camara municipal disse Baluarte se gloriava ter neto heroico Pedro no seio. Colxas dos defensores Baluarte ás janellas. Jubilo povo epileptico.

XVI

Porto... d'agosto (urgente). Rapazes achados Vidago por Neto heroico Pedro IV entraram Baluarte liberdade em exposição triumphal. Rapazes precediam coche real de joelhos em carruagem descoberta. Jubilo povo, vendo rapazes exposição joelhos carruagem descoberta, inultrapassavel.

XVII

Porto... d'agosto. Neto heroico Pedro IV, Anjo Caridade e Louras Creanças regressam hoje comboio expresso a Lisboa. Governador civil, bispo, senhoras, beijar mão Neto. Anjo, Louras Creanças. Derradeiro adeus estação. Baluarte liberdade sem

Louras Creanças, Anjo e Neto, medonho ermo. Jubilo povo intraduzível linguagem humana.

NOTAS

AOS ANNAES DA VIAGEM DE SUAS MAJESTADES E ALTEZAS

A

Desmente-se noticia Anjo prohibir touristes petisqueira, etc. Informações subsequentes, ministradas aos jornaes pelo *Banhista de Luso*, explicam a materia do capitulo que principia pelas palavras acima reproduzidas.

Os *touristes* a quem foi denegada licença para celebrar um *pic-nic* dentro da floresta do Bussaco, requereram respeitosamente a sua majestade que se dignasse conferir-lhes a permissão de comerem os peixes que tinham pescado para o *pic-nic*, não já dentro, mas sim fora da matta.

Foi a este segundo requerimento, attendendo ás supplicas dos *touristes* e ao estado em que começavam a achar-se os peixes, que sua majestade se dignou deferir de um modo inteiramente amavel e munificente.

O precedente estabelecido pelos *touristes* do Bussaco deixa-nos porém immersos na mais acerba in-

certeza ácerca dos pontos da superficie solida do reino em que nos é licito comer peixe sem invadir as residencias de suas majestades.

Porque, desde o momento em que não só as grandes serras mas também as bacias dos valles adjacentes se consideram, pela jurisprudencia invocada no Bussaco, como dependencias dos aposentos da real familia, ficamos perplexos sobre se o safio que pescámos esta manhã no logar do Bico, na praia da Cruz Quebrada, o poderemos comer em nossa casa sem por este facto invadirmos, posto que inconscientemente, a sala de jantar dos nossos reis. E pedimos ardentemente para sermos esclarecidos sobre a solução do seguinte problema :

Dado um safio pescado á linha na ponta do Biço na praia da Cruz Quebrada, dependencia geologica do Paço de Queluz pelo valle da ribeira do Jamor, e do Paço da Ajuda pelas quebradas e pelas vertentes da serra de Monsanto; achando-se por outro lado o safio ao lume dentro do seu respectivo tacho, entre duas camadas de cebola e tomate, com o competente fio d'azeite e o devido pimentão; tendo tido cinco minutos de fervura e havendo sido sacudido por duas vezes sem se destapar o tacho;

Pergunta-se :

Se podemos passar a comer o safio, collocados na dicta latitude da Cruz Quebrada, entre os reaes

paços de Queluz e da Ajuda, sem por esse acto faltarmos ao respeito devido á inviolabilidade das montanhas, dos valles e das ribeiras que suas majestades se dignaram eleger para residir.

Esperamos, com o safo ao lume e com o acatamento mais profundo pelas reaes ordens, que o sr. Barros e Cunha, encarregado juntamente com o sr. Alcobia de transformar as mattas do reino em aposentos de sua majestade, queira dizer-nos se o monte em que habitamos pertence ou não ao numero d'aquelles que s. ex.^a se acha mobilando para recreio de suas majestades em collaboração com o seu socio nas reformas do ministerio das obras publicas o sr. estofador Alcobia.

O melhor talvez — permittam-nos os srs. Barros e Alcobia suggerirmos esta idéa — seria, para não estafar muito o ministerio de suas excellencias com o despacho de repetidas petições do character da nossa, que suas excellencias assignalem com marcos geodesicos especiaes as regiões que vão ser forradas de papel para aposentos reaes, e que n'esses postes se especifique com os devidos lettreiros: *Aqui se pode comer o saboroso peixe*, ou *Aqui o saboroso peixe se não pode comer*.

E o paiz todo beijará reconhecido a mão energica dos srs. conselheiros da corôa Alcobia e Barros e Cunha.

B

Rapazes achados Vidago por Neto heroico Pedro IV entraram Baluarte liberdade em exposição triumphal. Correspondencias minuciosas explicam detidamente o episodio narrado n'este capitulo.

El-rei encontrava todos os dias, em determinado ponto dos seus passeios, dois rapazes que se ajoelhavam por occasião da passagem de sua majestade. El-rei commovido com a precocidade de uma bajulação tão vigorosa, manifestada em annos tão verdes, indagou se uma tal affirmacão de subserviencia procedia de preleções prévias dadas por algum aulico, ou se representava um movimento instinctivo no character dos dois adolescentes. Descobriu-se que os meninos ajoelhavam por effeito da mais pura pusillanimidade organica. Sua majestade resolveu, em vista de tão honrosas informacões, levar consigo os dois esperançosos jovens, e encarregar-se da sua educação. Fôram esses dois rapazes os que entraram em triumpho na cidade do Porto, indo em carruagem descoberta e percorrendo as ruas adiante da carruagem de sua majestade. Não sabemos se durante todo o percurso do cortejo os rapazes se conservaram, como deviam, sempre de joelhos. O que é certo é que o quadro a que nos referimos commoveu muito as pessoas que o pre-

sencearam, segundo asseveram todas as noticias do Porto e de Vidago.

Folgamos de poder completar as informações collidas por el-rei ácerca dos seus pupillos com o fructo das nossas proprias indagações, porque é de saber que os rapazes de joelhos apparecem a todos aquelles que viajam nas estradas do Minho e de Traz-os-Montes. O que escreve estas linhas por mais de uma vez se encontrou com o commovente quadro, não deixando nunca de o saudar com um expressivo meneio do seu bordão, perante o qual os rapazes de joelhos se punham em pé com uma velocidade cheia de convicção e de enthusiasmo. E nós, então, diziamos-lhe com a mais pesada voz :

— Ah! poltrões! Ah! cobardes! Ah! sapos! Que se torno a encontrar algum de joelhos deante de mim, applico-lhe uma carga de pau, que lhe ponho o lombo mais negro que o de um melro! Têm o atrevimento de pedir esmola, seus sicarios? . . E ainda por cima se me desculpam com o exemplo de Jesus Christo?! *Nosso Senhor tambem pediu!!* . . . Em que eschola aprendeste tu a cartilha, meu grande camêlo? . . . O que tu merecias é que eu te mettesse uma zaragatoa de pimenta n'essa bôcca para te ensinar a blasphemar! Jesus pediu esmola, mas não foi para que tu a pedisses tambem, grande

vadio! Jesus pediu esmola para te honrar com a sua confraternidade, para te mostrar que apesar de teres lendeas, de trazeres as orelhas sujas e de andares descalço, tens, pelo facto de ser homem, uma origem divina, e que te debes respeitar a ti proprio tanto como se fôsses um imperador ou um rei. Para te tornares digno do grande obsequio que te fez Jesus andando pelo mundo a prégar a egualdade e a fraternidade de todos os homens, feitos, segundo o mesmo Jesus, á imagem e semelhança de Deus, a tua obrigação é lavar a cara e as orelhas, conquistar pelo trabalho uns sapatos para esses pés e trazer-me essa cabeça levantada e firme como quem tem a convicção de ser tanto como qualquer outro. Foi para isso que te ensinaram que Deus andou pelo mundo a pedir, percebeste, grande mariola? Deus pediu para se parecer contigo, dando-te por esse modo a aspiração de te pareceres egualmente com elle fazendo te uma pessoa limpa e honesta. Deus consentiu em pedir pela mesma razão que consentiu em ser crucificado, não para dar o exemplo da mendicidade e do homicidio, mas sim ao contrario para que a sociedade se reconstituisse no sentido de não tornar a haver quem enforcasse nem quem pedisse. O pão nosso de cada dia ganha-se com essas duas pernas que Deus te deu para trabalhares e não para te pôres de joelhos nos cami-

nhos a pedir esmola a quem passa. Jesus nunca se ajoelhou senão debaixo do trabalho representado pela sua cruz, ou perante o amor representado por sua mãe. De joelhos perante a minha fôrça ou perante o meu dinheiro tu és indigno da tua jerarchia de homem, e não passas de uma besta sordida e immunda.

Depois de práticas da natureza d'esta, que nunca deixamos de fazer aos rapazes que nos appareceram ajoelhados pelos caminhos, e as quaes práticas sempre acompanhamos de temerosos gestos mostrando o punho cerrado e os bicos dos nossos sapattorros — de tres solas repregados de terriveis tachas vingadoras, de duas azas, do tamanho de moscardos — concluiamos por uma eloquente peroração perguntando aos rapazes onde era a eschola.

Temos a honra de informar sua majestade el-rei que os rapazes que apparecem de joelhos pelas estradas não sabem nunca onde fica a eschola. Os paes não os ensinam a lêr. Creados na abjecção da mendicidade, habituados a fingir, a choramingar, a carpir, costumados desde pequenos a serem maltratados, repellidos, injuriados, tornam se homens servís, rasteiros, malevolos, vingativos, mandriões e cobardes.

São elles os que em maior numero contribuem para o consumo das facas de ponta, para o exer-

cicio das policias correccionaes, para o repovoamento successivo das cadeias e dos hospitaes.

Sua majestade esqueceu que, em quanto esses rebentos da preguiça, esses embryões do vicio e da miseria se ajoelhavam a seus pés, outros pequenos cidadãos uteis estavam na eschola ou nos casaes circumvizinhos, uns apprendendo a lêr, outros ajudando as suas mães a metter o pão ao fôrno, a deitar o feno ás vaccas, a acarretar a lenha, a enfeichar as medas ou a debulhar o milho.

Sua majestade, agasalhando os vadios e expondo-os em triumpho aos olhos dos laboriosos, deu um exemplo que influirá nos costumes e a que podemos chamar:— o premio Monthyon da malandrice.

Setembro 1877.

XXVI

Quanto á poesia:

Um factio curioso — A rapida e extraordinaria vulgarisação que acharam nos poetas portuguezes os processos litterarios e os ideaes artisticos de Charles Baudelaire!

Averigua-se que o realismo baudelaireano está fazendo mais numerosas e mais lamentáveis victimas do que o velho romantismo de Byron, de Lamartine e de Musset.

Baudelaire, imitador do estylo humoristico americano de Edgar Poe, é um mundano, um dandy, um corrupto. Tem os defeitos e as virtudes inherentes á sua violenta personalidade. Conhece todas as elegancias, todos os vicios, todos os desejos, todos os appetites, todas as perversões nervosas, todas as ulceras, todas as febres, todas as podridões modernas. Sabe os segredos do *chic*, os preceitos da moda, os effeitos da prostituição e do alcoolismo, e os ultimos requintes da sensualidade e da devassidão.

A sua musa foi creada irritantemente com tubaras e com vinho de Champagne, entre o lupanar, o *tripot* e o *water closet* do boulevard. Pinta os cabellos, os beiços, as faces, e põe signaes. Dá ao cabello o aspecto de uma meada de linho côm de manteiga, ao rosto a imagem da superficie de uma taça de leite em que cahissem duas môscas, á bôcca a semelhança de uma cicatriz. Tem tosse, meias de seda e um *coupé* de quando em quando. Deita nodoas de *foie gras* nas suas rendas de Malines. Conhece igualmente as fôfas alcatifas de Gobelins e os duros bancos da policia correccional. Joga e

embebida-se. Tem umas vezes uma paixão e outras uma doença galante. Olympica e latrinaria. Ama e furta. Tem a grande paixão e o grande vicio. É uma deusa, e é ao mesmo tempo uma ladra.

Baudelaire desculpou-se de a amar escrevendo aquelle verso:

Les charmes de l'horreur n'enivrent que les forts !

Ao qual foi feita esta parodia :

Les charmes du fumier n'enivrent que les porcs !

Baudelaire tem no emtanto o grande merito de haver creado a lingua da decadencia litteraria do segundo imperio, de ter fixado na linguagem as phosphorescencias do charco, as scintillações do estylo negro. Ha estados moraes e estados pathologicos na vida do homem moderno, os quaes antes de Edgar Poe nos Estados Unidos, de Henrique Heine na Allemanha, e de Carlos Baudelaire em França, estavam ineditos na litteratura d'estes tres paizes. Heine e Poe fizeram a lingua da tísica, da dispepsia, da nevrose e do *delirium tremens*. Baudelaire creou o idioma syphilitico do crevetismo.

Em Portugal ha honestos empregados publicos, probos negociantes, pacificos chefes de familia, dis

cretos bebedores de chá com leite e do palhete Colares destemperado com agua do Arsenal, que deliberaram seguir o genero de Baudelaire.

Como porém Baudelaire era corrupto e elles não são corruptos, como Baudelaire era um dandy e elles não são dandys, como Baudelaire viveu no boulevard dos Italianos e elles vivem na rua dos Bacalhoeiros, como Baudelaire conhecia a moda, a elegancia, o *sport* e o *demi-monde*, ao passo que elles apenas conhecem as popelines, as carcassás de bobinet e as cuias do sr. Marcos Maria Fernandes, costureiro na travessa de Santa Justa, o resultado é lançarem na circulação uma falsa poesia, que nem é do meio em que nasceu nem para o meio a que se destina, e que nos faz lembrar com veneração e com saudade dos versos do sr. Eduardo Vidal, apesar de sobre estes pesarem as escholas modernas como pesam as camadas geologicas em cima dos bichos antediluvianos.

No *Diario de Noticias* lêmos hoje alguns versos do genero baudelaireano, que merecem attenção por patentarem bem claramente a tendencia poetica da nova eschola portugueza.

O poeta chama-se o sr. Cesario Verde, o qual achou interessante communicar-nos, por meio do referido *Diario de Noticias*, um dos casos verda-

deiramente mais extraordinarios que podem assignalar a vida de um homem, a saber: ir um sujeito pela rua do Alecrim e passar uma carruagem com uma senhora dentro.

Vejamos os termos em que o poeta se exprime

I

Eil-a ! Como vae bella ! Os esplendores
Do lubrico Versailles do Rei-Sol
Augmenta-os com retoques seductores.
E como o refulgir d'um arrebol
Em sedas multicôres.

Deita-se com languor no azul celeste
Do seu *landau* forrado de setim ;
E os seus negros corceis que a espuma veste,
Sobem a trote a rua do Alecrim,
Velozes como a peste.

N'estas duas estrophes observamos que o poeta abusa um pouco dos adornos com que veste a sua dama, já envolvendo-a em sedas multicôres, o que é de um mau gôsto inadmissivel, já fazendo a portadora dos esplendores de Versailles, d'onde é licito deduzirmos que traria á cabeça o Trianon ou

que viria dentro da carruagem fazendo jogar as suas grandes aguas. Depois tem um landau forrado de setim «azul celeste», cousa que nunca ninguem teve e que a ninguem se permite. Os seus cavallos são pretos, e além d'isso vão *velozes como a peste* e cheios de espuma, o que se não soffre senão na parelha de uma tipoia da praça em uma tarde de toiros pela calçada de Carriche.

De sorte que d'estes versos salva-se unicamente uma cousa verdadeira e sensata, que é a rua do Alecrim.

II

É clara como os *pós á marechala*,
E as mãos, que o *Jock Club* embalsamou,
Entre as pelles de tigres as regala;
De tigres que por ella apunhalou,
Um amante, em Bengala.

Aqui reprehende-se em primeiro logar a comparação da alvura com os *pós á marechala*, os quaes podem ser pardos, louros, encarnados, ou castanhos; em segundo logar a escolha do balsamo *Jock*, que temos por suspeito; e por ultimo o mau gosto do amante que em vez de lhe dar um *manchon* de marta zibelina ou de raposa azul, lhe deu uma pelle

de tigre, que não serve senão para capachos, obrigando a altiva bella a *regalar* as mãos na mesma cousa em que a gente embrulha os pés.

III

E eu vou acompanhando-a, corcovado,
No *trottoir*, como um doido, em convulsões,
Febil, de collarinho amarrotado,
Desejando o logar dos seus truões,
sinistro e maltrajado.

N'esta parte um conselho: Quando um poeta é de natureza tal que ao passar por senhoras de caruagem se vê obrigado, pelo seu temperamento, pela sua veia poetica ou pelos seus principios politicos, a corcovar, a endoidecer, a ter convulsões e febre e a amarrotar os collarinhos, esse poeta é perigoso na rua do Alecrim, e deverá ir, «sinistro e mal trajado», desejar o logar dos truões e amarrotar a roupa branca para a Circumvallação.

IV

E daria, contente e voluntario,
A minha independencia e o meu porvir,
Para ser, eu poeta solitario,
Para ser, ó princeza, sem sorrir,
Teu pobre trintan irio.

E eis aqui está, finalmente, a que uma fingida perversão leva um homem, talvez perfeitamente digno e brioso: a affirmar de si mesmo, como a fina flôr predilecta do ideal, que quer ser lacaio!

Fazemos á dignidade d'este joven poeta a justiça de acreditar que quebraria a sua bengala nas costas de quem lhe attribuisse, em prosa, as maneiras, a *toilette*, os pensamentos e os instinctos de que elle se gloria em verso.

Tal é a deploravel influencia do crevetismo na poesia moderna representada na obra de um dos seus cultores, o sr. Cesareo Verde, ao qual sinceramente desejamos que estas modestas observações contribuam para que continue a illustrar o seu nome, tornando-se cada vez menos Verde e mais Cesareo!

XXVII

Quanto á musica :

Inauguração dos concertos classicos no salão do theatro de D. Maria.

Era uma bella idéa elevada e util. A musica é uma sensação, e é tambem um sentimento. Educa o espirito e tempera poderosamente o character por méio da sua grande influencia no systema nervoso. A musica italiana de Bellini e Donizetti relaxa e enerva tanto como a ociosidade, como os espectaculos lubricos, como as leituras sensuaes. Da acção da musica nas origens da melancholia e do tédio far-se-hia um livro subsidiario da historia da sentimentalidade moderna, aberração nevrálgica, a qual produz na esphera do trabalho o desgosto e o desleixo, na comprehensão da responsabilidade a apathia, nas secretas curiosidades do espirito a anomalia e a perversão, nos dominios do sentimento as phantasias dramaticas, os appetites violentos, as fascinações do perigo, a visão do adulterio.

Na musica a palavra *classico* não significa como na litteratura o apogeu da forma, a irreprehensivel correcção consagrada, em que ordinariamente se não enroupa senão a esterilidade do engenho e a indigencia das faculdades creadoras.

Na historia da musica ser *classico* é pertencer ao grande periodo genesetico da arte, fazer parte do grupo famoso dos creadores, cujo derradeiro representante desapareceu com a morte de Rossini. Depois d'isso a arte musical não tem feito mais do que remanejar com mais ou menos sagacidade e erudição a obra de Beethoven, de Weber, de Haydn, de Cimarosa, de Mozart.

Era portanto um alto serviço feito á arte, á sua missão e aos seus fins, chamar a attenção e o gôsto do publico, corrompido na admiração do falso, do erudito, do mediocre, para a fresca inspiração primitiva, dôce, simples, innocente e forte.

Para a effectuação dos concertos *classicos* ha porém uma condição essencial: é a existencia dos concertistas. Requer-se, primeiro, a interpretação perfeita do espirito da composição em todos os seus pormenores, em todas as suas minudentes intenções mais delicadas e mais subtis, verdadeiros artistas, em cuja intelligencia vibrem profundamente todas as susceptibilidades da paixão e do ideal.

Depois, um desempenho exemplar, perfeitamente igual, unanime, concorde e compacto em todas as delicadezas da expressão. Por ultimo, magnificos instrumentos, e irreprehensivel eschola na maneira de os manejar. É preciso que nas rabecas e nos violoncellos o largo jôgo dos arcos exprima o bello canto com o desenvolvimento vigoroso dos grandes mestres; que os dedos que ferem os teclados façam suspirar dos orgãos as notas vivas, impregnadas do fremito do talento, elegiacas, religiosas e solemnes. De maneira que o conjuncto da instrumentação não possa deixar de produzir nos ouvintes a sensação do reconhecimento que ella infunde na Allemanha, onde a interpretação dos trechos classicos é de tal modo genial que um simples côro entoado por alguns estudantes á mesa de uma cervejaria obriga a impallidecer os homens e a chorar as mulheres que o escutam.

A difficuldade de achar instrumentistas idoneos para o desempenho das symphonias classicas é tal que em Paris, onde no século passado se reuniram os mais afamados concertistas para a celebração das grandes solemnidades musicaes conhecidas pelo nome de *concerts spirituels*, Mozart não pôde fazer desempenhar com a devida perfeição uma das suas symphonias, segundo se vê em uma carta d'elle a seu pae, na qual o maestro accrescenta que fôra

depois do concerto tomar um gelado ao Palais Royal, e d'ahi entrara em casa para rezar um rosario, que tinha promettido pelo successo da sua composição.

Nos concertos inaugurados no theatro de D. Maria não crêmos que nenhum dos artistas precisasse, ao sáhir, de acalmar com um gelado os nervos sobreexcitados, nem que a responsabilidade do talento os houvesse levado a pedirem para a sua obra a protecção de Deus. Aquelles senhores, cujo talento nos não propomos discutir mas aos quaes pedimos licença para dizer que falta uma cousa indispensavel, que é o som dos seus instrumentos, contentaram-se em pedir apenas para as suas pessoas a protecção do publico. Ora para o exito d'estes concertos seria preciso que o publico levasse a sua protecção aos concertistas até o ponto de ir tocar no logar d'elles. Crêmos que é contar de mais com o publico esperar que chegue a esse ponto a sua dedicação ás artes.

Março 1874.

XXVIII

Algumas cousas insignificantes, que encerram symptomas significativos. É atraz das pequenas aberrações que se escondem quasi sempre as grandes leis secretas dos phenomenos.

No Instituto de França deu entrada como socio correspondente o sr. Possidonio. A França manda Raspail para a cadeia, e mette Possidonio no Instituto. É uma compensação. Se ámanhã lhes faltar o marechal Mac-Mahon veem buscar-nos o sr. barão do Zezere; e verão que se prenderem um dia Victor Hugo, são capazes de nos levarem o nosso sr. Melicio para a Academia Franceza!

Mas nós é que não podemos continuar assim a fornecer o estrangeiro de varões illustres. A gente não pode estar a olhar pelos seus grandes homens, a fazer sacrificios para os ter decentes; a engommal-os, a barbeal-os, a chumbar-lhes os dentes e a dar-lhes pilulas depurativas, para um bello dia os ver-

mos ir por essa barra fora a levar-nos a gloria para os paizes indoutos!

Não sabemos que providencias está deliberado a tomar sobre este ponto o governo portuguez.

A nossa opinião é que se a França quer Possidonios, que os pague. O paiz não pode estar para aqui a dar os seus Possidonios de graça.

A nosso vêr o que o governo deveria fazer era pegar do sr. Possidonio, metter-lhe debaixo do braço um sacco com as suas piugas e um pente, collocal-o n'uma gaiola com comedouro para um anno, e mandal-o levar pelo sr. Eduardo Soveral a todas as côrtes do mundo que precisem de sabios para os seus institutos, com ordem de o vender a quem mais dêsse por elle.

O sr. Possidonio não é para se deixar ir assim á gagosa. O sr. Possidonio custou muito a arranjar, e está como novo. O paiz que adquirir o sr. Possidonio levará um sabio, pode-se dizer em folha, com bôas informações, e habilitado com longa prática de paiz pequeno.

Ventila-se nas regiões da arte esta importante questão: O que deve o governo fazer da sr.^a Emilia das Neves? A critica teve repentinamente esta idéa: é preciso que o governo faça alguma cousa da sr.^a Emilia das Neves.

N'este mez todos os folhetins, todas as revistas de theatro — várias d'ellas expressamente creadas para resolver este ponto — perguntam de todos os lados:

Que se ha de fazer da sr.^a Emilia das Neves ?

A sr. Emilia das Neves é uma actriz que foi bella. Tinha a estatura elegante, o rosto de um lindo oval, os olhos magnificos, a bôcca severamente fendida como a de uma estatua, lindissimos dentes, e a mais dôce voz, a mais expressiva, a mais inergica, a mais insinuante, a mais extensa, que se pode escutar. N'esse admiravel instrumento modulava a sr.^a Emilia das Neves as entonações mais tocantes, mais commoventes, mais profundas. Foram as inflexões da sua voz, junta aos attractivos do seu physico juvenil, que produziram a admiração e o enthusiasmo de nossos paes pela *linda Emilia*.

Como actriz, a sr.^a Emilia das Neves é a cousa mais imperfeita, mais extraordinariamente incorrecta, mais profundamente absurda que se conhece.

A sua organização anti artistica tem sido constantemente rebelde aos mais elementares rudimentos da declamação.

Nunca, apesar da sua longa prática da scena pôde aprender a dividir um periodo, e a dar ao sentido de cada phrase a inflexão que lhe corresponde.

O seu processo é todo de acaso. Imaginem, por exemplo, dois sacco. Dentro de um sacco estão as palavras de Margarida Gautier, de Medêa ou de Joanna a Doida; dentro do outro estão as inflexões da sr.^a Emilia das Neves: chocalhem-se os sacco como se estivessem dentro as bolas de um lôto; tire-se de um sacco a phrase e do outro sacco a inflexão, metta-se a phrase do acaso dentro da inflexão da sorte, e têm o desempenho de um papel, tal como o comprehende a eximia actriz! Ouve-se por exemplo, um grito estridente, lancinante, profundo, que nos entalha no coração como um golpe de espada. Vae se vêr o que é. E' uma *cocotte* que agradece um copo de agua com assucar. Outra vez surprehende-nos uma nota fresca, risonha, graciosa, matinal como uma perola de orvalho que cae no calix d'uma açucena. Que é? E' o grito da suprema raiva de uma mulher a quem apunhalaram o filho.

Oh! nada como a sr.^a Emilia das Neves tão fina e graciosamente comico... sobre o cadaver de um filho! Nada tão dilacerantemente elegiaco... sobre um copo de agua com assucar!

Outubro 1871.

XXIX

Votou-se no parlamento o código de justiça militar.

Segundo a nova legislação, que mantém o fusilamento nos crimes do exercito, é punida com a morte toda a offensa corporal commettida na pessoa *de um superior*.

As offensas perpetradas sobre os inferiores ficam impunes por esta lei.

D'este modo o código estabelece na jerarchia militar uma nova gradação de postos, a qual pode ser rigorosamente medida pelo numero dos pontapés que cada um está ou não exempto de receber.

Nos regimentos, por exemplo, o posto de tenente-coronel significa: Superficie para um pontapé, — o pontapé do coronel. Major: duas divisas e dois pontapés, o do tenente coronel e o do coronel. Capitão: tres pontapés, — o do coronel, o do tenente-coronel, o do major e o do capitão. Alferes:

cinco pontapés, o do coronel, o do tenente-coronel, o do major, o do capitão e o do tenente.

Segue-se o primeiro sargento, que recebe seis pontapés da officialidade, e passa sete ao segundo sargento, o qual passa oito ao cabo, e assim por diante, até chegar ao soldado raso, que leva tantos pontapés quantas são as divisas disseminadas d'elle para cima ao longo do regimento.

Ora como o refrigerio mais dôce de quem leva um pontapé é dar dois, e como nada impede que o tenente-coronel ao receber um pontapé do coronel passe tres ao major, que alonge seis ao capitão, que transmita doze ao tenente, etc. a equanimidade é completa para toda a classe militar, excepto para o soldado, o qual recolhe consideravelmente multiplicada a dose dos pontapés que a successão gradativa dos postos superiores lhe garante por lei.

Compreende-se que o soldado, recipiendario da agglomeração d'estes mimos, experimente de quando em quando uma certa agitação nervosa, um formigueiro nas pernas, e a necessidade instinctiva de as mover com alguma violencia, quer seja para o fim de bater com os calcanhares em si mesmo, desertando; quer seja para fazer refluir até o augusto fundo das costas do Generalissimo o pontapé cir-

culatorio que dos bicos das botas do Generalissimo baixou, successivamente multiplicado por todos os postos militares, até o fundo das costas d'elle.

O codigo então pega paternalmente no soldado nervoso, volta-lhe para um muro a parte do corpo que elle apresenta contundida pela ordem das cou-sas, e desfecha-lhe no peito a descarga de um pi-quete. Ora chucha, que é para te não tornar a doer o fundo das costas! As costas do soldado portu-guez, para os effeitos penaes da lei militar, não têm fundo! O bigorriha acho que já cuidava que tinha costas com fundo, como os marechaes obesos!

A soldadesca sempre é muito desenfreada e muito bruta!

A pena de morte é definitivamente indispensavel para pôr um freio ao soldado.

Succede porém o seguinte :

Toda a organização social consta de fôrças esta-ticas e indissolueis, e de elementos transitorios e substituveis. Entre as fôrças estaticas figuram a na-cionalidade, a familia, a religião, etc. Entre os ele-mentos transitorios figuram a salsa parrilha de Bristol, o exercito, as obreias, etc.

Que faz a lei para regular as relações do homem com os elementos constitutivos da sociedade?

Derroga a pena ultima em todos os attentados

contra o que é indissolúvel e sagrado, e mantem-na nas infracções do que é perecível e transitorio!

O que macula um trapo de certa côr, que se convenciou chamar uma bandeira, morre espingardeado. O que deshonra a familia, que é a substancia vital da humanidade, fica impune.

Pode cada um espancar livremente sua mãe ou vender a honra de sua mulher. O que não pode é levantar olhos irreverentes para o seu capitão.

Não, ó lei, tu não és a filha inviolavel da immortal justiça! Tu és, quando muito, a simples filha da senhora Angot.

Vae! segue o teu destino, ó lei! ó farça! ó pulha! Intentas matar, mas conseguirás apenas fazer rir. O teu futuro não é ser obedecida; é ser assobiada.

No emtanto o soldado Antonio Coelho, no fundo da sua masmorra, espera. Espera o que? que o matem? que o soltem? Não. Elle espera simplesmente que o julguem.

E eis ahí uma cousa nova, de que não tratam os codigos: O fusilamento substituido pela execução lenta sem condemnação e sem processo.

Que se mande matar por sentença comprehende-se; mas que se deixe morrer, por calculo ou por desleixo, custa um pouco mais a admitir, com

quanto tambem acabe por se perceber. A imprensa tinha ácêrca d'este caso duas opiniões: primeira — fusilar; segunda — não fuzilar. A justiça é da segunda d'estas opiniões — e mais da primeira.

Janeiro 1875.

XXX

O sr. Antonio Ennes escreveu um drama intitulado *Os Lazaristas*, que a companhia do Gymnasio tem representado de terra em terra, em todos os theatros do paiz, debaixo dos applausos mais convictos, mais clamorosos e mais unanimes. Este exito extraordinario, de que não ha exemplo na litteratura dramatica portugueza, prova da maneira mais evidente que as opiniões expostas n'esta peça são em Portugal as opiniões de todo o mundo. A critica todavia chama-lhe um drama de revolução e de combate. Resta saber com quem é que combatemos e onde é que está o inimigo, como pergunta na *Grã Duqueza* o general Boum.

O inimigo dizem que é a *hydra da reacção*.

Tem-se corrido tudo pela hydra para a esmagar debaixo d'esta peça. A hydra não se deixa vêr. A peça não recebe senão palmas e elogios.

Constou que a hydra estava em Braga, na rua das Conegas, a preparar os festejos do anniversario do advento de Pio IX ao solo pontificio. Foi-se lá com a peça, armada como uma ratoeira, para apanhar a hydra.

— A Braga! a Braga! — gritavam todos os periodicos liberaes, apopleticos de zêlo bellicoso. — É em Braga que está a hydra! Ainda hontem foi vista á hora de vespêras rabeando pela sacristia da Sé: dizem que é immensa; não come senão hostias e não bebe senão agua benta; mostraram-lhe uma photographia do sr. Ennes, e ella arreganhou raivosamente os dentes. Tornaram a vê-la esta manhã colleando-se pelo dormitorio do seminario episcopal: fumegava incenso pelas ventas; o seu aspecto era medonho; mostraram-lhe uma photographia do sr. Polla e ella eriçou despeitadamente a cauda.

A companhia do Gymnasio foi pé ante pé, e chegou de repente com a peça. Estava tudo a postos. Accendeu-se á pressa o lustre, abriram-se as portas: tocou uma campainha, e zás, traz, foi representado o drama. Freneticos applausos! innumeraveis chamadas! uivos de alegria e de enthusiasmo! ovação geral!

Mas então a hydra?! Onde demonio, senhores, se metteu a hydra?! Convida-se a hydra a apparecer! Offerece-se-lhe um camarote de primeira ordem, um chá, um meio bife, uma missa cantada, um jubileu, um sermão de Antonio Ayres. Dão-se alviçaras a quem achar a hydra! a quem a trazer viva ou morta á presença dos adjectivos revolucionarios de Ennes e dos gestos subversivos de Polla! Signaes: ella é negra, ella é monstruosa, ella é reaccionaria, ella dá pelo nome de Hydra!

Inuteis pesquisas! baldados esforços! a hydra não appareceu.

Mas esta circumstancia de modo algum deslustra a fama e a gloria tanto do poeta Ennes como do actor Polla. Ambos elles fôram immensos de heroismo n'essa lucta titanica com a reacção.

A hydra não se encontrou: que importa? Polla calcou-a aos pés, em brados temerosos, exactamente como se a tivessem encontrado! O inimigo não appareceu: que importa? Ennes cruzou os braços no peito, modesto, simples, sublime, pallido de commoção e de enthusiasmo, e encarou altivo o logar em que o inimigo estaria, se apparecesse. E Ennes tinha um sorriso frio, impavido, de um desdem infinito!

A penna do sr. Ennes, bem como a espada do

sr. Fontes, figurarão pois na historia cobertas de «locaes» e de virente louro, junto da narração das maiores façanhas que n'este seculo se praticaram, já na imprensa, já nos campos de batalha, no meio dos mais sangrentos e horriveis combates... simu lados.

Uma palavra — se nol-o permittem — ácêrca do entrecho do drama famoso a que nos referimos :

Um velho militar chega do ultramar a Lisboa, onde deixou durante alguns annos duas filhas. Uma tem vinte e cinco a trinta annos, foi educada no seio da sociedade de Lisboa, onde vive, e é viuva. A outra tem de quinze a dezoito annos, foi educada no collegio das Irmãs de Caridade, é *filha de Maria*.

Além d'estas ha tres personagens importantes : o padre Bergeret, preceptor da *filha de Maria*; Alberto, amante da viuva; e Carlos, representante da idéa liberal.

A *filha de Maria*, a despeito de todos os juizos adversos que d'ella se fazem no drama, é uma rapariga honesta, catholica, tendo uma comprehensão do dever, uma educação do character, um destino, uma linha de proceder, grave e severamente marcada na vida. Como catholica é papista; como papista considera herejes perdidos para a salvação eterna.

aquelles que combatem os poderes supremos do representante de Christo na terra. Como o velho militar figurára em tempos entre os inimigos da Curia, a *filha de Maria*, aconselhada pelo padre Bergeret, induz seu pae moribundo a assignar a retractação dos seus passados erros como fiel catholico apostolico romano.

A viuva, que não tem religião nem idéas nem principios moraes, auxilia a contricção do pae com o fim de angariar a estima de Bergeret e de levar a irmã a professar, deixando-lhe a ella e ao seu amante a legitima pertencente á *filha de Maria*.

O representante das idéas liberaes combate a marcha d'estes acontecimentos com phrases declamatorias, que arrebatam os coroneis reformados, os antigos bravos do Mindello, os ex-voluntarios da Rainha, e em geral todas as pessoas que embirram systematicamente *com esta canalha de padres*.

O drama desfecha morrendo o militar, entrando a *filha de Maria* no instituto das Irmãs da Caridade, continuando a viuva a manter relações escandalosas com o amante, e rasgando Alberto na cara do padre Bergeret a retractação do velho, a qual o representante da liberdade empalma, com geral delirio de applausos, ao representante da religião.

Resumo dos caracteres :

Na religião : 1.º uma rapariga que toma a serio

a vida, o dever, o sacrificio, e que prefere viver pobre, curando os enfermos, assistindo aos moribundos, ensinando as creanças, acompanhando as expedições militares e as missões evangelicas aos paizes barbaros, a viver em Lisboa com sua irmã, que é a concubina de um estroina devasso e pelintra. 2.º um padre que não vae aos cafés nem aos clubs nem aos theatros, que não joga, que não toma remedios secretos, nem faz eleições, que se considera devotado á gloria do instituto a que pertence e que se consagra absolutamente á missão de que o encarregaram.

No partido liberal: 1.º um velho guerreiro, livre pensador, sem criterio scientifico, que no fim da vida se desdiz das suas opiniões liberaes por medo de ir para o inferno. 2.º uma senhora que diz a um homem: *Amo-te por simples curiosidade dos sentidos*. 3.º um joven que faz despesas á custa do dinheiro da sobredita senhora, sua amante. 4.º um declamador que furta um documento a um padre.

A verdadeira moralidade d'este drama, moralidade profunda, é que ha ainda um ponto pelo qual a Igreja domina victoriosamente a sociedade portugueza. Esse ponto fraco da nossa organização liberal é a educação da mulher. Qual é a instituição que o Estado pode pôr em frente do instituto das Irmãs

da Caridade? Nenhuma. Aos dezoito annos de idade a mulher portugueza que não encontra um marido e á qual falta o apoio de um pae ou de um irmão, não tem senão um d'estes destinos licitos: ser costureira, ser mestra de piano, ou ser actriz. N'estas condições preferir ser irmã da caridade é escolher uma posição — não mais elevada, porque o trabalho não tem categorias — porém mais ampla, com mais larga margem para o emprego da dedicação, do sacrificio, de todas as grandes qualidades affectuosas, instinctivas no coração da mulher. As irmãs da caridade, que os jornalistas e os oradores parlamentares portuguezes folgam demasiadamente em vituperar, não circumscrevem na exhibição pittoresca das suas toucas nas cidades civilisadas a esphera da sua actividade. Nas longinquas regiões da Africa e da India, no meio das sociedades mais barbaras e dos climas mais mortiferos, onde os rhetoricos mais expressivos não consentiriam por nenhum preço do mundo em ser pessoalmente os portadores da sua prosa, essas obscuras mulheres dedicadas á humanidade representam para os viajantes europeus tudo quanto elles têm de mais caro ao seu coração: a sua raça, a sua religião, a sua familia.

Um valoroso marinheiro portuguez, o commandante da canhoneira *Tête*, nosso prezado amigo, cahindo doente n'um hospital de Moçambique, viu

ahi, ao lado do seu leito, um soldado moribundo ser ainda em vivo amarrado para ir para a cova, com os pés juntos e os braços cruzados no peito, por um degradado fazendo no estabelecimento as vezes de enfermeiro! O mesmo official levado n'uma maca de bordo do seu navio para um outro hospital africano, recuperou os sentidos nos braços de duas carinhosas e dôces mulheres tão estremecidas e tão dedicadas por elle como se cada uma d'ellas fôsse a sua verdadeira mãe. E na cabeça d'essas mulheres, voluntariamente expatriadas na desolação da costa africana, reconheceu elle, ao entreabrir os olhos, as largas azas d'aquellas toucas brancas, symbolos reaccionarios apedrejados pela plebe da sua patria, — da sua patria que em Moçambique o entregava moribundo á discreção estúpida de um facinora condemnado a degredo!

Em Gabão um outro dos nossos antigos e queridos amigos, o bravo tenente Antonio de Sousa Canavarro, atacado de uma febre paludosa, é recolhido na casa das missões francezas, onde uma irmã da caridade, nobre e corajosa mulher, cujos cabellos tinham encanecido nos hospitaes de sangue e nas missões da China, o tratou com tão profundo carinho que d'ahi por diante esse marinheiro portuguez nunca mais deixou de pagar áquella mulher o mesmo tributo devido a sua mãe ou a sua irmã,

mandando-lhe de cada ponto a que chegava uma palavra da sua recordação e do seu reconhecimento. Na missão de Gabão, no meio de uma população nua, de habitos inteiramente selvagens, cem pretinhos estão vestidos, calçados, limpos, falando e escrevendo correctamente, aprendendo a grammatica, a geographia e a historia.

Em Macau, onde ha poucos annos era ainda proverbial a ignorancia das mulheres, todas as senhoras têm hoje uma instrucção elementar, falam correctamente o francez, e escrevem com grande nitidez calligraphica e grammatical. Estes resultados são principalmente devidos a uma eschola fundada n'aquella possessão pelas irmãs da caridade.

Uma das circumstancias que mais contribue para falsear o criterio por que são geralmente julgadas as irmãs da caridade é supporem alguns dos nossos philosophos que o orbe habitado principia na Porcalhota e termina na Cova da Piedade, e que as condições geraes da humanidade podem ser calculadas pelo que se passa entre Carriche ao extremo norte e o pontão de Cacilhas ao extremo su'.

Oh! não. Ha no vasto mundo regiões habitadas a que ainda não chegaram sobre a aza da civilisação nem os échos amenisadores da philarmonica *União e capricho* nem os periodos dulcificantes das

correspondencias de Melicio, a quem temos a honra de cumprimentar.

O sr. Ennes, porém, cujas intenções philosophicas e cujo trabalho litterario nós applaudimos cordialmente, está, como artista, no pleno direito de ter a esse respeito as opiniões mais oppostas áquellas que nós professamos.

O que não comprehendemos é que equal direito seja denegado por parte do ministerio da justiça ao sr. padre Pancada, ultimamente reprehendido porque n'um sermão proferiu tantas phrases desagrangeis para o imperador Guilherme e para o rei de Italia quantas as que o sr. Ennes empregou contra os lazaristas e contra o Papa.

Perante os juizes da critica e perante a acção dos governos liberaes um sermão é uma obra de arte exactamente como um folhetim. Homilias e epigrammas, sermões e artigos de fundo, ladainhas e charadas, têm absolutamente identicos direitos e identicas garantias, como outras tantas manifestações do pensamento.

A justiça distributiva, que dá ao sr. Ennes uma buzina e ao sr. Pancada uma rôlha, compromette, por via dos instrumentos que nos faculta, a harmonia das idéas e o equilibrio das opiniões.

Nas relações internacionaes reconhecer ás gran-

des potencias que podem bombardear Lisboa privilegios juridicos denegados a um pobre pontifice desarmado é estabelecer um direito de força fatal ás nações pequenas e fracas.

Concluindo, reconhecemos que o sr. Ennes poz evidentemente o dedo sobre uma das chagas sociaes. Sómente, em vez de achar a causa do mal, o sr. Ennes não encontrou senão um dos seus effeitos.

O padre Bergeret não é um factor, é um producto. Elle não apodrece as cousas em que toca; nasce innocentemente das cousas apodrecidas.

Ha uma gangrena terrivel, — a desorganisação completa da educação domestica, a profunda ignorancia da mulher.

É n'esta podridão, *a ignorancia feminina*, que se cria este bicho, *o dominio clerical*.

Se querem acabar com o mosqueiro, levantem o monturo.

XXXI

A côrte não tomou lucto por occasião da recente morte do duque de Loulé com o fundamento de que foi morgânico o casamento d'este fidalgo com sua alteza a senhora infanta D. Anna de Jesus Maria, tia de sua majestade el-rei.

Este facto lança uma inesperada confusão no espirito das leis que até hoje regulavam os casamentos portuguezes.

É esta, crêmos, a primeira vez que em Portugal se considera a qualidade morgânica de um consorcio, dando-se a essa palavra uma interpretação official que se nos afigura nova.

O casamento *ad morganicam*, tambem chamado *de mão esquerda*, contrahido modernamente por alguns principes allemães, toma este nome quando por escriptura prévia o marido restringe os direitos de seus futuros filhos aos seus titulos ou aos seus bens, adjudicando a posse d'estes a parentes collateraes ou a filhos de um anterior matrimonio,

ou quando se tem por fim, usando de uma faculdade prevista no código prussiano, denegar á mulher os direitos de familia e de jerarchia conferidos por lei á *esposa effectiva*.

De modo que, segundo a prática allemã, os effeitos do casamento morganatico referem-se aos direitos do filho ou da mulher, e nunca aos do marido.

Compreende-se effectivamente que os principes concedam a um principe a liberdade de contrahir alliança conjugal com uma mulher que não seja inteiramente, como diz o código prussiano, sua *esposa effectiva*. Seria porém absurdo que os mesmos principes preparassem ás princezas a falsa posição resultante da alliança com homens que não fôsem absolutamente *seus maridos effectivos*.

As mulheres com quem os principes vivem podem ser — concede-se-lhes — o que os principes quiserem. Mas os homens com quem as princezas se enlaçam que hão de permittir os principes que elles sejam senão os maridos mais authenticos e mais legitimos?

Temos immensa pena de não possuir para propinar aos principes uma droga que lhes dissolva o seu funesto horror aos casamentos de condição desigual.

Ha longos annos que este preconceito de casta

leva suas majestades e altezas, em geral, a casa-rem-se unicamente com outras altezas ou outras majestades. De sorte que, desde a fixação das monarchias até hoje, as casas reinantes acabaram por constituir uma familia e para assim dizer uma raça especial na humanidade.

Quasi todos os reis têm hoje approximadamente os mesmos typos physionomicos, de olhos azues, faces arredondadas e cabellos louros. O typo celtico, de rosto aquilino e agudo, de olhos negros, pelle morena, fronte alta e estreita, desapareceu de cima dos thronos. Os soberanos actuaes têm o mesmo sangue, falam a mesma lingua, embrulham nas suas purpuras as mesmas enfermidades hereditarias, e encerram dentro das suas corôas a mesma dimensão craneana e o mesmo volume cerebral.

Isto é uma calamidade physiologica e uma calamidade politica.

Politicamente succede que o soberano vem a ser o cidadão mais extranho á indole, ao character e ao temperamento nacional do paiz a que pertence. Não ha no Brazil typo menos brasileiro que o do imperador; não ha em Inglaterra typo menos inglez que o do principe de Galles; não ha em Portugal typo menos portuguez que o de sua majestade el-rei.

A primeira condição para occupar legitimamente um throno é não ter propriamente uma patria. Por-

que a patria não consiste unicamente na porção de solo e na porção de céu que os nossos olhos encontram ao abrirem-se pela primeira vez á luz. A patria é o ponto do globo onde existem os homens da nossa raça, do nosso sangue, os que têm as nossas necessidades de temperamento, os nossos principios de educação, as nossas idéas, os nossos costumes, as nossas tradições. A patria é a terra de que resultou para nós a familia, e que a familia por seu turno dominou com a influencia das suas leis.

Desde que se quebram as relações que unem a familia com o solo a patria deixa de existir.

É o que succede aos reis e aos principes de sangue: por via da quebra successiva dos elementos consanguineos da nacionalidade na linha da ascendencia materna, elles são os perpetuos expatriados.

Formam no mundo uma tribu errante de throno em throno, de principado em principado. A terra em que os seus ascendentes nasceram e em que hão de nascer os seus netos depende do acaso dos casamentos. Como não contraem allianças matrimoniaes fóra da sua tribu, essa tribu constitue uma raça. Ora o destino de todas as raças é serem modificadas pelos elementos que n'ellas immergem. Esses elementos ou as absorvem como nos Estados-Unidos ou são absorvidos por ellas como no Mexico e no Perú. Toda a raça que estaciona, degenera e

decae. O judeu e o arabe tendem a desaparecer.

Assim desaparecerão os reis e os principes, fatalmente, impreterivelmente, pelo simples effeito das inilludiveis leis biologicas.

A decadencia da raça soberana é já manifesta. De Carlos Magno, cuja ossada *gradia ossa*, conservada em Aix La Chapelle, mede sete vezes o tamanho do seu pé adoptado por medida, até Affonso XII, o pallido, o franzino, o anemico rei actual de Hispanha, que incommensuravel abysmo! Para reconhecer o *seu bom amigo e irmão*, filho de Isabel a catholica, o filho de Pepino o Breve teria de o pôr vestido de preto sobre uma folha de papel branco e de o olhar por uma lente, ao ôlho do sol.

Pelo lado moral, entre Luiz XIV, que era elle proprio o Estado, até os modernos soberanos que não são no Estado mais do que uma hypothese ou uma metaphora, que decadencia!

Os antigos reis fôram assaz intelligentes e assaz fortes para annullarem o velho poder senhorial com a fôrça do povo, e para esmagarem em seguida a fôrça do povo com a instituição do fisco e a instituição dos exercitos permanentes—duas enormes invenções da sabedoria monarchica. Por muito tempo ficaram os monarchas sós no mundo a par de Deus. Tudo lhes pertencia a elles. Os homens que pensa-

vam faziam-o para abrilhantar o reinado do seu príncipe, ou confirmar o poder do seu Deus. Os que escreviam faziam as reaes chronicas, celebravam os reaes feitos, divertiam os reaes ocios ou serviam as divinas lettras. Os que se aventuravam sobre as aguas do mar iam dilatar os dominios do seu rei e os da sua religião. Os que trabalhavam repartiam os fructos do seu trabalho com a Egreja e com a Corôa. Os que tinham filhos, era para os darem ao rei; os que os não tinham era para offererem a sua pureza ao Senhor. Os que titubeavam na sua approvação de um enthusiasmo delirante por este estado de cousas eram traidores ou herejes. Para os traidores havia a bemdicta fôrca; para os herejes, a santissima fogueira. Graças a esses dois poderosos elementos de tranquillidade publica e de ordem, a pacificação era geral e a felicidade dos povos não conhecia limites.

Por fim os reis degeneraram e enfraqueceram. Como viam vermelho e tinham suffocações plethoricas, sangraram-se, e ficaram anemicos. A vida sedentaria, na egreja, no *boudoir*, na alcôva, tornou-os tristes, nostalgicos, cheios de appetites nervosos, de debilidades e de terrores.

Os burguezes comprehenderam-o bem, e elles, tão tímidos, tão subservientes, tão humildes ainda no seculo xvii, acharam os reis tão fracos, descór-

çoados e tibios no presente seculo, que se atreveram com elles, trataram-os de mano a mano, tornaram-se pouco e pouco altivos, arrogantes; impuzeram-lhes ministerios, impuzeram-lhes côrtes representativas, tiraram-lhes o direito de levantar exercitos, o direito de lançar impostos, o direito de desembainhar a espada, e até o direito de abrir a bocca!

Cinco ou seis calças de coiro, filhos das tristeservas e netos das aguas correntes, creados na lama das ruas e no esterco das escholas, repimparam-se nas espaldas de velludo bordadas de lizes de ouro, sob os docéis de brocado, e disseram aos successores de Sancho II, de D. Manuel, de Carlos V, de Francisco I e de Henrique IV: Quem manda agora aqui somos nós — nós e a Carta!

E fazendo tanger o hymno, chegam a levar o rei em charola, de terra em terra como nas antigas procissões de negros e patifes, dando-o a vêr, a cheirar e a apalpar ao povo, em quanto os mandões do sitio, brejeiraes alcaides, corregedores villões e rapinantes almotacés desamadorram os seus chatos pés plebeus bailando a polka com formosas princezas delicadas, mimosas, brancas, ethereas, como as fugitivas visões dos bardos á beira dos lagos ideaes, sob o transcendente luar!

Oh! os reis vão-se! os reis vão-se! E não é a democracia que os condemna, é a biologia que os dissolve, porque elles, creando os casamentos morganaticos, e considerando de mão esquerda as alianças deseguaes, attentaram contra a natureza e blasphemaram do amor.

Julho 1875.

XXXII

Ha tempos que na sociedade portugueza se notava esta grande falta: A hydra da reacção desaparecera da orbita dos conflictos do poder politico e do poder clerical. Os srs. ministros, reunindo se em cada manhã nas secretarias do Terreiro do Paço, perguntavam angustiadamente uns aos outros:

— Não viram por ahi a hydra?

Ninguem a tinha visto por alli. Os joanetes do sr. Barros e Cunha intumesciam de impaciencia por não poderem esmagar o monstro; e o sr. Mexia, sem hydra que acommetter, sentia-se calvar de humilhação na sua dupla qualidade de ministro dos

negocios ecclesiasticos e de preterito imperfeito do verbo Mexer.

N'esta conjunctura por tantos titulos dolorosa o sr. marquez d'Avila, presidente do conselho, tomou uma resolução heroica: determinou ser hydra, do meio dia por deante. E principiou a accumular engenhosamente as suas funcções de bicha ultramontana com as suas funcções administrativas de homem de Estado. Pela manhã s. ex.^a governa. De tarde s. ex.^a rabeia.

Eis um dos resultados da dualidade que s. ex.^a se dignou de assumir para salvar a situação da falta da hydra.

O serviço dos enterramentos era feito em Lisboa na mais perfeita paz. Catholicos e não catholicos eram levados para o cemiterio municipal pelos seus respectivos padres ou simplesmente pelos seus amigos ou pelos seus parentes, e todos tinham o seu logar na cidade dos mortos como o haviam tido na cidade dos vivos. Pedia apenas d'esse facto uma pequena questão canonica, que o sr. patriarcha de Lisboa resolveu do modo mais exemplarmente sensato, ordenando que, visto considerar-se o cemiterio como uma instituição municipal, os parochos benzessem as sepulturas dos que desejassem repou-

sar em terreno sagrado, e não benzessem as d'aquelles que se contentassem com uma modesta cova simplesmente civil. Não tinha jámais de intervir a policia. O ministerio do reino estava a esse respeito completamente socegado em sua secretaría. Finalmente podia-se morrer em Lisboa só pelo gôsto de ser tão bem enterrado.

N'isto o sr. presidente do conselho sobrevem na sua forma de hydra, e determina em favor da morte catholica a creação de um muro semelhante ao que o sr. Guillomin imaginou em França para abrigo da vida privada. A camara municipal de Lisboa reunese para dar cumprimento á portaria de s. ex.^a e discutir o modo de levantar o muro. Propõem-se a tal respeito varios alvitres, sobre os quaes predomina em ultima analyse o do sr. dr. Jardim.

Era previsto que o sr. Jardim seria o vencedor n'este pleito. Concorrem de facto n'esse cavalheiro todas as condições que se requisitam para o triumpho. Em primeiro logar, pelo lado physico, elle dispõe da primeira cabelleira do paiz. Em segundo logar, pelo lado intellectual, elle tem uma fórmula. A sua fórmula é esta: «... *O bucentauro do progresso rasgando os flancos da montanha...*» Sempre que esse homem terrivel arroja para traz das orelhas a sua cabelleira e descarrega sobre os audi-

torios a sua fórmula, a victoria é d'elle. A sua existencia tem sido uma serie nunca interrompida de triumphos, alcançados pela sua cabelleira e pela sua fórmula. Foi pintando cheio de cabello e de ardor o *bucentauro do progresso rasgando os flancos da montanha* que elle triumphou no quinto anno da sua formatura em direito, na defesa das suas theses de doutoramento, na exhibição das provas do seu concurso para lente da Universidade, nas reuniões das associações operarias e philarmonicas de Coimbra, nos conselhos fiscaes dos bancos hypothecarios e de Lisboa e Açôres, nas suas bem conhecidas prelecções sobre o terceiro estado, e finalmente na discussão do muro Guillomin da morte catholica ordenado por s. ex.^a a nobre hydra de Avila e Bolama.

Foi baseado nos seus principios de direito administrativo e de direito canonico, extrahidos do *bucentauro do progresso rasgando os flancos da montanha*, e ardendo em zêlo pela sua alta comprehensão scientifica e philosophica do phenomeno social da religião e do facto biologico da morte, — comprehensão egualmente haurida do já alludido *bucentauro rasgando os supracitados flancos*, — que s. ex.^a o sr. doutor convenceu a vereação lisbonense a aprovar não só a creação de um muro — o que á

hydra parecera sufficiente — mas a de quatro muros, o que ao bucentauro ainda parece pouco.

O muro primitivo da hydra com os tres muros complementares do sr. Jardim fecharão o recinto destinado de ora avante aos enterramentos de todos aquelles que morrem fora do gremio da religião catholica apostolica romana.

Nós suppunhamos que o caracteristico religioso que distingue um catholico dos membros de qualquer das outras cinco mil seitas religiosas que cobrem a superficie da terra era um facto dos dominios exclusivos da consciencia; que esse caracter desaparecia no limiar do obscuro portico infinito onde pára a vida; que o cadaver deixava de ter uma religião, cessava de pertencer á Igreja, para pertencer exclusivamente á chimica. Suppunhamos que o cemiterio considerado não só pelo seu lado civil mas mais principalmente ainda pela intenção do seu instituto christão, era o campo sagrado do respeito, da tolerancia, do esquecimento de toda a discrepancia de idéas, de toda a offensa, de toda a injuria, a mansão eterna do perdão e do amor para todos aquelles que padeceram na terra as amarguras communs da grande humanidade, coberta em toda a redondeza do orbe pela larga benção incondicional de Jesus.

Estavamos grosseiramente illudidos. O cemiterio, o cemiterio de Lisboa pelo menos, o dos Prazeres ou o do Alto de S. João, é puramente um recinto de character official, destinado á fermentação exclusiva das podridões privilegiadas.

Um sr. conselheiro, por exemplo, que morre hydropico na sua cama, bem unguido pela liberalidade amiga do seu cura, bem chapinhado em agua benta pelo compadrio do seu prior, correcta e apparatusamente amortalhado, com as suas calças de galão de ouro duplamente retesadas pela inchação e pelas presilhas, com a sua farda vestida, a sua barba feita, a commenda ao peito, o espadim ao lado, o chapéo armado aos pés, o cordão da ordem terceira de S. Francisco á cinta, vae legitimamente e no uso do mais sagrado direito para o cemiterio, a esperar na morte a trombeta da resurreição da carne, como esperou na vida a hora da sua repartição. No dia da chamada geral no valle de Josaphat elle porá na cabeça o seu chapéo de bicos, e irá tomar o competente logar na gloria eterna, na bancada dos conselheiros, á mão direita de Deus Padre Todo Poderoso.

Mas tu, miseravel canalha, tu, concebido no monturo e dado á luz no cano do exgôtto, tu que não conhecestes pae nem mãe, producto espontaneo da grande immundicie anonyma, apparecido como a

flôr da febre á superficie do pantano, tu que não recebeste baptismo, nem confirmação, nem ordem, nem matrimonio, nenhum finalmente d'esses preciosos beneficios que abrem o céu, e que a Egreja confere por uma tarifa de preços superiores aos teus capitaes, tu, não tinhas no cemiterio de Lisboa senão um logar usurpado, roubado indignamente ás pessoas de bem. Estoiraste para um canto no enchurro em certa noite de inverno. Viveste e morreste fora dos sacramentos da nossa Santa Madre Egreja. És como um cão. A tua natureza humana não é a da outra gente. A tua podridão não é a da cabelleira do sr. Jardim nem a do abafadoiro do sr. marquez de Avila. Tu és uma bêsta. És peor ainda: és um impio. Vão conceder-te agora um quintal para ires debaixo da terra para a estrumeira execranda dos atheus. Grande favor, que não mereces, te fariam estes bons senhores se te remetterssem á equarissagem! Esfolado, distillado, amanhado convenientemente, podias ainda ter o prazer de uma sobrevivencia industrial, util ao teu proximo. Os teus principios chimicos, o teu hydrogenio, o teu oxigenio, o teu carbone, o teu azote, poderiam achar uma applicação prática e decente. Poderias aspirar na tua *outra vida* a abotoar com os teus ossos as calças do sr. marquez de Avila e a lustrar com os teus oleos perfumados a frangipana a

cabelleira do sr. Jardim e de outros doutores. Na estrumeira dos impios que te destinam nada mais serás do que um eterno objecto de execração e de horror para os teus concidadãos. Quando passarem por cima da tua cova os homens serios, a quem está promettido o céu sob a palavra de honra do padre Marnoco e de outros ecclesiasticos, elles cuspirão sobre a tua dissolução infecta. As mães passarão de longe, correndo, com seus filhos pela mão, fazendo-te figas. As velhas senhoras aristocraticas, entrevendo de passagem o teu cypreste agoirento, benzer-se-hão com as suas finas mãos pailidas, e rezarão os esconjuros mais efficazes no fundo tépido dos seus ligeiros *coups*. Assim como as abençoadas sepulturas dos santos fazem os benignos milagres, a tua sepultura dará os horrendos enguiços. E eu te affirmo que ainda havemos de vêr aquelles que eram cegos e que recuperaram a vista abraçando-se ás sagradas reliquias de um bom santo, perderam-a outra vez por a prostituirem fixando-a nas vegetações malignas cujas raizes se tenham contaminado no teu humus perverso! Finalmente serás detestado, abominado, execrado, maldicto, — cem mil vezes maldicto pelos homens, pelas creanças, pelas mulheres, pela cidade inteira.

E cuidas tu, miseravel, que poderás encontrar um dia na eterna justiça inviolavel a compensação

d'este desprezo systematisado, d'este rancor que é um regulamento municipal, d'este odio que é uma lei do reino? Como te enganas! O que tem de te succeder é irremissivelmente o seguinte :

No dia do juizo final tu ouvirás na profundidade do teu estrume o clangor da enorme trombeta mais longa que a via lactea, soprada por um anjo que desde o principio do mundo terá estado a recolher no pulmão para os expellir n'esse instante, todos os estampidos da natureza, todos os bramidos do mar, todas as erupções dos vulcões, todas as quedas das catadupas, todos os estrondos reunidos do vendaval, do trovão e do raio. Não terás remedio senão acordar, — quer queiras, quer não — do teu pesado somno da materia bruta. Serás levado á revista do grande valle por dois ceruleos cherubins de pequenas azas luminosas suspensas nas espaduas como mochilasinhas feitas de pennugem do sol. Esses cherubins dir-te-hão com a sua doce voz polida, affectuosa, mas vibrante: «Vocemecê ha de ter a bondade de passar allí para a mão esquerda de Deus Padre, porque é condemnado.» Tentarás escapulir-te, safar-te para a podridão de que tinhas vindo. Appellarás para o juizo supremo. O árbitro da eterna justiça inquebrantavel cravará em ti os seus olhos. Tu o verás tambem a elle, com a sua longa barba que envolverá toda a terra, o seu bigode de

interminaveis nuvens grisalhas, de cujas guias, ao contacto dos seus dedos, chisparão os raios na amplidão infinita. Ouvirás a sua grande voz, cujas syllabas cahirão na tua alma, a uma por uma, mais pesadas que o Monte Branco e que o Nevado de Sorata. Elle dirá: — «Deram-lhe o baptismo? Não. Deram-lhe a confirmação? Não. Deram-lhe a eucharistia? Não. Deram-lhe a penitencia? Não. Deram-lhe a absolvição da culpa? Não. Não lhe deram nada. O cherubim tem razão. Passe para a mão esquerda.» Então passarás para a esquerda. O teu anjo custodio abrirá um alçapão a teus pés e gritará para baixo, para as profundidades do immenso vertice: — «Fogo eterno para um!» Depois do que, te tocará com um sôpro. Tu despenhar-te-has cortando o espaço como um astro cadente, sem luz, semelhante a uma estrella sombria feita de lama, até te submergires no tremendo abysmo, na punição eterna. E será por todos os seculos dos seculos, sem fim jámais.

Eis ahí tens o que te espera, segundo a religião do dr. Jardim e outros. Religião bem diversa da do santo velho Tobias, que com as suas trémulas mãos decrepitas violava piedosamente as leis vigentes e enterrava elle mesmo os infelizes condemnados pelo rei da Assyria a ficarem insepultos! Bem diversa da d'aquelles christãos da egreja primitiva,

que assombravam Tertulliano empregando mais perfumes para embalsamar os seus mortos do que os pagãos consumiam para celebrar os seus sacrificios; lavavam os cadaveres, envolviam os em seda, velavam-os durante tres dias antes de os conduzirem á sepultura, onde ao som dos hymnos e dos psalmos os collocavam extendidos com a face voltada para o nascer do sol. E não resumiam a caridade em enterrar unicamente os seus correligionarios: os primeiros christãos enterravam tambem, indistinctamente, todos os pagãos pobres e desamparados, todos os hereticos, todos os atheus, todos os impios. Para lhes merecer o amor bastava ser homem. Para lhes merecer o sacrificio bastava ser desgraçado. Por isso dizia o imperador Juliano que fôra a obra gratuita e incondicional de enterrar os mortos a que mais contribuiu para o estabelecimento e para a propagação do christianismo.

Agora, estabelecido o novo cemiterio, resta-nos vêr como s. ex.^a o ministro do reino resolverá os conflictos promovidos contra elle mesmo por s. ex.^a a hydra. E sobre este ponto temos algumas duvidas a que muito desejavamos que o sr. Jardim prestasse por um momento as suas esclarecidas madeixas e o seu profundo bucentauro, ou — porque o digamos n'outros termos — a attenção do seu ge-

nio. Eis um dos casos sobre que pretendemos consultar s. ex.^a:

Imagine o sr. doutor que o seu reverente servo auctor d'estas linhas, não querendo enterrar-se de todo por uma só vez, resolve enterrar-se por partes e dar á terra uma das suas pernas para a terra se ir entretendo.

N'esta hypothese pergunta-se:

Onde é que o sr. doutor determina que se sepulte a perna de que eu tenha o capricho de descartar-me?

Estou prevendo que o bucentauro de s. ex.^a, attribuindo indifferentemente a qualquer das minhas pernas a paternidade do presente escripto, me prescreverá o logar destinado por s. ex.^a aos membros impios e locomotores.

A isto porém replico a s. ex.^a que a minha perna, quer se trate da direita, quer se trate da esquerda, é boa catholica apostolica romana. Tinha eu oito dias de idade, ex.^{mo} sr. quando acompanhei essa perna á pia baptismal, e ahi lhe foi perguntado pelo parcho da minha freguezia, em lingua latina, que a dicta perna a esse tempo ainda não tinha tido tempo de apprender, se queria baptisar-se, ao que meu padrinho respondeu *Volo!* E este *volo* era como se fôsse a minha propria perna que houvesse appren-

dido as linguagens e que assim ousasse exprimir-se. Mais lhe perguntou o parochó se ella acreditava na communicaco dos santos, na resurreico da carne e na vida eterna, ao que ella respondeu, sempre pela bcca do meu padrinho, que em tudo acreditava piamente e que era por isso que alli tinha ido com o seu respectivo pé e com o pequeno appendice que era o resto da minha exigua e innocente pessoa. Desde esse dia até hoje bem várias e bem extranhas aventuras se têm passado com a perna cujas crenças religiosas nos cabe discutir para averiguar o logar que lhe compete na funeral mansão. Ella porém, ex.^{mo} sr. doutor, apesar de todas as vicissitudes que tem atravessado na vida, nunca até hoje contradisse — que me conste — as declarações latinas feitas em seu nome por meu padrinho: *Volo, credo, abrenuntio*. Ella portanto é catholica, e tem direito á sepultura sagrada na terra e á bemaventurança no paraíso. O sr. Jardim não pode de modo algum mandal-a para o cemiterio dos atheus.

Supponhamos agora que o sr. doutor determina que o logar que compete á funeral jazida de uma das minhas pernas é o cemiterio catholico. A essa resolução tenho igualmente de oppôr-me com os fundamentos seguintes:

Uma vez nascida em Portugal, o baptismo, a

confissão, a missa, a communhão, a prática de todos os sacramentos e de todas as ceremonias não significa da parte da minha perna uma affirmação religiosa mas sim uma affirmação civil.

Pelas leis do reino a religião catholica apostolica romana não é facultativa, é obrigatoria. A minha perna não pode entrar no Estado sem ter previamente passado pela Egreja. Na falta de um registo que substitua o assento baptismal para a consigna-ção do nascimento, a minha perna nem sequer portugueza pode ser emquanto não fôr baptisada! Em todo o decurso da vida civil, ella não pode dar um só passo sem primeiramente demonstrar que é catholica. Sem a certidão de baptismo, primeiro, sem o attestado passado pelo parochio da frequencia de todos os demais sacramentos depois, ella não pode fazer exame de instrucção primaria; não pode matricular-se em nenhuma das escholas; não pode entrar no exercito, nem na armada, nem no professorado, nem no funcionalismo, nem na magistratura, nem na representação nacional. Não sendo catholica não pode ter nacionalidade, não pode ter profissão, não pode ter estado, não pode ter mulher, não pode ter filhos, não pode nem ao menos ter nome!

A todas as portas da sociedade portugueza se pergunta á minha perna antes de a deixar pene-

trar, se ella é catholica, exactamente como se lhe pergunta se ella está exempta do recrutamento e se é vaccinada.

Desde que veiu á luz em Portugal, a minha perna, pelo simples facto de nascer, pertence irremisivelmente á Igreja. Sem prévia licença da Igreja ella não pode dar um unico passo para dentro do Estado ou para dentro da familia. Esta simples aspiração, tão modesta: ser filha de meu pae e de minha mãe — a minha perna está prohibida de a ter sem que a Igreja diga que sim. Chega mesmo a ser impossivel o poder eu demonstrar de um modo juridico e authenticico que a minha perna seja effectivamente minha emquanto a Igreja não disser tambem que sim. De sorte que, quando eu ousou dizer *a minha perna*, sirvo-me de uma arrojada metaphora, que espero me seja relevada pelo sr. dr. Jardim. O que eu rigorosamente deveria dizer em linguagem litteral, para me referir á minha perna, era — a perna da Igreja.

Se estamos pois n'um paiz onde o Estado priva absolutamente a minha perna da faculdade de escolher uma religião, chumbando-lhe elle mesmo o catholicismo no tornozelo, como se chumba a grilhetta n'um condemnado, recuso absolutamente ao sr. dr. Jardim e a todos os demais doutores o direito de affirmarem que a minha perna tenha uma reli-

gião. Pelo facto de ser baptisada, de ouvir missa, de se confessar ao menos uma vez cada anno, de commungar pela Paschoa da Resurreição, de jejuar a sexta feira, de acreditar na infallibilidade do Papa, etc., a minha perna não está na religião, está apenas na lei civil, está na Carta. Quanto a crenças religiosas o mais que se poderá dizer da minha perna, apesar de baptisada, de jejuada, de confessada, etc., é que ella é — cartista.

Como porém a criação das duas especies de cemiterios imaginados em Lisboa pelo sr. Jardim e pelo sr. marquez de Avila não pode ter por fim separar os cidadãos que obedecem á Carta dos cidadãos que lhe não obedecem — o que seria absurdo por equivaler a acompanhar a mesma lei de dois regulamentos oppostos, um para o cumprimento d'ella e outro para a sua transgressão, — é claro que não pode ser unicamente pelo facto de estarem os restos de alguém dentro da lei civil que se lhes ha de designar a sepultura sagrada.

Em conclusão final: Dada a coexistencia de dois cemiterios, um catholico, outro não-catholico para o fim de enterrar todo o mundo, a minha perna, pela impossibilidade de se determinar rigorosamente se ella é effectivamente catholica ou se não é catholica, acha-se no caso especial de não poder ser mandada nem para um nem para outro d'esses cemite-

rios, e de ter de ficar insepulta em quanto o sr. dr. Jardim não mandar o contrario.

Ora succede que todos os cidadãos portuguezes, sem excepção alguma, se encontram precisamente nas mesmas condições em que se acha a minha perna.

Não se pode affirmar que alguém é catholico ou que o não é emquanto a criação do registo civil não assegurar a cada cidadão a livre faculdade de exercer ou não qualquer d'estes direitos: nascer sem padre, casar sem padre, morrer sem padre.

Janeiro 1878.

XXXIII

Durante o semestre que finda este mez Lisboa não produziu nem um só livro util, nem uma só notavel obra de arte na pintura, na musica, na poesia.

Não se fez nem uma prelecção nem uma conferencia litteraria ou scientifica. A estação toda passou-se como a estação anterior, como as estações

precedentes, sem que esta sociedade em marasmo dêsse um unico signal de vida intelligente.

Lisboa é hoje a unica capital da Europa em que isto succede. Não queremos dar-lhe em paralelo Paris, Berlim, Bruxellas, Londres, S. Petersburgo, qualquer das grandes cidades da Italia ou da Hollanda. Apontaremos apenas Madrid, e não citaremos senão um dos seus institutos particulares, o *Atheneu*, sociedade da natureza do *Gremio Litterario* em Lisboa. No *Atheneu* os cursos publicos, livres, gratuitos, abriram-se no mez de outubro, tendo havido desde o dia da abertura prelecções, conferencias ou debates em todas as noites. Têm-se ventilado as mais interessantes questões da philosophia e da sciencia social no ponto de vista de espiritos altamente cultos.

Em Lisboa o progresso social, o movimento ascendente da civilisação manifestou-se unicamente pela apparição de tres estancos novos no Chiado e de uma ourivesaria no largo das Duas Igrejas.

Como á falta de objectos para outros interesses mais elevados, nós occupavamos os nossos ocios encostando-nos ás humbreiras das tabacarias a vêr dispersar no ar o fumo dos nossos charutos, as tabacarias comprehenderam que este estado geral dos espiritos deveria começar a fatigar os habitantes de Lisboa, e dotaram-os com sofás. Para o anno os

estancos requintarão ainda as condições de commo-
didade, e hãvemos de vêr os estaqueiros sahirem
ao encontro dos desejos do publico com colchões.
Chegaremos á Casa Havaneza, despir-nos-hemos,
poremos a camisa de dormir e fumaremos os nos-
sos *carvajales* deitados em camas, á porta.

A ourivesaria do largo das Duas Igrejas teve o
successo de uma instituição. Ella é como um tem-
plo ao luxo, como um altar ao deus Ouro, tal co-
mo o conceberiam, erigido com todo o esplendor
do culto, os Pharaós da rua dos Capellistas. A ar-
mação interira da loja é feita em Pariz segundo os
elegantes modêlos das joalharias da rua de la Paix
ou do Palais Royal. Armarios da mais verosimil
imitação de ebano sobre um parquet brunido. Te-
cto de um azul idealisado, representando um trecho
do céo coberto de creme,

Nas vitrines, de um só crystal immaculado, des-
dobram-se em degraus, como n'um throno de laus-
perenne, as pratelleiras de velludo côr de cereja, de
cuja suavidade macia e ardente destacam em vigo-
roso relêvo as joias em exposição. A um lado pen-
dem em meada as correntes de relógio exhibidas
como o corpo de delicto de uma quadrilha de pick-
pocket apanhados com o roubo. Suspensos nas ex-
tremidades das correntes pousam em baixo os ber-

loques, n'um grande molho confuso, como se adornassem um collete monstro sobre o estomago colectivo e proeminente do capital.

Nos logares mais proximos de quem olha estão os miudos objectos preciosos, as finas pedras raras, os olhos-de-gato castanhos e amarellos em pequenas ellipses cujo grande eixo é indicado por uma linha que separa nitidamente as duas côres; as perolas negras de um tom profundo, que não é o preto, é o infinitamente escuro, como a noite; as perolas côr de rosa sobresahindo em cercaduras de brilhantes como capsulas cabalisticas feitas de substancias extrahidas de uma crystallisação mimosa de beijos ternos e de perfumes castos.

No segundo plano apparecem os ornamentos de mais vulto: os broches tremeluzentes e vivos como esparrinhaduras de diamantes e de rubis chispando no ar; as flores imaginosas de pétalas de aljofar ou de saphira, orvalhadas de pulverisações de esmeralda; os medalhões em camafeus preciosos sobre pedras de tres côres nos tres planos da esculptura; as efflorescencias phantasticas das onix, das granadas, das malachites, das opalas; em raios como estrellas, em sobreposições como pinhas, listradas, rajadas, mosquetadas, afestoadas, zebradas, com todas as scintillações do prisma.

Mais longe offerecem-se os braceletes nos seus

estôjos côr de lilaz. Uns são fortes e duros como os violentos desejos, outros vaporosos e finos como simples aspirações platonicas. Nas suas variadas formas têm physionomias, revelam temperamentos. Ha os lascivos e ardentes, colleados em quatro rôscas de um ouro fulvo, terminando n'uma cabeça de cobra esmagada por um esbrazamento de rubí. Ha os contemplativos e ingenuos, de uma côr limphatica, salpicados de frias e innocentes turquezas. Tambem os ha trasbordantes de uma vida farta e victoriosa, largos, rendilhados, superabundantes de côres, expansivos e triumphaes como orchestras, soprando hymnos de um enthusiasmo sanguineo, vermelho, despotico.

Em outra vitrine está a exposição das pratas: os centros de mesa representando palmeiras, á sombra das quaes se empinam cavallos em pêlo, que deverão parecer relinchar de amor no meio das sobremesas, entre as fructas empilhadas geometricamente em pyramide sobre taças de filagrana e os gelados transparentes impregnados de luz, trémulos, côr de topasio; as bacias de mãos, de desenhos byzantinos *repoussés*; os jarros de forma etrusca; assucareiros graves e concentrados como vasos de particulas sagradas; e os grossos bules barrigudos e polidos, nos quaes se espelham os rostos em caricatura monstruosa, com bochechas obscenas, na-

rizes que incham como focinhos de vitella e bôccas que riem até as nucas.

Ao accender as luzes, ás oito horas, e pouco depois, magotes compactos de espectadores estacionam defronte da vitrine das joias. Demoram-se mais as mulheres de amanuenses e de pequenos empregados, costureiras das modistas, que saem a essa hora das officinas quando não ha serão.

Candieiros de gaz com fortes reflectores não só alumiam intensamente os objectos expostos, mas alumiam tambem pedaços de espectadores, em que se podem fazer exames minuciosos, de microscopio.

As mulheres magras, pallidas, que olham, têm as faces oleosas da transpiração do trabalho de 14 horas em pequenos gabinetes abafados, cheios de exalações mornas de roupa suja. Na mão esquerda o dedo que aponta para um colar de mil libras tem uma nódoa escura, esfarpada, produzida pelas picaduras da agulha, e o dedo pollegar mostra uma unha curta atrophiada no habito de esmagar costuras. Os chapéos adornam-se com velhas flôres em terceira mão, desbotadas e tristes; e das cuias, cahidas sobre a mancha gordurosa que tem entre as espaldas a alpaca poída dos vestidos, sae um cheiro acido de cabellos humidos e embrulhados, em fermentação.

Dentro da loja uma bella mulher risonha que se apeou de um coupé, embrulhada em fina renda branca, debruça-se no mostrador e approxima da mão do caixeiro que lhe segura um brinco a polpa avelludada da sua orelha carnuda, sensual, de comilona feliz.

Os espelhos dos angulos da sala e os que forram as vitrines reproduzem infinitamente para todas as direcções essa cabeça bonita envôlta em renda, e mostrada ao mesmo tempo de todos os lados, de frente, de perfil, de tres quartos, acompanhada sempre da mão que enfia o brinco.

As macilentas Margaridas de olhos pisados vão vêr em cada noite esse espectáculo de tentação, em quanto na esquina fronteira, na Casa Havaneza, os Doutores Faustos accendem os seus charutos, e muitos diabinhos invisiveis volitam no ar dizendo segredos, deitando de fora impudentemente as linguinhas de chamma e coçando os seus pequeninos chavelhos com phreneticas contracções aduncas, como quem se sente inteiramente cheio de alacridade e de phosphoro.

Maio 1877.

XXXIV

Um attentado sem precedentes nos fastos do arbitrio executivo acaba de ser impunemente perpetrado contra a ordem moral por um ministro da corôa.

Quando os erros dos ministros versam sobre os negocios das suas respectivas secretarias a critica pode consideral-os sem protesto, como phenomenos normaes em um regimen de dissolução, destinado a acabar um pouco mais tarde ou um pouco mais cedo.

Quando porém a acção do poder exorbita da mancommunação ministerial, da intriga parlamentar e da ficção administrativa, para invadir a esphera do trabalho individual e para violar accintosamente os direitos inalienaveis dos cidadãos, a critica deixa então de proceder pelo desdem, e embora continue a sorrir, tem o dever de pegar no mesmo tição com que Reinaldo de Montauban chamusca no poe-

ma gaulez as barbas de Carlos Magno, e de barbear s. ex.^a o alto funcionario delinquente.

Precisamos de esboçar um pouco de mais alto a physionomia da personagem antes de nos occuparmos da natureza dos seus ultimos actos.

Antigo poeta lyrico, de inspiração canalizada pelos jornaes poeticos e pelos albuns das meninas provincianas, s. ex.^a, abandonando a carreira poetica, foi enviado na idade madura á camara dos deputados na qualidade de leitor do *Times* por um circulo do reino em que se não sabia inglez.

Classificado desde logo na familia zoologica dos mediocraceos, foi declarado inoffensivo pela unanidade dos votos de ambos os lados da camara. O uso quotidiano de uma palavra irresponsavel, que elle debalde tentava sublinhar malignamente sem conseguir que ninguem se occupasse em a controverter, deu-lhe a facilidade de emittir intermittenmente um determinado numero de sons articulados sem connexão logica, sem forma litteraria, sem criterio philosophico, sem intuito politico, os quaes sons reunidos constituem a collecção dos discursos parlamentares de s. ex.^a

Todos se lembram de o ter visto em cada uma das sessões das ultimas legislaturas levantar-se do

seu logar no meio da indiferença bocejante da camara e da galeria, folhear os numeros do *Times* collocados sobre a sua carteira, e abrir o dique da incontinencia oratoria, despejando as palavras n'um tom de melopéa, com a sua voz ao mesmo tempo dôce e nasal, como a de quem fala por um nariz de assucar.

No discurso proferido viam-se desfilar procissionalmente as diversas partes da oração, cadenciadas, graves, acertando o passo, esperando umas, correndo outras para alinhar o prestito, fazendo roda entre parenthesis para entoar um motete, detendo-se para fazer signaes orthographicos a um adjectivo retardatorio, continuando em seguida, para tornarem a parar d'ahi a pouco em torno de um verbo irregular, e proseguirem outra vez atraz de uma interjeição de duvida ou incerteza. Até que, sentindo-se cahir a tarde, principiando a esfalfar os membros do discurso, começando os adjectivos a sentarem-se pelos passeios, os substantivos a tirarem as botas e os adverbios a pedirem de beber, via-se finalmente, ao longe, por entre as tochas, envôlto no pó do caminho, apontar o andor com um simulacro de uma idéa velha, carcomida, safada, sacudida á rua de todas as casas, impellida adeante das vassouras por todos os varredores, apanhada successivamente por todas as

carroças, e por ultimo arrancada do monturo ou do exgôto, lavada, grudada, repintada, retingida, posta em pé, especada entre duas ripas e produzida em publico por s. ex.^a, n'uma exposição solemne, ao fundo de seis columnas de prosa alambicada e catturra.

Estas falas eram acompanhadas por s. ex.^a com variados gestos carinhosos e piegas: já de quem amamenta as metaphoras que tem ao collo, já de quem acaricia e afaga buliçosos e saltitantes tropos adjacentes, já de quem em pitadas aereas vae polvilhando d'ouro o discurso, já de quem com o bico do lapis seguro nas pontas dos dedos se compraz em picar no ambiente argumentos hypotheticos voejantes entre o orador e a mesa adormecida.

Elle no emtanto sorria de quando em quando, ironico e triumphal, circumgirando pela sala no fim de cada periodo um olhar destinado a indicar ao auditorio que dentro do seu pequenino craneo a malicia de Bertholdinho se achava alliada á finura de Polycarpo Banana.

Uma vez pelo menos em cada um d'esses discursos, quando o orador parando, tirava da algibeira da sobrecasaca o seu lenço branco e batia com os nós dos dedos na carteira para que lhe renovassem o copo d'agua, vozes de deputados repentinamente extremunhados applaudiam-o. O que não consta

é que ninguém se lembrasse nunca de o contradizer.

Cahido o dente do sr. Fontes e chamado o sr. marquez d'Avila para formar novo ministerio, s. ex.^a entrou no gabinete a titulo de «character conciliador.» Deputado ás côrtes em successivas legislaturas, tendo a palavra em quasi todas as sessões, tão vigorosamente havia servido a causa ecletica da banalidade que não conseguira crear um unico adversario. Taes fôram os titulos que levaram s. ex.^a aos conselhos da corôa.

Repentinamente investido no cargo de ministro das obras publicas, do commercio e da industria, s. ex.^a para quem a industria, o commercio, as obras, eram outros tantos porticos inaccessiveis, envôltos nas trevas mais augustas, resolveu seguir uma linha de proceder que o levasse á popularidade sem o intrometter na gerencia e na direcção dos negocios.

Para esse fim s. ex.^a começou a passear as ruas de Lisboa montado na imagem rhetorica em que Napoleão nos apparece nos discursos do sr. Manuel da Assumpção. Aos sabbados s. ex.^a tomava o caminho de ferro e dirigia-se em carruagem salão a todos os pontos da provincia em que houvesse uma fabrica, uma officina, um monumento publico para

que olhar, e uma philarmonica para o ir esperar á *gare*.

No desempenho d'esta primeira parte do seu programma s. ex.^a foi de uma actividade e de uma energia sem exemplo. Amanhecia a cavallo, e deitava-se na cama, altas horas, para dormir um momento — sempre a cavallo. Estes exercicios de gineta amestraram o cavallo de s. ex.^a até o ponto de poder elle proprio ser ministro — em liberdade.

Nas suas digressões pelos centros fabrís das redondezas da Extremadura o zêlo de s. ex.^a pelos principios do seu programma administrativo não conhecia limites. Eis uma amostra do character d'essas viagens hebdomadarias:

S. ex.^a chega a Thomar pelo trem do correio ás 12 horas 45 m. da tarde. Uma philarmonica espera-o na estação de Payalvo e acompanha-o ao som do hymno da Carta até casa do sr. conde de Thomar. Ás duas horas da madrugada s. ex.^a ceia e levanta tres brindes, a Thomar, á real familia e á Carta. Ás 4 horas 25 minutos encerramento de s. ex.^a nos aposentos que lhe estavam reservados e leitura do *Times* até as 5 horas 30 minutos. Ás 5 horas 31 minutos s. ex.^a descalça metade das botas e repousa um momento deitando-se sobre uma orelha e escutando com a outra os échos do hymno da

Carta. Às 6 horas, convergencia das fôrças musculares de s. ex.^a sobre os puxadores das suas botas e pedido d'agua morna para barba de s. ex.^a Às 7 horas, sahida de s. ex.^a dos aposentos que lhe estavam reservados, presença de s. ex.^a no terraço da casa e aspensão dos raios visuaes de s. ex.^a sobre a paizagem circumjacente. Às 8 horas recepção da camara municipal e dos tres ou quatro maiores contribuintes. Às 9 horas almôço com brindes de s. ex.^a á Carta, a Thomar e á real familia. Às 10 horas ida para a fabrica de fiação. Às 12 horas *lunch* na fabrica e brindes de s. ex.^a á real familia, a Thomar e á Carta. Á 1 hora da tarde volta para Thomar, jantar e brindes de s. ex.^a á Carta, á real familia e a Thomar. Às 3 horas 35 minutos partida, cortejo, hymno pela philarmonica na estação de Payalvo, e regresso de s. ex.^a á capital.

Uma vez por semana, ás quintas feiras, s. ex.^a acompanhava os seus collegas ao Paço. Tendo mostrado sobre o chouto da allegoria do sr. Manuel da Assumpção que possuia uns rins de bronze; tendo provado nas digestões accumuladas das mayonaises do sr. conde de Thomar e dos pudings da fabrica de fiação que era dotado de um estomago de aço, s. ex.^a aproveita os seus encontros com o soberano para convencer a côrte de que reune a esses dotes

anatomicos a feliz particularidade de uma espinha de manteiga.

Submettido ao olhar de suas majestades, constata-se que a posição vertical de s. ex.^a dobrava como uma vela ao sol, sob a temperatura de 45 graus Reaumur. Contemplado pela rainha s. ex.^a deprimia-se progressivamente, acachapando-se. O seu uniforme fazia as pregas de uma concertina que se fecha. A rainha, caridosa, olhava então para outra parte afim de que os tecidos democraticos do seu secretario de estado não acabassem de derreter, deixando nos degraus do throno, como despojo de quanto representara no Paço o departamento das obras publicas, um fardamento, e uma calva.

Impedido de fundir, s. ex.^a procura manifestar por outros actos o ardor do seu zêlo como novo aulico.

Para esse fim atropela as disposições legislativas que regulavam o arrendamento das casas do Busaco entregues á administração geral das mattas, rescinde os contratos legalmente feitos com os arrendatarios, expulsa as familias que habitavam o convento, e offerece este a sua majestade a rainha para ella passar a estação calmosa — nas casas dos outros.

Desde o tempo dos antigos aposentadores môres, que precediam os reis absolutos nas suas viagens e

faziam despejar as casas occupadas por seus donos para n'ellas se installar a côrte, nunca o servilismo ousara fazer reviver para lisonjear os reis um dos mais oppressivos privilegios monarchicos, o privilegio das aposentadorias, abolido desde 1820. Os mais atrevidos e insolentes mandões não ousaram jámais ultrajar por tal modo o direito e a liberdade. Era preciso para isso ter como s. ex.^a a natureza chinesa de um mandarim; pousar no paço tão passivamente e tão irresponsavelmente como pousa um boneco de porcellana, acorocado a um canto n'uma prostração burlesca, bulindo automaticamente com a cabeça e deitando a lingua de fora ou metendo-a para dentro, segundo leva ou não leva da real mão um piparote na nuca.

Para bajular el-rei como bajulára a rainha, o mandarim determina que obras extraordinarias se façam na estrada de Vidago, e manda abonar por conta do ministerio das obras publicas salarios na importancia exorbitante de 17200 réis por dia aos operarios empregados em um dos lanços da estrada alludida.

Estes factos porém, definindo cabalmente o mandarim pela sua face de cortezão, não o definiam sufficientemente pelo seu lado de ministro. Os conselheiros de s. ex.^a tangeram-o na nuca para o fazer

deitar de fora algumas portarias. Aproveitou-se o pretexto das obras da Penitenciaria, e s. ex.^a principiou a verter portarias sobre essas obras.

Foi então que no *Diario do Governo*, por uma bella manhã, appareceu o notavel documento que nos propomos analysar e começamos por transcrever:

«Sua majestade el-rei, a quem foi presente o processo relativo ao contracto celebrado em 18 e 19 de setembro de 1876 pelo director das obras da Penitenciaria central de Lisboa com João Burnay, para fornecimento de ferros para as obras d'aquelle estabelecimento, considerando:

«1.º Que esse contrato se encontra viciado;

«2.º Que n'elle se não observou o que dispõe o artigo 10.º do regulamento de 15 de abril de 1856 e circular de 15 de maio de 1862;

«3.º Que não se abriu praça nem se fez deposito algum, conforme dispõe a circular de 15 de maio de 1857, e as clausulas e condições geraes das empreitadas das obras publicas de 8 de março de 1891;

«4.º Que ao contrato, por conta do qual o empreiteiro recebeu adeantadamente a importancia de 88:889:312 réis, falta a approvação do governo, segundo o disposto no artigo 2.º das mesmas clau-

sulas e condições geraes e da circular de 15 de maio de 1862:

«Ha por bem ordenar que se dê por findo e terminado o dicto contrato, procedendo-se á liquidação dos artigos já fornecidos ou em deposito, observando-se de futuro todas as prescripções em vigor n'este ministerio para quaesquer contratos em que elle tenha de interferir.

«O que, pela secretaria de estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria, se comunica ao director das obras publicas do districto de Lisboa, para os devidos effeitos, em referencia ao seu officio datado de 26 de junho ultimo.

«Paço, em 3 de julho de 1877.

Por esta portaria rescinde-se sem mais appellação nem aggravo um contrato bilateral, entre um industrial, e o governo. Ora o governo não é um poder pessoal, de character intermittente ou caduco, que acabe com este funcionario e que recommeca com aquelle. O governo é uma entidade impessoal e constante.

S. ex.^a o actual ministro é obrigado a manter todos os contratos feitos pelo seu ministerio, porque em quanto ministro s. ex.^a não é um individuo, é o governo. O governo fez um contrato com o sr. Burnay, esse contrato acha-se em execução, o go-

verno porém resolve por sua propria auctoridade rescindir o mesmo contrato, e manda passear o sr. Burnay. Vejamos com que fundamentos juridicos se annulla, sem mais formalidade que a publicação de uma portaria, um contrato de semelhante natureza:

O sr. ministro allega em primeiro logar:

Que o contrato se acha viciado. A isto responde o engenheiro constructor da Penitenciaría e signatario do contrato por parte do governo que a viciação allegada consiste em se haver alterado a data em que o sr. Burnay se compromette a concluir os seus trabalhos, mudando-se os numeros 1877 em 1876. O resultado d'esta viciação era collocar o sr. Burnay sob a acção de uma multa por não ter concluido a sua obra no prazo prefixo. É evidente que não podia ser o sr. Burnay que viciasse o contrato raspando um algarismo que o interessa e substituindo-o por outro que o prejudica.

A viciação do contrato é por tanto um facto necessariamente alheio á intervenção do sr. Burnay.

A legislação invocada nos considerandos 2.º e 3.º, não tem cabimento, porque todos os regulamentos das empreitadas das obras publicas previnem os casos em que *a concorrência possa prejudicar a rapidez ou a perfeição do trabalho* e em que o de-

posito pode ser substituído por fiança ou por outras garantias prestadas pelo empreiteiro.

E ambos estes principios são reconhecidos pelo sr. ministro, o qual contratou elle mesmo novas obras com o sr. Burnay depois da publicação d'esta portaria, sem abrir concurso e sem fazer deposito.

As afirmações contidas no considerando n.º 4 são puramente falsas, como já declararam publicamente os engenheiros Ferraz e Burnay. A falta da approvação do governo é uma mentira e o adiantamento de 88:886~~7~~312 réis é uma calúnia.

Suppondo porém que as obras devessem ser feitas por concurso e mediante deposito, perguntamos: que responsabilidade pelo facto de não haverem sido satisfeitas essas clausulas pode caber ao fabricante, ao fornecedor ou ao empreiteiro com quem o governo contratou? Queriam por acaso que fôsse o sr. Burnay quem abrisse o concurso? que fôsse elle quem a si mesmo se obrigasse ao deposito? Se não se cumpriram as formalidades a que a portaria se refere, a culpa é unicamente do governo. Como é pois que o governo rescinde um contrato por um facto cuja culpa é d'elle e não do individuo com quem elle contratou?

Podem aquelles que têm negocios com o governo ficar sujeitos a semelhante arbitrio?

Pode o governo annullar assim um contrato em

que se acham envolvidos interesses avultados d'aquelle com quem é feito, unicamente porque o governo diz reconhecer que não contratou nos termos em que devia ter contratado?

Foi approximadamente isso mesmo o que fez a camara municipal com relação ao contrato do Passeio Publico. A camara rescindiu o contrato, mas o governo dissolveu a camara. Quem é que ha de dissolver o governo, réo de delicto egual ao da camara?

Em vista de um tão flagrante attentado contra os seus interesses industriaes, contra o seu crédito e contra a sua honra, porque a portaria alludida é cheia de vagas insinuações insultantes e injuriosas apesar de cobardemente rebuçadas, o sr. João Burnay representou ao governo requerendo que se lhe dê vista do processo em que é ao mesmo tempo accusado e punido, e que sobre o mesmo processo sejam ouvidos os fiscaes da Corôa e da Fazenda. O sr. ministro não despachou esta petição e manteve os effeitos da sua portaria absurda, falsa, calumniosa, e infamante.

É a isto que nós chamamos o mais violento dos attentados perpetrado pelo arbitrio executivo contra a ordem moral e contra os direitos dos cidadãos.

O sr. ministro é um criminoso deante do codigo e deante da Carta.

A Carta torna-o responsavel no artigo 103 por tres delictos que commetteu publicando a portaria de 3 de julho de 1877: por abuso do poder, por falta de observancia da lei, e pelo que obrou contra a liberdade e contra a propriedade de um cidadão.

Perante o codigo attentou contra dois dos direitos que a lei civil reconhece e protege como fonte e origem de todos os outros,— contra o direito de apropriação e contra o direito de defesa (artigo 359).

A insinuação feita ao sr. Burnay de ter viciado um contrato que elle não viciou e de haver recebido a titulo de adeantamento uma quantia que elle não recebeu, colloca o signatario da portaria que encerra essa calumnia sob a acção do artigo 2364 do codigo civil, que diz o seguinte:

«A responsabilidade criminal consiste na obrigação, em que se constitue o auctor do facto ou da omissão (na portaria ha a omissão e o facto) de submeter-se a certas penas decretadas na lei, as quaes são a reparação do damno causado á sociedade na ordem moral. A responsabilidade civil consiste na obrigação, em que se constitue o auctor do facto ou da omissão, de restituir o lesado ao estado

anterior á lesão, e de satisfazer as perdas e damnos que lhe haja causado.»

Um só caso previsto no código pode relevar o sr. ministro da responsabilidade civil e da responsabilidade criminal da portaria que perpetrou. Esse caso é o de completa embriaguez ou de provada demencia.

Cumprê notar que o cidadão João Burnay, sobre quem pesa uma tal offensa, não é um empreiteiro vulgar, um especulador de concursos ficticios ou simulados para apadrinhar intrigantes. João Burnay é um engenheiro de primeira classe, um mathematico distincto, uma intelligencia largamente cultivada, um character inviolavel. Como trabalhador elle é o mais elevado exemplo que se pode propôr á mocidade portugueza. Nenhum outro homem da geração moderna espalhou como elle em volta de si pelo puro exercicio das suas faculdades creadoras uma tão grande e tão preciosa actividade. É o proprietario e o chefe de uma grande officina modêlo do seu genero. Pelo esforço do seu talento extrae da natureza os elementos que fazem subsistir honradamente na sociedade de Lisboa alguns centenares de familias. Todo o paiz em movimento de civilização se lisonjearia de o poder contar entre os seus filhos mais prestantes e mais benemeritos, porque é por

meio da iniciativa de homens como elle que os Estados se moralisam e se enriquecem.

Na nossa sociedade estagnada pela indolencia e pela corrupção elle é impunemente estorvado, calumniado, atraído na mais legitima das suas aspirações — a aspiração do trabalho, por um ministro filho da intriga constitucional, sahido do parlamentarismo mais banal e mais chato, não exercendo nunca o trabalho nem sendo capaz de o respeitar em quem o exerce, tendo vivido sempre no parasitismo da politica, não produzindo cousa alguma, não tendo finalmente servido aos seus semelhantes para outra cousa que não seja empobrecel-os quando come e corrompel-os quando governa.

Todavia não queremos mal a s. ex.^a Elle é simplesmente o producto fatal do seu meio. Inspira-nos um interesse sympathico a triste maneira de acabar que o está esperando. Os seus erros successivos offerecerão á critica e ao ataque uma vasta superficie exploravel. As suas faculdades não lhe permittirão defender-se.

D'aquí lhe fazemos uma prophecia: será medonhamente batido e deploravelmente derrotado, não porque offendeu o direito na pessoa de um trabalhador obscuro, o engenheiro João Burnay, não, porque foi injusto, mas sim porque é inhabil e por-

que é fraco. É isto, e não aquillo, o que nunca lhe perdoarão os partidos politicos com os quaes irá dentro em pouco achar-se em hostilidade. Será o alvo das retalições mais violentas, dos discursos mais acerbos na camara, dos artigos mais explosivos na imprensa. Hão de cercal-o os seus adversarios como cercam os cães um javardo condemnado a morte. O improprio ha de se lhe aferrar ás espadas e ha de mordel-o na nuca. A ironia ha de rir-lhe no nariz com uma gargalhada feroz, mostrando-lhe os dentes anavahados e agudos, — de jacaré. A logica ha de lançar-lhe ao pescoço a sua gollilha forrada de puas de ferro e ha de levalo de rastos por um grilhão atraz d'ella. A pilheria ha de pôr-lhe rabos. A chalaça ha de pegal-o com breu á cadeira de ministro. A chufa ha de coser-lhe as abas da casaca a um trambolho. A pulha ha de deitar-lhe pós de sapatos. A laracha ha de esguichal-o com tinta de campeche. A chacota ha de fazer-lhe sahir do nariz bandeirolas e baralhos de cartas. A troça ha de dar-lhe no ventre estrondosas palmadas de zabumba em theatro de feira.

E nós apiedar-nos-hemos, porque nos magôam os espectaculos em que se destróe para sempre a dignidade de um homem. É por isso que damos a s. ex.^a um conselho amigavel. S. ex.^a pode ser ainda um cidadão util e respeitavel. O que não pode é

alliar esses titulos com o de ministro e secretario de Estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria.

Ha uma cousa mil vezes mais meritoria do que ser um mau ministro, é ser modestamente um bom homem. S. ex.^a pode ser um bom homem. Seja-o. Seja-o para honra sua e dos seus semelhantes. Demitta-se. Vá para sua casa.

Ser um ministro do genero de s. ex.^a é facil. Não o ser, porém, não é mais difficil. Vá para casa. Dizem-nos que é rico. É além d'isso anglomano. Vá para casa cultivar esmeradamente a sua anglomania, sem desdouro para si nem para a especie de que faz parte. A exiguidade do seu craneo, cuja circumferencia mede uma quantidade de centimetros extremamente inferior á que a sciencia anthropologica exige para a elaboração das grandes e fortes idéas, não o impede ainda assim de ser, por exemplo, um cultivador modesto e prestante. Os chapéos do fallecido sr. Thiers, do sr. Disraeli, do sr. de Bismarck caem até o pescoço de s. ex.^a e deixam a sua minguada cabeçinha tanto á larga dentro d'elles como um ovo dentro d'um sino. Mas ninguem tem obrigação de possuir precisamente o cerebro de um reorganizador e de um estadista. A massa cephalica de que s. ex.^a dispõe habilita-o perfeitamente para ser muito util, dirigindo a cultura

da celebre batata-rim, tão rara, tão preciosa, tão procurada no mercado de Londres. S. ex.^a poderia ainda tentar nas suas vastas propriedades a criação em grande escala dos coelhos á moda ingleza, o fabrico da manteiga, a queijaria, a piscicultura, o aperfeiçoamento das raças lanigeras, o estabelecimento das pateiras e das capoeiras-modêlos, etc. Se s. ex.^a applicasse as fôrças do seu nervosismo a prestar á humanidade esses serviços modestos mas valiosos, s. ex.^a teria as grandes alegrias, as profundas satisfações tranquilladas das naturezas harmonicas, e o seu nome seria querido e abençoado como o de um cidadão prestadio e de um homem de bem.

Persistindo em ser um politico, s. ex.^a deixará apenas na terra o desprêzo com que a humanidade castiga aquelles que, imaginando servil-a, não fizeram senão prejudical-a.

Assim como a ferocidade, a incompetencia tem tambem os seus Attilas. A differença é, que uns queimam a herva, os outros comem-a. O estrago é o mesmo.

Setembro 1877.

XXXV

O maestro Barbieri e madame Josephina Amann fizeram-nos ultimamente a mercê de levantar por um momento na ponta electrica das suas batutas o gôsto musical da população lisbonense. O publico entreabriu por um instante a palpebra somnolenta, picada como n'um raio de sol matinal pelas nitidas e scintillantes melodias de Beethoyen. Em varios cerebros trôpegos houve como a ondulação buliçosa de um tempo de valsa. Um sorriso espirituoso esvoaçou em labios a que até então não chegara nunca a taça olympica da arte. Diriamos, emfim, pelo aspecto de comprehensão esthetica que assumiu em alguns concertos a physionomia do auditorio, que o publico — a ser admissivel esta hypothese — ia talvez acordar.

Aproveitamos pressurosos esse estado de meia vigilia para termos a honra de servir uma pequeni-

na idéa artistica, embrulhada n'um papel, e posta em uma bandeja aos pés do sr. ministro da guerra.

Sr. ministro! Por um velho habito adquirido, posto que inteiramente inverosimil e inexplicavel, este povo verte annualmente de seu bolso nos cofres do ministerio de vossa mui bellicosa excellencia a quantia de 4:000 contos de réis. Estes 4:000 contos destinam-se a manter no reino e a fazer passar uma vez por anno em frente do terraço de D. Maria, em roda da estatua do dador da Carta, um certo numero de regimentos com as suas musicas á frente tangendo o hymno da dicta Carta.

Ora sendo esses regimentos completa e absolutamente inuteis para toda e qualquer outra cousa que não seja o terem uma musica para tanger o hymno, o que é que se segue, excellentissimo guerreiro e senhor? Segue-se, em rigor, que este povo não paga 4:000 contos por anno a v. ex.^a para o exercito: paga-lh'os unicamente para a musica.

Esta circumstancia parece-nos que dá ao povo um tal ou qual direito a formular respeitosa e perguntar que nós trazemos n'esta bandeja á presença de v. ex.^a:

— O que é que faz a musica?

As tropas que não tocam instrumentos musicas sabemos nós perfeitamente o que fazem. Fazem o

pretexto chamado *regimento* encarregado de tomar as armas e de impellir adeante de si, com passo mais ou menos veloz, a musica. A nossa questão pois — digne-se v. ex.^a notal-o benignamente — é simplesmente esta :

— O que faz a musica ?

Ex.^{mo} sr., não azedemos o debate com os rancores partidarios. Não campeemos infrenes no terreno das allusões pessoaes, ex.^{mo} sr. ! Não é de modo algum nosso intento lançar a minima suspeita sobre as cornetas de chaves da fôrça publica. A unica cousa que pedimos a v. ex.^a é que se digne prestar por um momento o seu ouvido mavorcio aos ventos do seculo. Ouve por acaso v. ex.^a tanger os instrumentos de sôpro da fôrça publica ? Não os ouve tanger, pois não ? Nós pela nossa parte tambem os não ouvimos.

Repetimol-o : não queremos descer á tela das aggressões pessoaes, ex.^{mo} sr. ! Citamos apenas o facto : — Nós pagamos 4:000 contos annuaes para a musica tanger, e a musica não tange.

Não ignoramos que as musicas têm, além da responsabilidade do hymno, a responsabilidade da defesa nacional. Se v. ex.^a nos affirma — não sob a sua artilharia, que essa não nos offerece garantias sufficientemente solidas, — mas sob a sua palavra, que as musicas se acham constantemente na fron-

teira rebatendo a golpes truculentos de figle a invasão das hostes inimigas, nós curvaremos a cabeça, remettendo-nos ao silencio.

Mas se v. ex.^a não pode afiançar-nos que os figles se acham todos em batalha bombardeando o inimigo, então que a musica toque para nós assim como nós pagamos para a musica.

Mandar uma charanga aos domingos tocar duas horas no Passeio Publico e outras duas horas no Passeio da Estrella, não é bastante. Em Pariz, em Vienna, em Berlim, em toda a parte onde ha exercito, as musicas militares tocam nos sitios publicos não um só dia, mas todos os dias da semana.

Ousamos pois esperar que v. ex.^a ordene que as musicas dos regimentos de Lisboa toquem todos os dias durante algumas horas no Passeio Publico, no Aterro, na Estrella, no Loreto e na Graça.

Lembrariamos tambem a conveniencia de não abandonar inteiramente ao arbitrio dos srs. mestres das musicas a escolha das peças que nós tivermos de ouvir.

O programma d'esses concertos gratuitos, destinados a influir na educação esthetica de um povo creado a ouvir unicamente guitarrar o fado, deve ser feito pelo Real Conservatorio. É certo que o Real Conservatorio é uma instituição puramente nominal: é por isso tambem que só lhe pedimos que

nos dê alguns nomes — os nomes das boas symphonias.

Se este suave trabalho de nos fazer ouvir musica decente é incompativel com as fôrças do exercito entendemos então, sr. ministro, que, só para fazer vista em frente do terraço de D. Maria e em redor da estatua do dador, a musica do exercito — o que é o mesmo que dizermos o proprio exercito todo — poderá vantajosamente substituir-se por alguns clarinetes enfileirados no Rocio ou enristados contra o inimigo na fronteira.

Maio 1879.

XXXVI

E tal a importancia que tem o poder do patronato nas convicções portuguezas que quando ultimamente cahiu enferma sua majestade a rainha, os mesarios das differentes confrarias religiosas (que são os individuos com mais relações pessoaes no céo) decidiram logo que não seria possivel conseguir que sua majestade morresse com menos precipitação, nem com menos frequencia, senão metten-

do-se alguns empenhos a Deus. E começaram as preces da parte de todas as irmandades.

O Altissimo, coagido pelos estuches das corporações religiosas de todo o reino, foi obrigado a ceder por esta vez, e a infausta morte da augusta soberana ficou para outra occasião.

Os mesarios, considerando que a existencia de sua majestade não era mais do que um favor particular do Todo Poderoso a ss. ex.^{as}, determinam agradecer a deferencia divina e entôam *Te-Deums* para o fim de tornar publica no céo a gratidão de que se acham possuidos.

Nós tínhamos visto o patronato substituir a capacidade intellectual e moral dos cidadãos; tinhamol-o visto sob a forma de rectidão, sob a forma de justiça, sob a forma de competencia, sob a forma de portaria, sob a forma de decreto, e sob a forma de sentença. Não podemos occultar a alegria com que folgamos de vêr mais uma vez esse conhecimento velho sob o aspecto novo de agente therapeutico para uso das corôas indispostas.

Emquanto os mesarios manipulavam a tisana do empenho ao Divino para acudir á rainha, o povo, conscio de seus deveres em tão dolorosa conjunctura, dirigia-se aos reaes paços e collocava-se pressuroso e amante ao lado de el-rei afflicto, para o mitigar.

O soberano, voltando por acaso a cabeça para o lado em que estava o povo, e vendo-o no acto de o mitigar pelo dicto lado, considerou-se feliz e lançando mão da penna escreveu ao sr. Fontes, no seu estimado favor de 4 do corrente, as palavras seguintes:

«Felizes os reis que, nos seus dias de amargura, encontram o povo ao seu lado para pelo seu amor lhes mitigar a afflicção. Desejo pois, meu caro Fontes, que faça constar a todos os portuguezes quão gratos estamos a rainha e eu a tantas provas de interesse e affeição».

Logo que recebeu o real favor de 4, o sr. Fontes correu veloz ao lado de el-rei para agradecer ao povo. Mas o povo não se achava já áquelle real lado. Tendo mitigado a afflicção do monarcha, o povo, pegando no chapéo, na bengala e no estôjo dos lenitivos, desaparecera como por encanto. O sr. Fontes diligente procurou-o debalde por todos os cantos do palacio, por traz das portas, por debaixo das camas, pelas frinchas do throno.

O soberano sentado no solio, com a sua corôa na cabeça e o seu sceptro em punho, houve por bem dizer com majestade:

— Procurem-o que hão de dar com elle! Ainda agora mesmo elle esteve aqui assim, que o vi eu, a este régio lado, mitigando-me.

E, pousando o sceptro nos joelhos e cerrando um pouco os olhos, sua majestade repetia a cantata dirigida ao sr. Fontes em data de 4: *Felizes os reis, etc.*

O sr. Fontes transpirava de angustia, porque não podia achar o povo. S. ex.^a interrogou os archeiros: — Viram por acaso sahir o povo? — Mas os archeiros não tinham visto nem sahir nem mesmo entrar semelhante sujeito.

O sr. Fontes arrancava o cabello aos punhados e dava-o ao sr. Nazareth, dizendo-lhe com furia.

— Não posso saber o que foi feito do povo!...
Maldição!

El-rei mettia o sceptro debaixo do braço, cruzava os braços no peito com tenacidade e repetia:

— Procurem-o até o achar! *Felizes os reis, etc.*

O sr. Fontes tomou então uma resolução desesperada. Dirigiu-se ao sumilher da cortina e pediu-lhe que corresse a cortina. Correram-lh'a. E s. ex.^a bradou com voz afflictiva para o interior dos reaes paços:

— Pegou para ahi alguém no povo, que estava ainda agora aqui assim ao lado de el-rei?

Ninguém se accusou.

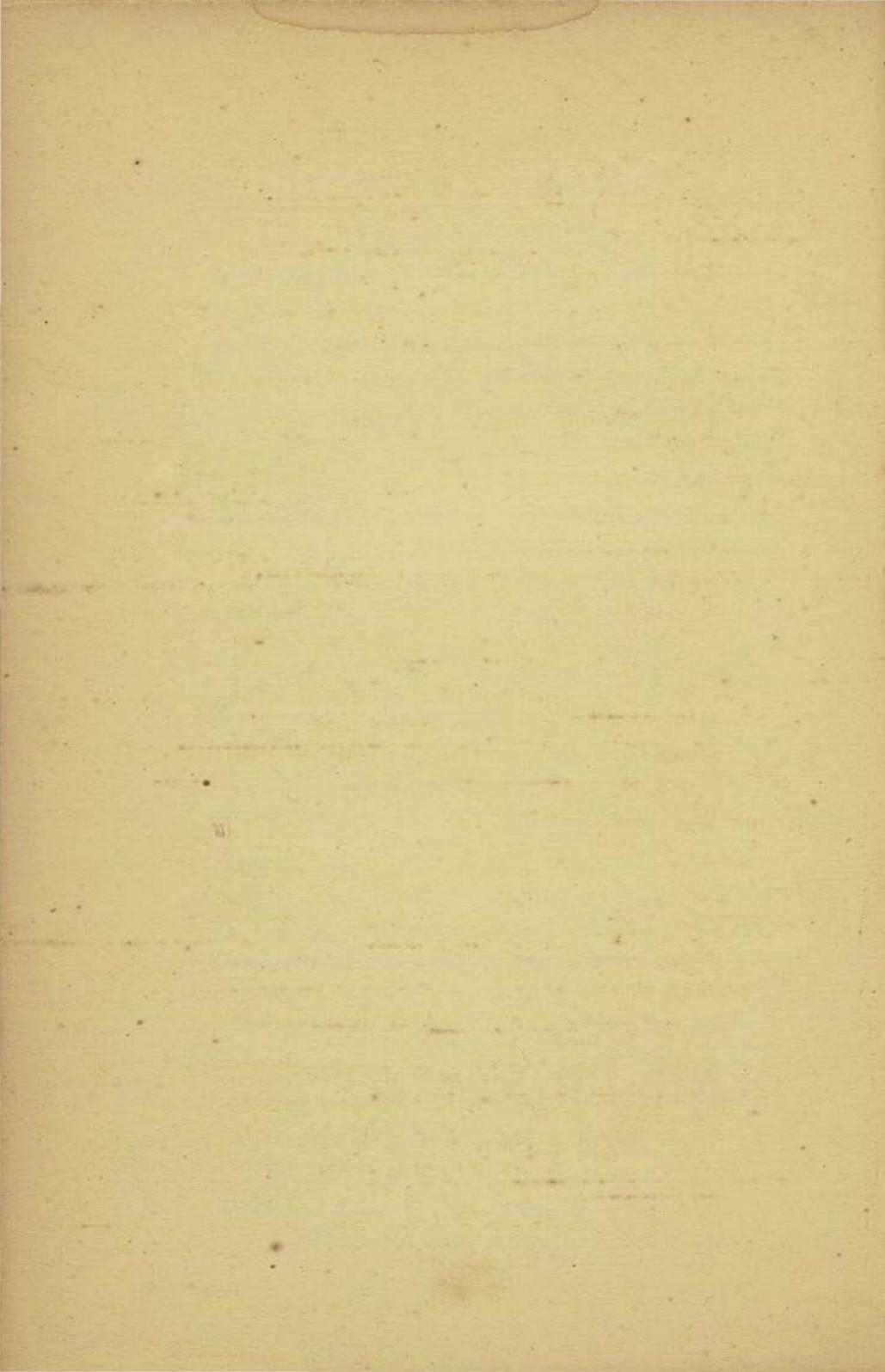
O sr. Fontes deu um nó no collar do Tosão de Ouro que trazia ao pescoço, e principiou a puxar. S. ex.^a ia terminar seus dias. Mas el-rei deteve-o com um gesto, dizendo:

— Comprehendo tudo! Retirem-se. Escusam de procurar mais.

E o príncipe enrolou-se todo no manto real, carregou a corôa para cima dos olhos, e ouviram-o dizer, sombrio e tetríco, com voz cava:

— Fizeram-lhe o mesmo que me costumam fazer á prata por occasião dos festins; roubaram-me o povo! *Felizes os reis, etc.*

Assim nos contaram os factos, que reproduzimos com a devida reserva.



INDEX DO TOMO X

I-VI	Sua majestade o imperador do Brazil em Lisboa. — Guia d'este viajante — A população. — As illuminações. — Palavras de sua majestade. — Sua toilette. — Suas excavações historicas. — Seu incognito. — Attitude da poesia lyrica n'esta jubilosa coujunctura.....	5
VII	Carta ao sr. ministro do imperio do Brazil em Lisboa. — A theoria do ridiculo.....	43
VIII	O Brazil visto a vôo de sabiá. — A natureza. — A civilisação. — O emigrado.....	53
IX	A emigração segundo o sr. Alexandre Herculanoo. — A emigração forçada. — A emigração voluntaria. — Qual convém impedir. — Qual convém proteger.....	82
X	A questão do Pará. — O colono portuguez e o indigena brasileiro. — Sua irreconciliação. — Causas d'esse phenomeno.....	96
XI	Um folheto brasileiro. — <i>Duas palavras aos leitores das Farpas</i> . — Breve analyse d'este escripto.....	108

XII	A proposito de uma exposição de Bellas-Artes. A pintura e a esculptura em Portugal. — A influencia social. — As causas de decadencia.	119
XIII-XIV	A nossa India. — Seu corpo de engenheiros. — Sua eschola de medicina. — Seus meios de transporte.....	135
XV	O castigo dos impios no Funchal.....	145
XVI	Como se faz o recrutamento militar. — O exer- cito. — As substituições do exercito.....	147
XVII	Livros, graxa e massa de matar ratos.....	151
XVIII	A instrucção na Italia e o mal dos espiritos em Portugal.....	154
XIX	A Sociedade de Geographia. — Uma conferen- cia sobre a colonisação africana. — Como a educação portugueza prepara os homens para o trabalho. — O catholicismo na Africa. — As missões ecclesiasticas.....	163
XX	O inquerito indnstrial. — Porque não ha indus- tria? — Porque não ha capital? — Porque não ha saber? — A historia de um museu indus- trial em Lisboa. — Fradesso da Silveira....	174
XXI	Um collegio de instrucção. — Os methodos pe- dagogicos na instrucção da infancia e na edu- cação superior.....	183
XXII	A transformação da quinta das Laranjeiras pelo duque de Abrantes y Liñares. — A quinta de producção e a quinta de recreio. — Basta de luxo e de esterilidade l.....	188
XXIII	A criminalogia e os tribunaes. — Classificação dos crimes. — O caso de Joanna Pereira e o caso do parcho de Travanca de Lagos. — A justiça dos homens.....	197

XXIV	A exposição portugueza no Rio de Janeiro. — A sala de D. Diniz, a sala do infante D. Henrique, a sala de D. João V	203
XXV	Viajem de Suas Majestades e altezas pelos seus reinos. — Narrativas telegraphicas. — Philosphia d'essa viagem. — O Bussaco, o Porto. — A infancia protegida pela corôa. — O mobilamento das mattas. — As serras forradas de papel.....	213
XXVI	A musa moderna — Conselhos a um joven poeta.....	226
XXVII	Inauguração dos concertos classicos no theatro de D. Maria	234
XXVIII	O sr. Possidonio no Instituto de França. — A actriz Emilia das Neves.....	238
XXIX	O nosso codigo de justiça militar. — A pena de morte. — A disciplina. — A theoria do pontapé em circulaçãõ na sociedade portugueza. — O soldado Antonio Coelho. — O presidio.....	242
XXX	Os <i>Laazaristas</i> , drama de combate. — Procura-se a hydra da reacção para a combater por meio d'este drama, e não apparece a sobre dita hydra. — O entrecho da peça. — As personagens. — A moral	246
XXXI	O parentesco real do duque de Loulé. — Os casamentos morganaticos, ou de mão esquerda. — A degenerescencia dos reis pelos casamentos consanguineos. — O fim de uma casta.....	257
XXXII	Onde está a hydra da reacção? — Para prehencher a lacuna da hydra o sr. marquez	

	d'Avila determina sacrificar-se e substituil-a.	
	— O papel de hydra representado por s. ex. ^a	
	— A questão dos cemiterios, dando em resultado não ter a gente onde se enterrar...	264
XXXIII	Productividade artistica de Lisboa. — Mais dois estancos no Chiado. — Uma ourivesaria nova. — Influencia d'estas creações no espirito publico.....	280
XXXIV	Attentado de um sr. ministro da corôa contra a ordem moral. — Perfil parlamentar e politico de s. ex. ^a — Historia do seu caso.....	287
XXXV	O que é um regimento no exercito portuguez? Grupo de homens encarregados de levar adiante de si uma charanga. — O povo verdadeiramente não paga para a tropa, paga para a musica — Porque não tange para o povo a musica que o povo paga?.....	307
XXXVI	A superstição do patronato. — Empenhos ao Todo Poderoso por parte das irmandades e das confrarias religiosas, para que a saude de sua majestade a rainha se restabeleça. — Notavel attitude do povo ao lado de el-rei....	311

